



MEMÓRIAS DE UM CAMINHAR ATENTO



Ensaios narrativos cartografados
de um estudante de arquitetura em mobilidade internacional

Luca Cavalcante Barros Macedo

Memórias de um caminhar atento:

Ensaios narrativos cartografados de um estudante de arquitetura em mobilidade internacional

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M141m Macedo, Luca Cavalcante Barros.
Memórias de um caminhar atento / Luca Cavalcante
Barros Macedo. - João Pessoa, 2023.
193 f. : il.

Orientação: Amélia de Farias Panet Barros.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Mobilidade Acadêmica Internacional. 2.
Intercâmbio. 3. Relato de experiência. 4.
Fenomenologia. 5. Cartografia Psicogeográfica. I.
Barros, amelia de farias panet. II. Título.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Luca Cavalcante Barros Macedo

Orientadora: Amélia Panet

Elaborado por ONEIDA DIAS DE PONTES - CRB-15/198

João Pessoa, Novembro de 2023

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Tecnologia
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso II

Memórias de um caminhar atento:

Ensaios narrativos cartografados de
um estudante de arquitetura em
mobilidade internacional

Banca examinadora

Profa. Dra. Amélia de Farias Panet Barros - orientadora

Prof. Dr. Ricardo Ferreira De Araujo - Examinador interno

Prof. Me. José Vanildo de Oliveira Júnior - Examinador externo

João Pessoa, Novembro de 2023

Agradecimentos

Uma das reflexões de que gosto de fazer para ocupar meus pensamentos é olhar para trás na minha trajetória e ver como tudo se encaixa, como uma coisa leva a outra e como cada etapa se complementa. Nesses momentos, fica escancarada a presença de Deus na minha vida e não posso deixar de expressar a Ele, mais uma vez, toda a minha gratidão por cada passo dado, sobretudo a submissão deste trabalho como fechamento deste ciclo acadêmico.

À minha família. Sem ela, nada seria possível, eles serão minha base e meu sustento sempre. Agradeço aos meus Avós, Helaine, Gizélia e Valdemiro, a meus irmãos, Jade, Cauã, Paulo Vitor e Hannah por estarem sempre comigo, A meus padrinhos, Verônica e Geffe, que exercem influência constante e direta na minha vida e em quem eu me tornei. Minha mãe... Soraya... por não deixar faltar carinho e amor pela caminhada. Agradeço ainda, especialmente, a meu pai, Paulo, meu exemplo profissional diário e espelho por tanto me ensinar e por ter sido fundamental para a realização de tudo que está escrito neste texto, de capa a contracapa.

Ainda, agradeço a Josenira, Hugo e Vitor, a família que ganhei através de minha noiva, por todo o suporte. Falando nela... Toda a minha gratidão à minha noiva, Lílian Duarte, por me apoiar durante todo o ciclo acadêmico, sobretudo ao longo do período em intercâmbio, e por lutar minhas batalhas ao meu lado, mesmo estando fisicamente distante, me levantando sempre que caísse. Sem você, tudo seria diferente Obrigado.

Oportunamente, agradeço a meus companheiros de trabalho, meu pai, Paulo Macedo, João Pedro, João Felipe, Cecília, Gabriella, Kiara, Lucy, Guilherme e Diêgo. São eles que estão todos os dias comigo compartilhando do ofício na arquitetura, seja nos dias felizes de conquistas, ou nos dias difíceis da batalha. Com cada um deles aprendo um pouco dia após dia.

Aos meus professores, que possam ter este trabalho como uma homenagem, foi impossível não recordá-los ao longo de cada experiência, cada um em sua especialidade. Especialmente, agradeço à minha tia, Wylnna Vidal, que, além de me presentear com seus conhecimentos em história da arquitetura, foi a primeira pessoa a acreditar no potencial valor deste trabalho. Em continuidade, estendo o agradecimento especial à minha orientadora Amélia Panet por abraçar a ideia de um trabalho incomum e enriquecê-la com todo seu discernimento, organização, comprometimento e sensibilidade, que têm minha admiração.

Àqueles que estiveram nas noites viradas e prazos apertados ao longo de todo o curso de Arquitetura e Urbanismo, que compartilharam das angústias e das vitórias com apoio mútuo e trabalho duro, meus amigos Victor, Kauan, Zeca e, em especial, Diêgo, que abraçou comigo o desafio do intercâmbio, estando presente diariamente, dividindo o cotidiano e tornando tudo mais fácil, por mais crítica que fosse a situação. Ele que viveu as experiências comigo, quando não de forma direta, estava lá indiretamente.

Resumo

Este trabalho é introduzido por um breve estudo acerca dos benefícios proporcionados pela mobilidade acadêmica para as instituições de ensino, para os indivíduos que se submetem a ela e para estudantes de Arquitetura e Urbanismo, seguido de uma análise acerca da produção acadêmica que permeia o tema, estabelecendo seu lugar como um relato de experiência particular, que, partindo de conceitos básicos da fenomenologia, das memórias afetivas, da multissensorialidade e da psicogeografia, utiliza-se de memórias e registros pessoais de um aluno de arquitetura e urbanismo em mobilidade acadêmica internacional para produzir um conjunto de ensaios narrativos em primeira pessoa, com uma abordagem singular e fenomenológica, ilustrados por fotografias autorais e cartografias psicogeográficas, que se passam nas cidades de Rotterdam, Londres, Barcelona, Berlim, Copenhague, Oslo, Estocolmo e Helsinki, com a finalidade de incentivar outros colegas de curso a buscarem esta experiência e servir de apoio àqueles que decidirem seguir o mesmo caminho. As experiências, registros textuais, imagéticos e cartográficos, mesmo de natureza pessoal, demonstraram quão foi fundamental a formação em Arquitetura e Urbanismo para ampliar a visão de mundo, desenvolver a percepção multissensorial dos espaços e conferir correlações das vivências experienciadas com os conhecimentos adquiridos durante a formação.

Palavras-chave: Mobilidade Acadêmica Internacional; Intercâmbio; Relato de experiência; Fenomenologia; Cartografia Psicogeográfica.

Índice

17. Considerações iniciais

31. Referencial teórico

33. A Deriva e a Psicogeografia

36. A Fenomenologia e a Memória

40. Introdução

43. Primeiros passos

55. Conselhos ao viajante

71. Ensaios cartografados

72. I. Quanto a arquitetura encontra a arte

84. II. Entre lajes e lajotas

98. III. Poesia em pedra

112. IV. Traços de uma memória alheia

124. V. Pelas penínsulas do norte

140. VI. Criador pela criação

154. VII. Carta aberta ao lugar

166. VIII. Aaltos

181. Considerações finais

189. Referências

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Através do resgate de registros e memórias vividas por um estudante de Arquitetura e Urbanismo em mobilidade acadêmica internacional, este trabalho consiste na produção de um conjunto de relatos na forma de ensaios narrativos, ilustrados por cartografias psicogeográficas (Debord, 1955). Portanto, ao introduzir uma aproximação ao tema “mobilidade acadêmica”, faz-se necessário investigar desde o porquê desta modalidade existir; qual a sua função no panorama das Instituições de Ensino Superior, até justificar a ideia do compartilhamento de uma experiência pessoal sob forma de produção científica.

No ano de 2023 (dois mil e vinte e três), podemos dizer que os polos do nosso planeta não estão lá tão distantes um do outro quanto já foram. Ao menos virtualmente, é certo de que tais distâncias se encurtaram de tal maneira que uma sociedade globalizada atua de forma interconectada e com fronteiras fluidas em diversas áreas, quando comparado a décadas atrás. Para além da economia, política, cultura, podemos citar também a área educacional como um setor que se adapta cada vez mais a este fenômeno descrito por Oliveira e Freitas, 2017 como:

Uma força poderosa que impulsiona a mudança de práticas e de formas de se conceber o mundo, assim como o lugar do homem no universo.(p.776).

Segundo Knight e De Wit (1999), o conceito de globalização pode ser entendido como um processo de incremento no fluxo fronteiriço de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores e ideias, mas a frente, Knight (2004) reafirma o mesmo conceito e a coloca como acelerador das políticas de internacionalização do ensino

superior. Altbach (2002), complementa afirmando a influência direta deste fluxo incrementado e suas consequências, de escala global, nas Instituições de ensino superior (IES), que passam a demandar uma postura internacionalizada para continuar respondendo à altura das demandas mais atuais de uma sociedade globalizada.

Mobilidade internacional para as IES

Atualmente, tomando como base as ideias de Jane Knight (2004), entendemos a internacionalização das instituições de ensino como um processo amplo de mudança na “mentalidade” e na forma de como as atividades e políticas são desempenhadas, mas também nos objetivos, métodos e atividades de uma IES, integrando assim uma dimensão global multidisciplinar e intercultural (Ribeiro; Afonso 2021). A partir desta visão ampla do conceito de internacionalização das IES, várias seriam as possibilidades de ações, podendo envolver quaisquer dos sujeitos componentes de uma IES, entretanto, apesar de ser apenas uma das ações de um sistema, atualmente, vários são os estudos que apontam a mobilidade estudantil como um dos principais (senão o principal) componente da internacionalização das IES (Knight 2004; Oliveira e Freitas, 2016). Trazendo o entendimento de Aveiro (2014) para a discussão, a mobilidade acadêmica internacional visa, em primeiro lugar, produzir recursos humanos qualificados para as IES. Uma vez que estes sujeitos retornam à instituição de origem, podendo contribuir com o debate interno através de outras visões enriquecidas por experiências vivenciadas em outras culturas. Outro resultado esperado, reforçado por Stallivieri (2002) é a criação de pontes e relacionamentos transnacionais, estimulando a produção acadêmica, a inovação, o compartilhamento e as aproximações entre comunidades científicas pelo mundo.

Mobilidade internacional para o indivíduo

Para categorizar esta explanação, podemos recorrer aos estudos de Oliveira e Freitas (2016), feitos a partir de questionários aplicados a alunos e professores universitários que tiveram a oportunidade de vivenciar a mobilidade internacional. O trabalho identificou que as principais motivações para a realização do intercâmbio podem ser subdivididas em três grandes grupos, sendo eles: interesses pessoais; interesses acadêmicos e interesses profissionais. Analisando os resultados, percebeu-se que, além do primeiro ser o mais presente entre as respostas dos alunos brasileiros, nem sempre os três interesses estariam completamente dissociados.

Na esfera dos interesses pessoais, podemos destacar o desejo de conhecer novas culturas, novos lugares, a busca por um amadurecimento interno associada à intenção de se autodesafiar, de desbravar o novo e ainda uma curiosidade em viver o diferente. Podemos encontrar na literatura algumas referências que vêm, de certo modo, validar a coerência dos interesses citados em relação a resultados esperados de um intercâmbio, por exemplo, segundo Canuto (2014) uma das consequências de experiências de vida no exterior é a habilidade de aprender com as diferenças e um melhor posicionamento frente a críticas e novos desafios. Em Paris, no ano de 1998, durante a Conferência Mundial de Ensino Superior, a Unesco também traz à tona a importância da mobilidade internacional como um meio de desenvolver uma consciência de mundo crescente e uma preparação para viver por entre fronteiras (Unesco, 1998).

Entrando nas perspectivas de interesses acadêmicos, podemos dizer que os pontos convergem a um melhoramento do currículo, seja através de aprendizado ou aprimoramento de um outro idioma, pela busca por um ensino especializado em determinada área do saber ou ainda o estabelecimento de um relacionamento com a comunidade científica para além das fronteiras, com vistas ao compartilhamento de informações e conhecimentos, Ribeiro (2021).

Trazendo para o campo profissional, Oliveira e Freire (2016) listam alguns objetivos como, iniciar uma carreira internacional, aprender outros modelos de negócios, busca por oportunidades de trabalho ou simplesmente um por um maior reconhecimento no retorno. As autoras ainda acrescentam uma reflexão comum aos interesses acadêmicos relacionada à diversificação do capital linguístico, que se torna cada vez mais relevante, considerando um cenário profissional globalizado e concorrido. Por sua vez, a relação com os aspectos subjetivos pessoais está em um aumento percentual de empregabilidade, fruto do desenvolvimento de competências transversais ao longo das vivências internacionais, Ribeiro (2021).

Mobilidade internacional para o estudante de Arquitetura e Urbanismo

Como conluiente do curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba, após cumprir cerca de 92% da carga horária total do curso, tive a oportunidade de vivenciar um período de seis meses em mobilidade internacional tendo como destino a cidade de Lisboa, em Portugal. Estar na Europa me permitiu expandir as fronteiras geográficas da mobilidade para

outros países, através de viagens exploratórias, sempre com vistas a buscar experiências no âmbito das cidades e de projetos arquitetônicos reconhecidos internacionalmente. Analisando as memórias e registros desta vivência, percebe-se a quantidade de conceitos que são possíveis de um estudante mobilizar através de um caminhar atento, complementando assim a experiência teórica de sala de aula com lembranças afetivas ativadas e geradas a partir da multissensorialidade e da fenomenologia.

Produção Científica

A discussão sobre internacionalização das instituições de ensino no Brasil não é de hoje, ainda na década de 80, apesar de se restringir a alguns poucos arranjos interinstitucionais, já se falava no assunto, entretanto, a partir do início do século, o tema vem ganhando ainda mais notoriedade. No período compreendido entre os anos de 2011 e 2017, o tema “mobilidade internacional” no Brasil foi marcado por uma vasta produção acadêmica em razão da atuação do Programa Federal Ciência sem Fronteiras, que, com o objetivo de formar recursos humanos cada vez mais qualificados para as instituições e para o mercado nacional (Ramos, 2022), garantia um financiamento extensivo, através de bolsas de estudo, aos discentes e docentes que tivessem interesse em estudar fora do país, minimizando a barreira financeira.

No momento da produção deste trabalho, a realidade percebida é a vigência de convênios firmados e vagas disponíveis para alunos e professores interessados a se lançarem ao exterior para uma experiência acadêmica, mas são escassos os programas que ofertam

qualquer tipo de assistência financeira. A modalidade que proporcionou as vivências retratadas aqui foi o PROMOBI (Programa de Mobilidade Internacional), que, por sua vez, é uma das opções que não oferece bolsas de auxílio moradia, alimentação ou qualquer outra necessidade básica, para além dos custos que existiriam em razão do aluno estar ocupando uma vaga em outra instituição, demandando suas instalações e serviços. Este “benefício”, por sua vez, apesar de existir, não é percebido quando o discente parte de uma instituição pública, pois, para ele, este custo não faz parte de seu orçamento no Brasil. Apesar da intenção de incentivar outras pessoas a buscarem o intercâmbio, democratizando o conhecimento adquirido através do compartilhamento de relatos pessoais sob forma de ensaios narrativos, é preciso estar ciente da dimensão econômica e social deste tema. Uma vez que, quando não temos incentivos financeiros e assistenciais, passará a ser um benefício exclusivo voltado a um grupo restrito de indivíduos que tenham condições financeiras de arcar com o investimento necessário à realização desta experiência, que se torna cada vez mais custosa (Mascarenhas 2022).

Apesar do grande número de estudos publicados sobre a internacionalização das IES, enquanto alguns discutem conceitos essenciais relacionados a este universo, outros abordam sobre a ótica da administração e das ferramentas para atingir demandas deste processo ou tratar sobre os acordos de cooperação. Ainda quando afunilamos para a “mobilidade estudantil”, estes estudos voltam-se bastante a resultados e benefícios generalistas, como os apresentados acima (Oliveira e Freire, 2016; Ribeiro, 2021). Ao realizar uma pesquisa com acadêmicos que passaram por programas de mobilidade, os estudos de Cunha e Raschke (2019) concluíram que o retorno dos resulta-

dos para com a instituição de origem foi feito apenas sob forma de conversas informais entre colegas ou entregas de relatórios (quando obrigatórios) às agencias internas de fomento ao relacionamento internacional.

Justificativa

Posta a relevância da mobilidade acadêmica internacional para as instituições de ensino, para o indivíduo e sobretudo para um graduando em Arquitetura e Urbanismo, com base no que foi exposto acerca da produção acadêmica, expondo que tem ficado em segundo ou terceiro plano a produção de trabalhos que abordem os intercâmbios durante a graduação sob uma perspectiva multissensorial e empírica do aprendizado, que seja direcionada a áreas específicas do conhecimento, o trabalho proposto visa ao registro acadêmico de um autorelato focando na democratização de uma fração dos conhecimentos adquiridos em mobilidade internacional com vistas a devolver à comunidade o aprendizado e as oportunidades vividas, que foram geradas pela associação entre um investimento público por parte da UFPB, através do PROMOBI, e um investimento privado familiar. Acredita-se ainda que este relato poderá servir de amparo a outros alunos e companheiros de curso com interesse em viver uma experiência semelhante ou que possa corroborar para o despertar de tal desejo. Como uma motivação pessoal, destaco também o anseio por revisitar este período de grandes conquistas pessoais e sedimentar essas memórias através de produções gráficas e textuais narrativas.

Objeto	Métodos empregados
<p>Memórias e registros de experiências arquitetônicas pessoais vividas nas cidades de: Rotterdam, Londres, Barcelona, Berlim, Copenhague, Oslo, Estocolmo e Helsinki; ao longo de um período de seis meses, compreendido entre janeiro e julho de dois mil e vinte três, residindo em Lisboa, capital portuguesa, em mobilidade acadêmica internacional proporcionada pelo PROMOBI (Programa de Mobilidade internacional).</p>	<p>O presente trabalho divide-se em três momentos distintos, cada qual com sua abordagem metodológica, sendo o primeiro deles o agrupamento e associação de textos acadêmicos acompanhados de reflexões a compor o referencial teórico de sustentação ao tema. O segundo momento é denominado “Introdução” e descreve de forma prática e objetiva os fatores que conduziram a minha trajetória até a realização da mobilidade acadêmica internacional e, por consequência, às memórias e registros que consistem no objeto deste trabalho. Por fim, diferente de um relato de experiência comum, a terceira seção deste trabalho não se propõe a apresentar uma descrição fria dos fatos, mas desenvolve ensaios narrativos ancorados em experiências pessoais sob uma abordagem que permeia a fenomenologia e a percepção espacial arquitetônica simultaneamente visando explorar os aspectos da subjetividade de um ser em movimento e em constante observação da arquitetura e suas dinâmicas.</p>
<p style="text-align: center;">Objetivo Geral</p> <p>Elaborar conjunto de ensaios narrativos, cartografias psicogeográficas e textos descritivos, produzidos a partir do resgate de memórias e registros pessoais associados a conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Arquitetura e Urbanismo mobilizados ao longo da vivência em mobilidade estudantil internacional.</p>	<p style="text-align: center;">Objetivos Específicos</p> <p>a. Demonstrar a relevância da mobilidade acadêmica internacional para as Instituições de Ensino Superior, para o Indivíduo e para o graduando em Arquitetura e Urbanismo através de uma revisão bibliográfica e da exposição de vivências pessoais.</p> <p>b. Sistematizar e registrar a metodologia pessoal utilizada no planejamento das experiências de campo.</p> <p>c. Registrar experiências vividas sob forma de ensaios narrativos, que transpareçam a essência dos espaços visitados a partir de impressões pessoais, da descrição de aspectos arquitetônicos e das sensações provocadas pelo meio.</p> <p>d. Produzir um conjunto diverso de cartografias psicogeográficas para cada território analisado sob uma abordagem multissensorial baseada em memórias afetivas, reflexões e encontros.</p>

pude adentrar e viver, em detrimento das que apenas observei por fora, e com base também nos afetos causados pela arquitetura e quais delas teriam deixado mais memórias, afinal, elas seriam o objeto e o principal recurso para o texto. Com as primeiras visitas selecionadas, as palavras vão tomando forma a partir de uma conversa consigo mesmo sobre memórias de algo vivido e sentido, partindo de questionamentos internos como “o que foi aquele momento pra mim ?”. Um fator que contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho foi a forma sistematizada com que as informações e os registros fotográficos foram sendo arquivados ao longo do intercâmbio, de modo que fosse possível revisitar este material, com atenção aos detalhes e revivendo aqueles dias de uma forma introspectiva.

Como forma de expressão e investigação de aspectos sensoriais, humanos e afetivos das vivências, será feito uso do método das Cartografias Psicogeográficas, um conceito originário da geografia, que da forma que foram configuradas pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, segundo Costa (2014), passa a ser aplicado ao campo da subjetividade e da filosofia. Costa (2014) coloca a Cartografia como mais que apenas um método de tratamento ou representação de dados, é uma prática ativa na qual o pesquisador, atuando como cartógrafo, vive o objeto da pesquisa e seu território sendo movido pela força dos encontros, dando corpo à pesquisa, a medida que desbrava o território. Ainda, ressalta que a prática de cartografar territórios não se restringe a uma área específica do conhecimento, mas a uma associação de saberes que requer uma “microssensibilidade” para representar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A deriva e a psicogeografia

O papel do acaso ao caminhar, estando aberto a oportunidades do caminho é transcrito através da teoria situacionista da Deriva por Debord (1958) como o fator diferencial entre um processo lúdico-construtivo e uma viagem ou passeio clássicos. Em si, a Deriva proporciona o reconhecimento territorial de modo psicogeográfico, aberto à multissensorialidade e aos efeitos da natureza através de uma continuidade do caminhar, em um período de tempo maior ou menor, por entre ambientes e territórios, deixando-se levar pelas solicitações do sítio aguçadas por seus instintos e sensações.

Segundo Barbosa e Di Felice (2020), a deriva surge por uma intenção situacionista de diagnosticar nuances territoriais e reduzir os momentos nulos da experiência através da exploração e da observação, isto é, evitando processos mecânicos e deixando que o acaso conduza as emoções e as memórias. Os autores ainda caracterizam a Deriva como instrumento investigativo do espaço, visando ressignificações territoriais através da aproximação corpo a corpo. As experiências retratadas ao longo deste estudo foram fruto de derivas enquanto estudante de Arquitetura e Urbanismo realizando viagens ao exterior, de forma que, apesar de um planejamento existente, este era aberto e funcionaria como um guia, sem necessariamente anular o acaso e seus efeitos na apreciação territorial, como será retratado nos capítulos seguintes.

*Caminhante, são teus passos
o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho,
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se voltará a pisar. (...).*

Antônio Machado, Proverbios y cantares (Séc. XIX)

Analizando a poesia de Machado sob a luz dos conceitos apresentados anteriormente, podemos dizer que o poeta trabalha a questão da ocasionalidade do acaso, ao dizer que não há caminho, mas faz-se o caminho ao andar. Ainda, podemos traçar um paralelo entre a segunda parte do poema e o caráter sensível e único da experiência ‘caminhada’, no momento em que diz-se: ao voltar a vista atrás, vê-se o caminho que não voltará a pisar, conferindo à vivência ocasional um aspecto único na memória do caminhante.

Podemos associar a multiplicidade de sensações, reflexões e imagens fruto deste método investigativo aos conceitos de Deleuze e Guattari acerca do Rizoma. No primeiro capítulo do volume 1 da obra “Mil Platôs”, os autores estabelecem uma metáfora pautada nas diferenças entre as raízes de uma árvore e um rizoma e iniciam a reflexão através da topologia das conexões. Considerando uma Heterogeneidade de dados, fruto de uma série de entradas distintas, diferentemente das raízes de uma árvore, um rizoma pode e deve conectar qualquer ponto a qualquer outro, sem limitações ou regras. Dando continuidade à metáfora, os autores abordam metodo-

logias de representação e registro adequados à árvore e ao rizoma, identificando que, enquanto uma estrutura de dados linear pode ser representada por métodos tradicionais, a multiplicidade e a diversidade não-hierárquica de um rizoma é registrado mais adequadamente pelas cartografias psicogeográficas por suas características que, apesar de ancoradas na realidade, submetem-se à experiência do autor e ao julgo de relevância de todo e qualquer elemento representado. As cartografias partem do princípio da experimentação fluida do pensamento onde antes de refletir sobre as ‘coisas’, o cartógrafo deve refletir sobre como foi o seu encontro pessoal com elas ou ainda sendo ele atuante no território, como compõe e se relaciona com as coisas ao seu redor. A cartografia tem a prerrogativa de registrar elementos que seriam impossíveis de serem registrados, a exemplo das mais diversas expressões de afeto pessoais, inclusive, imprimindo a intensidade que julgar devida para cada aspecto, seguindo apenas a subjetividade e singularidade do cartógrafo. Em seu trabalho, Costa (2014) desenvolve um diálogo fictício, em linguagem bastante clara e objetiva, ilustrando as características de uma cartografia-afetiva.

Costa reforça a ideia de que, para que seja possível cartografar, faz-se necessária a presença no território analisado, o mesmo ocorre com as prerrogativas da Teoria Situacionista da Deriva, segundo Debord. O estudo em questão, apesar de realizar reflexões e cartografias em um instante posterior aos encontros, utiliza-se de memórias e de registros pretéritos dos momentos em que o autor esteve no território, vivendo-o e estando submetido às suas solicitações e afetos. Enquanto a teoria da Deriva coloca o acaso como grande diferencial entre um caminhar exploratório e

um mero “passeio”, indicando que é o fator responsável por gerar surpresas, encontros e afetos, a Psicogeografia se dedica a decifrar, de forma gráfica, a relação entre sujeito e o contexto em que se insere, narrando, através de cartografias, as ambiências particulares e os fenômenos percebidos por cada ser singular atuante no espaço. A partir deste entendimento, é possível agregar ao diálogo alguns conceitos da fenomenologia, como o de Smith (2013) que a coloca como estudo da percepção tempo-espacó, pensamento, memória, emoções e consciência corporal do ser em um determinado meio.

A Fenomenologia e a memória

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência. (...). Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”.

*Merleau-Ponty em Fenomenologia da percepção (p.01).
Original 1945. 1999*

Partindo de um exercício reducionista, desde a etimologia da palavra, a fenomenologia consiste no estudo dos fenômenos, isto é, qualquer evento, acontecimento ou encontro que se apresente ao sujeito (Amorim, 2013). O trecho citado de Merleau-Ponty, em seu livro “Fenomenologia da percepção”, demonstra que a fenomenologia busca explicar a relação homem-mundo sob a observação do que de fato ocorre, sendo então a percepção e a consciência fatores ine-

gociáveis, mas coletando apenas a essência. O livro trata de uma filosofia utilizada para entender acontecimentos, sejam eles naturais ou transformadores, a partir de observações nas quais o “mundo” é sempre presente de forma inquestionável e imutável, tendo como grande diferença o resgate da consciência e reflexões pessoais acerca das vivências. Esta postura exclui do debate fatores e explicações externas advindas de outras ciências, a história ou a sociologia e foca no relato do espaço da forma que ele foi para quem o viveu. Merleau-Ponty associa o estudo das essências e dos fenômenos como a aproximação mais exata da filosofia como ciência.

Quando tratamos sobre fenomenologia, há a tendência de se usar os termos “explicar” ou “analisar”, mas, na verdade, Merleau-Ponty se dedica a explicar que a ciência busca, só e somente só, a descrição e reflexão acerca das “coisas” como elas se apresentam, sendo assim uma “psicologia descritiva”. O valor dado a esta descrição pessoal das vivências e das relações com o mundo é ilustrado no livro “Fenomenologia da percepção”, quando o autor ressalta que tudo que o ser sabe sobre o mundo, mesmo que seja um conhecimento científico, ele sabe a partir de sua própria bagagem, suas próprias experiências passadas.

Merleau-Ponty entrega à fenomenologia o papel de descrever a essência das experiências humanas com o meio, mas é o arquiteto e teórico finlandês Juhani Pallasmaa que nos auxilia a compreender o que são as experiências e quais os mecanismos da percepção humana.

Eu confronto a cidade com meu corpo (...). Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim.

Pallasmaa em “Os olhos da Pele”(p.38). 2011

O trecho ressalta a relação entre ser e espaço de forma indissociável, ele vai além e estabelece esta relação como uma experiência existencial contínua, que há sempre de contar com fenômenos concretos, palpáveis e físicos, mas também com fenômenos afetivos intangíveis, os sentimentos, de modo que o corpo participa como fator essencial e vetor de sensações (Pallasmaa, 2011). As unidades de medidas ou mecanismos de percepção da matéria e da escala que temos para com a arquitetura estão no nosso corpo, são nossos olhos, ouvidos, boca, nariz, pele, músculos e esqueleto. O espaço, quando moldado pelo homem, a fim de produzir sensações, não se limita aos cinco sentidos, mas tem a capacidade de reforçar o pensamento existencial e o pertencimento do ser ao mundo vivido de forma pessoal e singular.

Pallasmaa dedica parte de seus estudos a um passo seguinte à experiência. De nada vale uma vivência que se limita ao momento, se não fosse lembrada. Dessa forma, ressalta a capacidade humana de criação e de mobilização constante de memórias como algo em desenvolvimento eterno. Neste caso, a memória assume um duplo papel, além de dar forma e singularidade às experiências, articulando e estruturando-as, através da bagagem pessoal do sujeito, assume também o papel de carregar aquele momento, para que sirva de base para um próximo (Pallasmaa, 2018).

Continuamos construindo uma imensa cidade de evocações e recordações, e todas as cidades que visitamos são ambientes desta metrópole que chamamos de mente.

Pallasmaa em “Os olhos da Pele”(p.64). 2011

O senso comum é levado a acreditar que a memória é algo presente apenas no cognitivo, fisicamente, localizado no cérebro. Mas Pallasmaa (2018) revela a ideia de que o ato de memorizar é um processo corporal amplo, assim como os olhos, a pele, o nariz, os ouvidos e os músculos, além de ajudarem a criar memórias, também as carregam. De todas as artes, a arquitetura e o espaço desenvolvem um papel fundamental nas vivências entre ser humano e o contexto, pois, diferente de experiências tecnológicas atuais, o estar no espaço-tempo tem o poder de proporcionar a ativação da multissensorialidade e da reflexão existencial, culminando em atos de recordação e de integração pessoal com o mundo ao seu redor.

Primeiros Passos



01. Eu e Diêgo Apresentação final de projeto no ISCTE - 01



02. Eu e Diêgo Apresentação final de projeto no ISCTE - 02



03. Último dia na instituição portuguesa, em frente ao acesso

Para que aconteça um intercâmbio internacional de seis meses de duração, o tempo necessário para planejamento e trâmites para que tudo saia conforme esperado acaba superando facilmente o tempo efetivo da experiência estudando fora. Por isso, antes de apresentar-vos algumas das minhas vivências enquanto estudante em mobilidade, faz sentido contar um pouco da história de como se deu a trajetória entre a Universidade Federal da Paraíba e o Instituto Universitário de Lisboa, ou apenas, entre o Brasil e Portugal.

Quando falo que o período de preparação supera o de realização, falo sério, afinal, este sonho, apesar de ter-se concretizado ao longo do primeiro semestre do ano de dois mil e vinte e três, teve seu início no princípio de dois mil e vinte, especificamente ao sexto dia de fevereiro, com a divulgação do edital oficial de seleção do PROMOBI (Programa de Mobilidade Internacional) 2020, determinando que a oportunidade se dirigia a alunos que, na data de inscrição, tivessem integralizado um mínimo de 40% (quarenta por cento) e o máximo de 80% (oitenta por cento) da carga horária total estabelecida para a conclusão da sua graduação. Eu acabava de cruzar a marca dos 40% exigidos, tinha exatamente 49.38%, aquilo começava a ser para mim. Com o surgimento dessa possibilidade, iniciei o processo de inscrição pela escolha de possíveis IES (Instituições de Ensino Superior) de destino e elaboração de planos de estudos para cada uma das opções através de uma consulta às disciplinas disponíveis e seus atributos. Inscrição feita. Dia treze de março, inscrição homologada.

Apesar ainda da incerteza do resultado, que seria divulgado apenas no dia vinte e cinco do mesmo mês, as pesquisas informais entre alunos inscritos demonstravam um cenário positivo em relação às chances de que eu e meu colega de turma, Diêgo Nóbrega, fôssemos contemplados juntos. Embora não fosse oficial, era o suficiente, para que se iniciasse um processo de planejamento que ia desde aspectos financeiros a psicológicos, afinal, é nessa etapa que surgem os primeiros anseios. Deixar a família para trás, estabelecer um relacionamento a distância, tornar-se ausente no trabalho e, sobretudo, o medo de não ser capaz de corresponder às expectativas geradas pelo alto investimento realizado.

Infelizmente, este foi um devaneio que não durou muito, uma vez que, faltando sete dias para a divulgação oficial do resultado, surgia o primeiro caso noticiado de COVID-19 na Paraíba. Há pouco mais de um mês já monitorávamos esta realidade, que teve início na China, mas já se fazia presente em cidades do sudeste brasileiro desde fevereiro. Ainda assim, talvez movidos pela ansiedade do programa, parecia algo distante... até que, como quase todas as atividades da sociedade, as aulas passaram ao modelo remoto, mas algo ainda nos fazia crer que poderia durar seus dois ou três meses e não viria a interferir no nosso cronograma. Entretanto, para a nossa surpresa, a situação se agravou a um ponto inimaginável para nós, estendendo-se por anos e fazendo com que fosse necessário o cancelamento do PROMOBI 2020. Por hora, era o fim de um sonho.

PROGRAMA DE MOBILIDADE INTERNACIONAL - PROMOBI

ANO ACADÊMICO 2020/2021

EDITAL DE SELEÇÃO Nº. 01/2020 - ACI - 07 DE FEVEREIRO DE 2020.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
GABINETE DA REITORA
AGÊNCIA UFPB DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

PROGRAMA DE MOBILIDADE INTERNACIONAL - PROMOBI

ANO ACADÊMICO 2022 - 2023

EDITAL DE SELEÇÃO Nº. 02/2022 - ACI - 18 DE MARÇO DE 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
GABINETE DA REITORA
AGÊNCIA UFPB DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL



DECLARAÇÃO DE CHEGADA

iscte TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Mobilidade Estudante
Carta de Aceitação

Para os devidos efeitos se declara que Luca Cavalcante Barros Macedo, aluno da Universidade Federal da Paraíba, Brasil, foi aceite pelo Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, para o ano letivo 2022/2023, 2º semestre, no período de 30 de janeiro de 2023 a 22 de julho de 2023, ao abrigo do Protocolo de Cooperação entre as duas instituições.

Lisboa, 13 de outubro de 2022

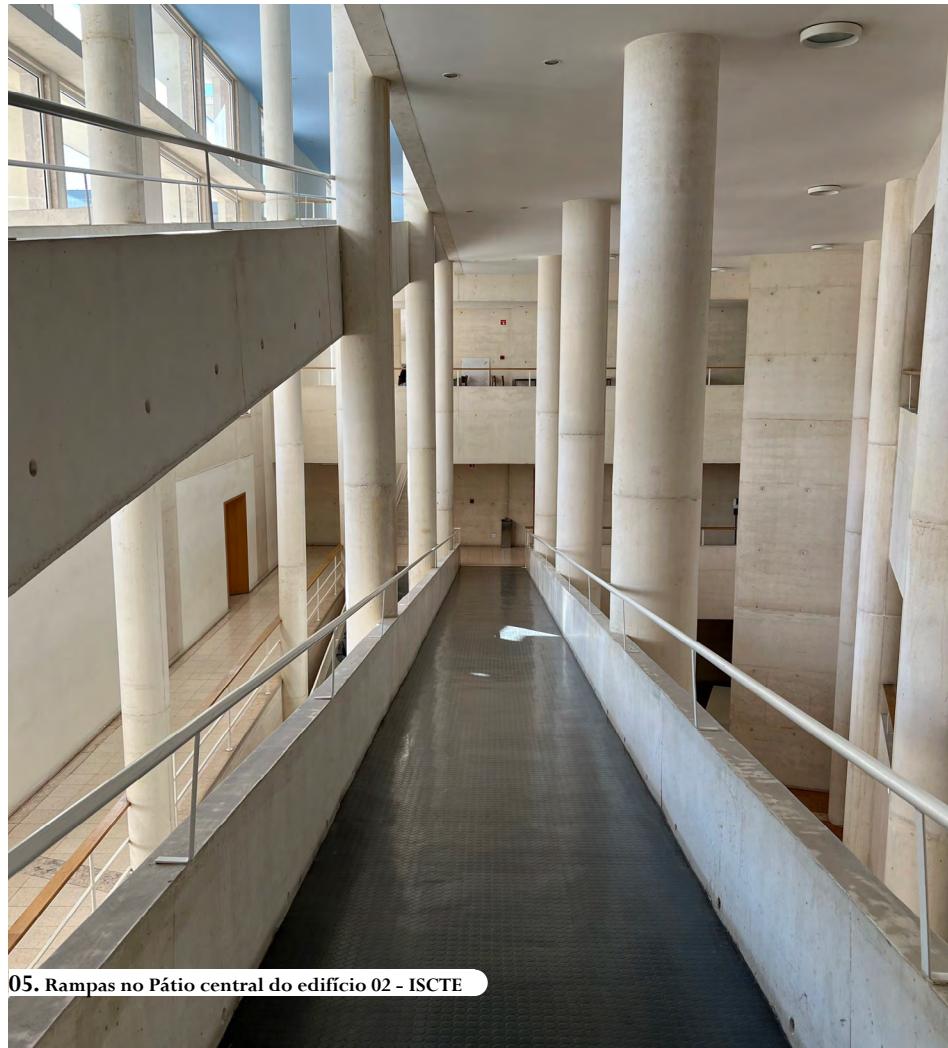
iscte

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Avenida das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal

Diogo Santos

ISTA - Escola de Tecnologias e Arquitetura



05. Rampas no Pátio central do edifício 02 - ISCTE



06. Fachada de acesso - Edifício 02 - ISCTE

Até que, ironicamente, dois anos depois do primeiro caso paraibano causado pelo vírus que outrora poria tudo ‘por água abaixo’, dezoito de março de dois mil e vinte dois, estava oficialmente aberto o PROMOBI 2022. A esta altura, eu já estava conformado com a situação, mas é inegável que a notícia reacendia algo em mim, uma vontade de retomar aquela ideia de onde parei. O edital repetia exatamente o mesmo trecho, era necessário ter integralizado entre quarenta e oitenta por cento da carga horária total do curso e, desta vez, eu estava na outra ponta da frase. Cursando o oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo, no ato da inscrição, eu acumulava 76,54% das horas requeridas, estava claro, era agora ou nunca. Logo comecei a reunir os documentos necessários e, mais uma vez, elaborar um plano de estudos para a instituição de destino pretendida, o que já implicava em tomar a primeira decisão importante. Dentre as vinte e quatro opções disponíveis nos mais diversos países, como Alemanha, Polônia, Espanha, Estados Unidos e outros, as escolas portuguesas se destacavam na seleção pelos aspectos linguístico e, principalmente, financeiro. Ainda em Portugal, eram seis alternativas, confesso que a primeira a despertar meu interesse foi a Universidade do Porto, o quanto enriquecedor poderia ser seguir os passos do renomado arquiteto Álvaro Siza, não é? Acontece que, apesar das dez vagas ofertadas por ano, nenhuma delas se destinava a alunos de Arquitetura, ademais, o Instituto Universitário De Lisboa, também possuía suas vantagens, a experiência de viver em uma grande metrópole, conhecendo uma nova realidade, atraía-me igualmente aos facilitadores logísticos de estar inserido em uma malha viária extensa, contribuindo com oportunidades facilitadas de estender o intercâmbio cultural a fronteiras mais distantes.

Desta vez, mais maduro, evitei criar tantas expectativas antes da hora, mas não tardou a chegar a notícia de que eu e Diêgo havíamos sido contemplados com duas de três vagas disponíveis para Lisboa no semestre desejado. Foi motivo de muita alegria para mim e minha família, mas junto a este sentimento, eu reencontrava aqueles velhos medos e anseios do início de dois mil e vinte, a diferença é que agora eles eram mais reais, estavam mais próximos. Apesar das vagas serem nossas, a próxima confirmação só viria em outubro do mesmo ano com o recebimento repentina da carta de aceite, diretamente do ISCTE-IUL, informando que estariam de portas abertas. Entre esta comunicação e a data de início do período letivo em mobilidade, eu e Diêgo, tivemos um prazo de três meses e meio para estarmos com toda a documentação em dia, sobretudo, passaporte e visto de estudo. Esse também era nosso prazo para resolver questões pessoais e demais demandas necessárias a deixar o país por seis meses.

A cada dia, era um dia a menos para ‘A’ viagem, os receios e as inseguranças só aumentavam, mas agora passavam a vir acompanhados de boas expectativas e curiosidade em relação ao novo que estava por vir. Por várias vezes, ouvi meu pai, arquiteto e urbanista, além de meu maior incentivador, dizer:

“Rapaz, você vai ter que bater perna lá, viu? ”

Em seu próprio vocabulário, o que ele realmente queria dizer era que eu haveria de abraçar todas as oportunidades possíveis de buscar novas experiências. Era um prenúncio do que estava por vir, e os relatos que trago no desenvolvimento do presente trabalho são partes do desdobramento dado a esta história.

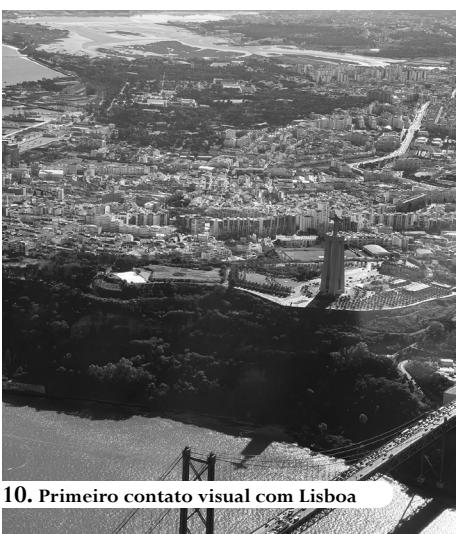




08. Eu e minha família em frente ao portão de embarque



09. Eu e Diêgo no avião rumo a Lisboa



10. Primeiro contato visual com Lisboa



11. Mosteiro de Santos-o-Novo - Residência ISCTE - a nova Morada

É chegado o dia.... vinte e seis de janeiro de dois mil e vinte e três, o ano mal havia começado e as emoções já eram muitas. Era o dia em que acordávamos antes que o Sol, rumo à cidade de Recife acompanhados de toda a família para as despedidas finais. Apesar das lágrimas, o olhar de cada um parecia gritar que grandes coisas estavam para acontecer. Aquele momento entre a sala de embarque e o destino pode ser um pouco confuso, ao mesmo tempo que queria ser forte e mostrar resiliência, a antecipação da saudade vinha como agulhadas pontuais no peito. Dez horas e uma conexão depois, respirávamos ares lusitanos. Depois de muito bem recepcionados no aeroporto por um amigo de longas datas, Joelyson Falcão, os primeiros dias eram de adaptação, conhecemos as instalações da nova universidade que nos receberia ainda antes do período letivo se iniciar, apresentamo-nos, familiarizamo-nos também com o transporte público coletivo e com os serviços básicos ofertados nos arredores de nossa nova morada.

Morada... este tema merece uma atenção especial. Lisboa é uma cidade que sofre com altos preços em seus aluguéis, sobretudo nos últimos anos, em que essa realidade vem-se agravando. Um dos grandes fatores que corroboraram para a viabilidade do intercâmbio foi termos nos inscrito e sido aceitos na Residência Universitária do ISCTE-IUL, um espaço que oferta a estudantes do instituto a possibilidade de morar a preços mais convidativos. Na ocasião, agora éramos eu, o Diêgo e nosso colega de quarto, o Ziyann, dividindo cerca de trinta metros quadrados, não é fácil deixar o conforto do nosso lar para enfrentar uma rotina doméstica completamente nova e uma convivência que, apesar de seus contratemplos naturais, fora sempre muito saudável e benéfica entre os três.

Levou um tempo, para que estivesse completamente habituado e certamente foi algo que culminou em um crescimento pessoal.

Situada bem próximo ao coração histórico da cidade de Lisboa, por si só, a residência tinha seu valor e transformou o nosso cotidiano. Um edifício do século XVII, chamado Convento de Santos-o-Novo, apesar de toda sua estrutura típica de uma tipologia religiosa, foi reabilitado para acomodar no térreo uma unidade da Santa Casa da Misericórdia e a residência universitária no primeiro andar, mas foi conservado como um edifício belíssimo, com uma atmosfera única, principalmente no que diz respeito às suas arcadas e ao seu Claustro, que é o segundo maior de toda a península ibérica. Além da convivência com pessoas de todas as partes do mundo e o intercâmbio cultural que ela proporciona, a própria modalidade de habitação estudantil é distinta e o contato com a realidade de um morar compartilhado se converte em bagagem para reflexões arquitetônicas futuras.

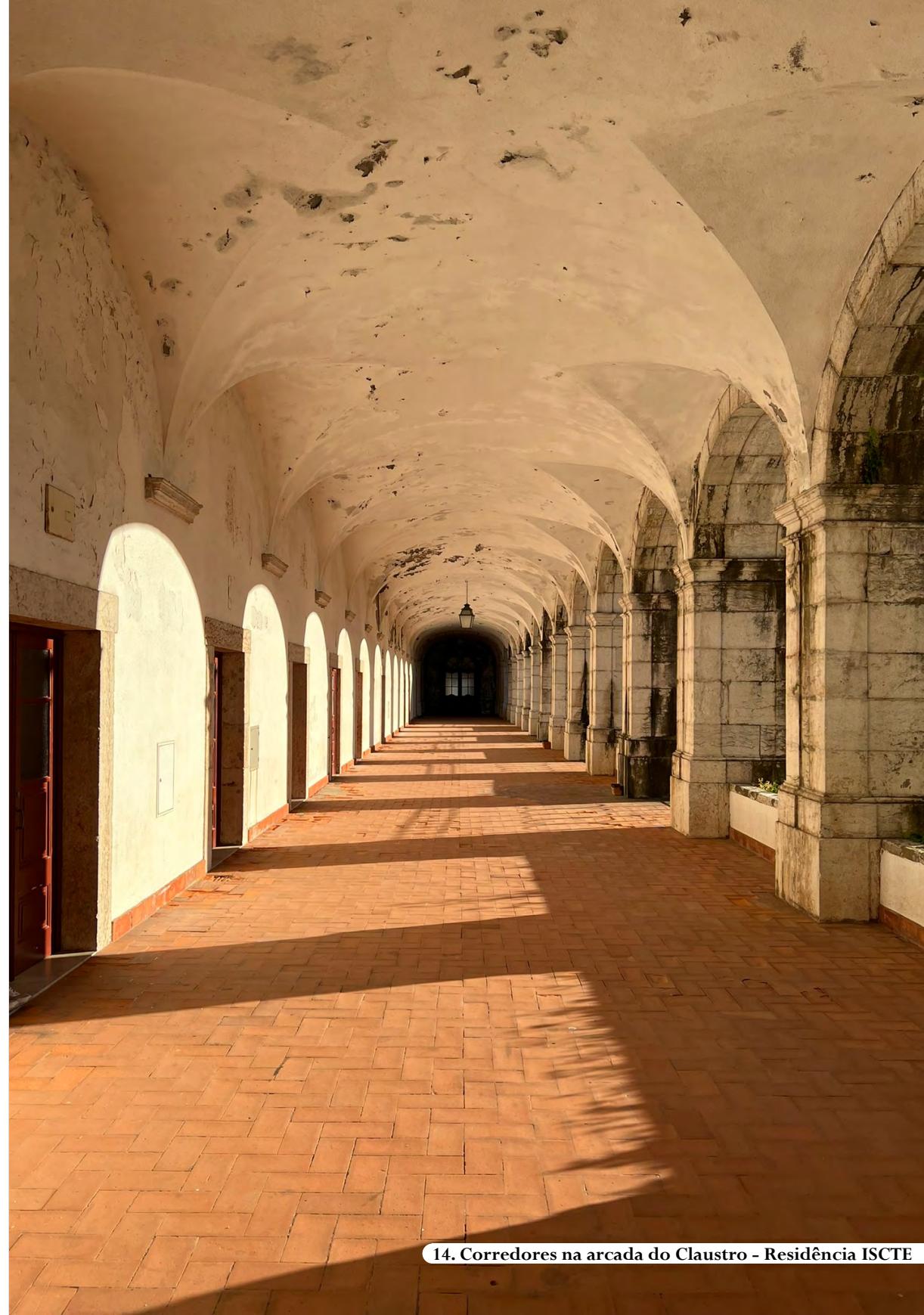
Agora, com tudo em seu devido lugar e já instalado em Lisboa, comecei a buscar possibilidades de conhecer mais, mais culturas, mais lugares e realmente “bater perna” como diria meu pai.



12. Arcadas de Santos-o-novo



13. Jardins de Santos-o-novo



14. Corredores na arcada do Claustro - Residência ISCTE



Conselhos ao viajante

Venho de uma criação que me ensinou a ter sempre um método organizado e sistematizado para tudo que eu fosse fazer, a fim de evitar falhas e, principalmente, “dores de cabeça”. Quando decidi começar minhas aventuras arquitetônicas pela Europa, sabia que não poderia ser diferente, então, conforme eu acumulava experiências aqui e ali, apiremorei uma maneira particular e pessoal de pensar uma viagem que atendesse às minhas necessidades momentâneas. Eram as demandas de um intercambista, que precisava de eficiência no orçamento, nos percursos e no relógio. Como um dos objetivos da democratização de minhas experiências através do presente trabalho é incentivar outros alunos a partir da exposição das possibilidades e dos benefícios de estar em mobilidade estudantil, por que não compartilhar, também, minha metodologia informal e algumas dicas para que outros possam se apropriar da forma que melhor convier e dar continuidade ao que iniciei, sem necessariamente atravessar as barreiras que atravessei?

Parte da mobilidade internacional é a experiência acadêmica, e esta não pode ser jamais negligenciada, ademais eu ainda somava às demandas as minhas responsabilidades profissionais como estagiário no Brasil, mesmo que assumindo um caráter mais flexível com relação a horários e a prazos, era necessário para manter um auxílio financeiro mensal. Diante de toda a carga horária necessária para manter as obrigações em dia, o planejamento de qualquer viagem deveria partir de uma visão geral das datas disponíveis ao longo dos seis meses de intercâmbio. Para a minha sorte, a universidade em Lisboa forneceu um calendário claro e preciso, indicando feriados, recessos e avaliações. De posse destas infor-

mações e de uma previsão dos serviços que demandariam intervenções minhas no escritório, como estagiário, pude traçar um calendário de datas passíveis de um escape de Portugal para o mundo.

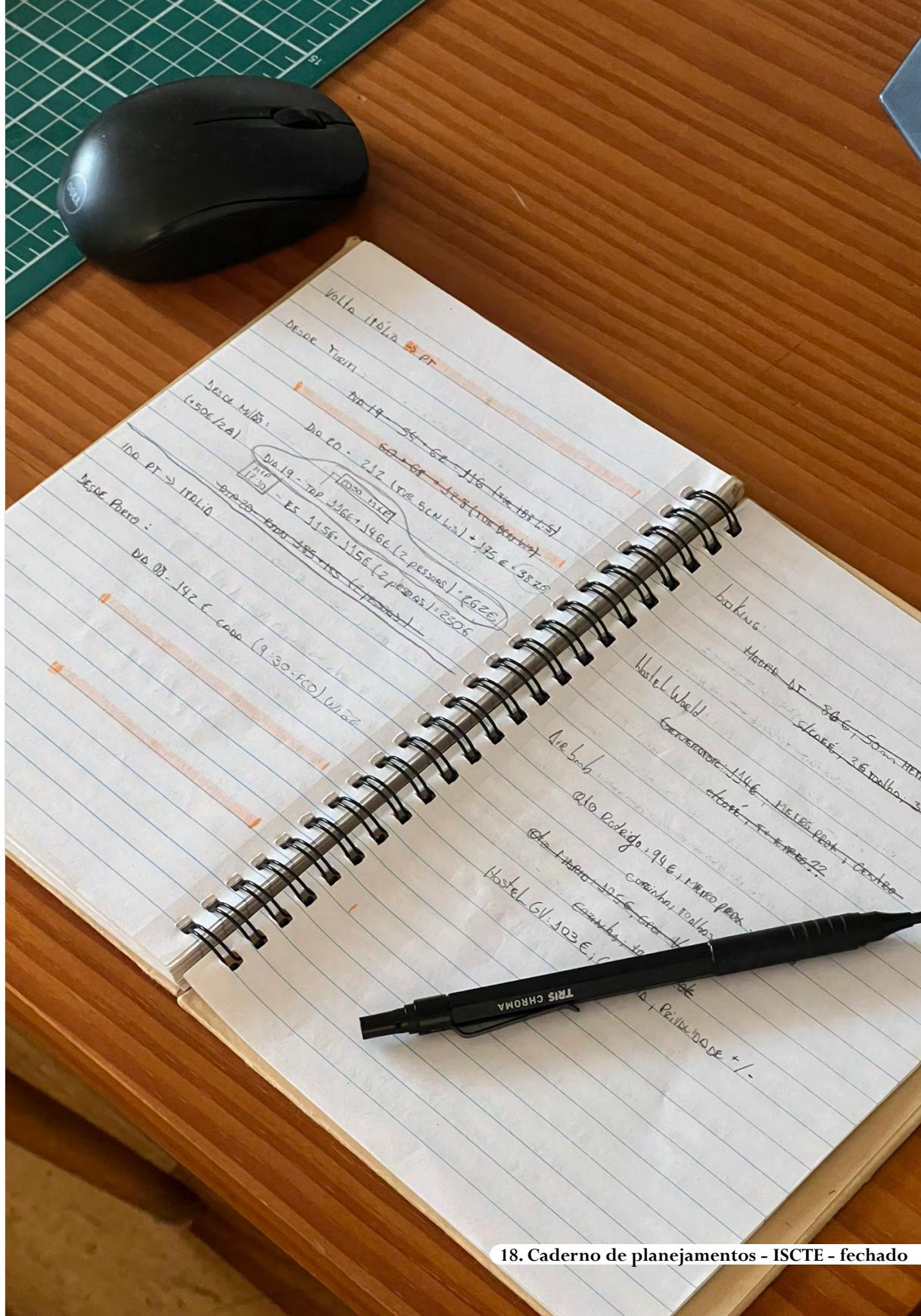
Por enquanto, tenho o desejo de viajar e as datas que me são convenientes, mas acontece que a Europa é grande e diversa, preciso selecionar, e este é o próximo passo no processo de planejamento das vivências. Cada minuto e cada euro são preciosos diante de um cronograma apertado e de uma diferença cambial atormentadora, o que torna a escolha do destino ainda mais importante. Os motivos que me levaram a cada cidade são de naturezas diversas, enquanto em alguns eu buscava por projetos conhecidos por mim ou regiões notórias por sua arquitetura (seja contemporânea ou pretérita), fui levado a outros por interesses despertados em meu lado músico, que também reconhecia a oportunidade de contemplar artistas inspiradores, dos quais sou fã, afinal, o prazer e as sensações são sempre uma parte importante da jornada.



16: Um grande exemplo de viagem motivada pelo lado musical; em busca da banda "Cardinal Black", acabei visitando uma cidade que nunca imaginei, Glasgow, na Escócia. Como se não bastasse, tive a agradável surpresa de poder conhecer os integrantes da banda, os quais sou fã.



17: Este outro exemplo me levou ao show do "The Winery Dogs", em Hamburgo, a cidade com mais pontes do que Veneza ou Amsterdã também é uma região portuária economicamente bem-sucedida e além de três dos melhores músicos do rock, pude ver de perto a arquitetura da Elbphilharmonie



18. Caderno de planejamentos - ISCTE - fechado

Lisboa, Portugal → Madrid, Espanha

Combos

Autocarros € 12 • 7h30m

Voo € 85 • 1h20m

Selecionar ida

Hora de partida Paragens Preço Mostrar todos os filtros

rede expressos

07:00 — 10h20m — **18:29** Lisboa, Terminal Rodoviário de Sete Rios → Madrid, Estación Sur € 36 1 · Viagem

rede expressos

07:00 — 11h00m — **19:00** Lisboa, Terminal Rodoviário de Sete Rios → Madrid, Terminal de autocares T4 (Aeroporto de Madrid) € 36 1 · Viagem

rede expressos

09:00 — 18h45m — **18:45** Lisboa, Terminal Rodoviário de Sete Rios → Madrid, Estación Sur € 18 1 · Viagem

19. **Conexão**

19: Esta é a interface do Omio, um site, também disponível em aplicativo para celular, que traça rotas de uma cidade para outra por vários meios distintos, permitindo uma comparação direta avaliando disponibilidade logística, preço, horários de partida ou chegada e duração da viagem. Ele também permite fazer compras direto na plataforma cobrando uma pequena taxa.

20: A plataforma Skyscanner pode ser uma grande aliada do viajante. Permitindo que o usuário faça buscas pelas opções mais baratas de passagens aéreas através de datas e destinos flexíveis, o próprio aplicativo pode dar sugestões de novos lugares para conhecer economizando dinheiro. Além disto, é possível também registrar alertas de preço para determinadas datas e destinos desejados.

SkyScanner

Milhares de passagens aéreas baratas. Uma só busca.

Passagens aéreas Hotéis Aluguel de carros

De: Lisboa (LIS)

Para: O mundo inteiro

Ida: Adicionar data

Viajantes e classe de voo: 1 Adulto, Econômica

Buscar

Voos diretos

Datas específicas... Datas flexíveis

Mês

2023 outubro	2023 novembro	2023 dezembro	2024 janeiro	2024 fevereiro	2024 março
2024 abril	2024 maio	2024 junho	2024 julho	2024 agosto	2024 setembro

Selecionar ida

Escolher

Ofertas viagem na sua m...

Receba inspiração, dicas ótimas ofertas direto na sua caixa de entrada

Inscrir-se

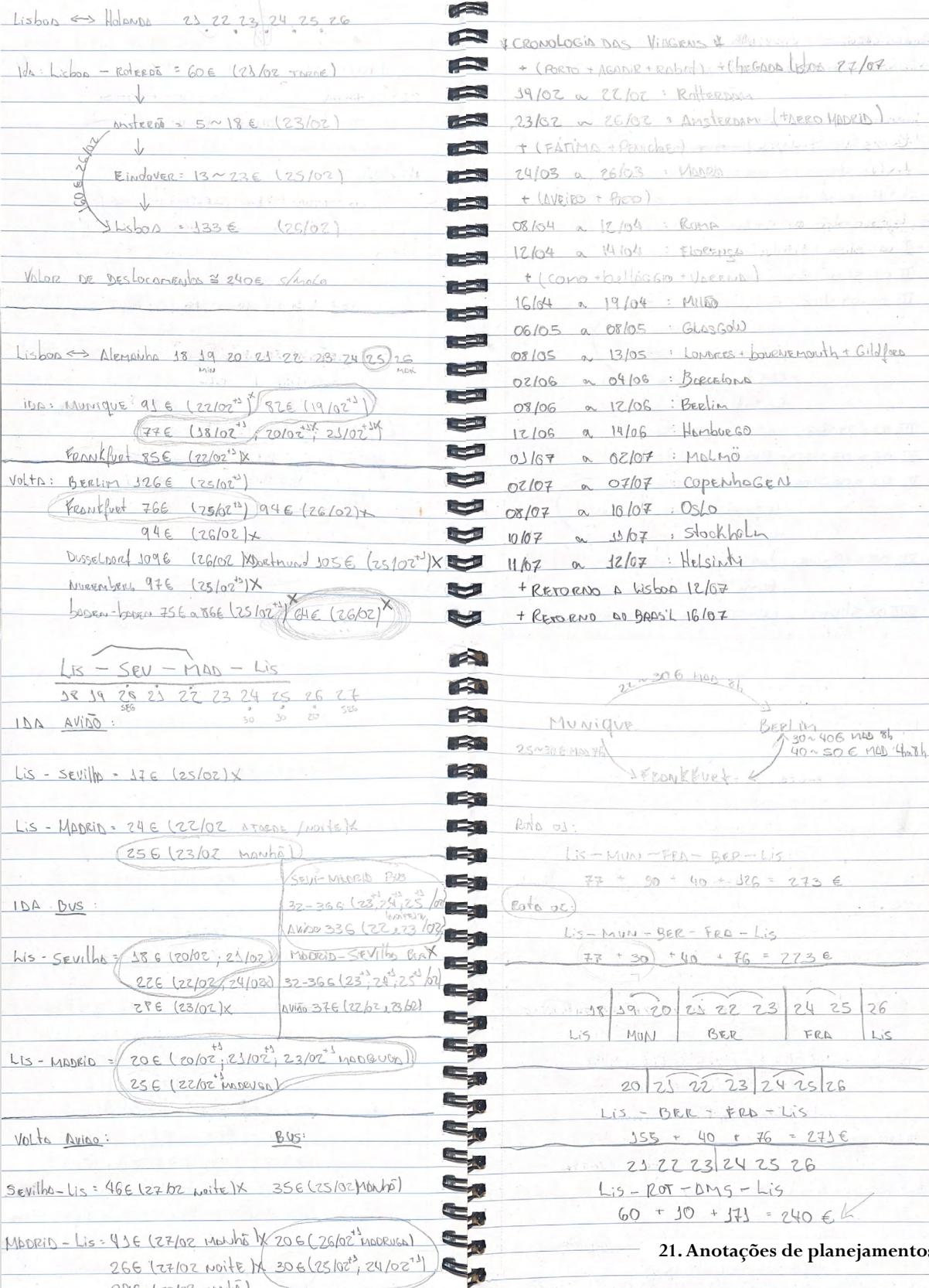
20.

Temos datas e temos uma lista de locais ou eventos de interesse, é hora de avaliar a logística, desde a saída de Lisboa, passando por possíveis percursos internos, até o retorno. Pelo fato de Portugal se encontrar no extremo oeste da Europa, a exceção de viagens domésticas ou algumas cidades a leste, centro ou sul da Espanha, em um curto período, boa parte dos destinos foram alcançados apenas por vias aéreas, então, era muito importante estar atento a todas as possibilidades para a compra de passagens, afinal, todo custo importa. Entretanto, para a sorte do intercambista, diferente do Brasil, a Europa tem uma cultura de cobrar mais barato nos transportes aéreos, em comparação a outros serviços, além disso, qualquer estudante atento consegue encontrar promoções, através de alertas em plataformas ou pesquisas bem direcionadas. Bem... o avião me levaria a uma determinada cidade, podemos usar o exemplo de Rotterdam, uma das maiores dos Países Baixos, mas eu tinha quatro dias inteiros, qualquer roteiro disponível online me diria que um dia lá seria suficiente, somado à disposição de andar em média vinte quilômetros por dia, dois dias seriam suficientes. A partir desta reflexão, na maioria dos casos, eu partia para buscar outras localidades relevantes a um raio de distância equivalente a até oito horas de trem ou ônibus, complementando o exemplo, acabei acrescentando ao itinerário Amsterdam, mas é importante ressaltar que, em outras situações, o trajeto aéreo ainda acaba sendo mais rápido, eficaz e com valores semelhantes. É uma questão de estar atento às possibilidades, traçar diferentes cenários, o que eu fazia em meu caderninho de anotações, e escolher o que melhor se adequa à situação. Aqui deixo uma dica que me ocorreu com a experiência, pode parecer controverso, mas quando eu encontrava um destino secundário há sete ou oito horas de distância de ônibus, eu comemorava! Pois significava gastar uma diária de hospedagem a menos, dormir no ônibus e começar o passeio seguinte já nos primeiros raios de sol.

A minha primeira viagem ocorreu poucos dias após minha chegada em Lisboa, já fora acertada desde o Brasil. Junto a meu grande amigo Joelyson, brasileiro e pessoense, residente em Portugal, fomos em busca do jogo final do campeonato mundial de clubes da Federação Internacional de Futebol, que, por incrível que pareça, não era na Europa, mas sim no continente vizinho, a África, mais especificamente, no Marrocos. Esta viagem não teve um direcionamento propriamente arquitetônico, era algo mais voltado ao lazer e à emoção de torcer em um estádio, mas o que realmente importa aqui é que, em virtude de uma falta de planejamento, tivemos atrasos, problemas logísticos e indecisões que nos fizeram perder, além de tempo e dinheiro, a paz e o sossego. A partir de então, assim que voltei para Lisboa, prometi a mim mesmo que não sairia dali sem um plano montado, por mais simples que fosse o local.

Um bom planejamento não restringe, mas faz com que passemos a vislumbrar as oportunidades sem tantos percalços.

Já sei quando vou, aonde vou, como vou, e como volto. Resta-me agora saber o que farei para aproveitar cada segundo das curtas escapadas de Lisboa. Da mesma forma que o tempo é escasso para viajar, também é para planejar, então, após o Marrocos, desde as primeiras, precisei delimitar uma metodologia que fosse prática e rápida, talvez não fosse perfeita, mas seria eficaz. Pois o tempo dispunha para pesquisa, entre as demandas cotidianas, na melhor das hipóteses, seriam as madrugadas dos cinco dias que antecediam ou, no pior dos casos, as cinco horas que precediam a ida ao aeroporto.



82 Resultados para "london"

Todos Projetos Produtos e Objetos BIM Pastas de Usuários Artigos Concursos Eventos

22.

Categorias Reino Unido Escritórios Empresas Ano Produtos 500M²=210000M² Cor

23.

ArchDaily Luca Macedo Folders

Luca Macedo
Architecture: Student

Settings Your Feed Following Bookmarks Folders + Add Folder

COPENHAGEN MILÃO OSLO STOCKHOLM HELSINKI BERLIM BARCELONA HAMBURG GLASGOW LONDON ROMA MADRID AVEIRO GENEBA AMSTERDAM ROTTERDAM LISBOA PORTO

CREATE A NEW FOLDER

COPENHAGEN + 48 **MILÃO** + 32

OSLO + 30 **STOCKHOLM** + 26 **HELSINKI** + 27

BERLIM + 54 **BARCELONA** + 90 **HAMBURG** + 20

GLASGOW + 3 **LONDON** + 41 **ROMA** + 1

de zeen

24.

Magazine Awards Jobs Events Guide Showroom School Shows Courses

Architecture Interiors Design Lookbooks

Talks Videos Opinion Comments Subscribe

Search Follow: [Facebook](#) [Twitter](#) [Instagram](#) [YouTube](#)

Google

25.

Architectural tour london

Todas Imagens Maps Notícias Shopping Mais Ferramentas

Aproximadamente 216.000.000 resultados (0,61 segundos)

26.

HUNT, WATCH & READ
architecture & design that need to be seen by the world

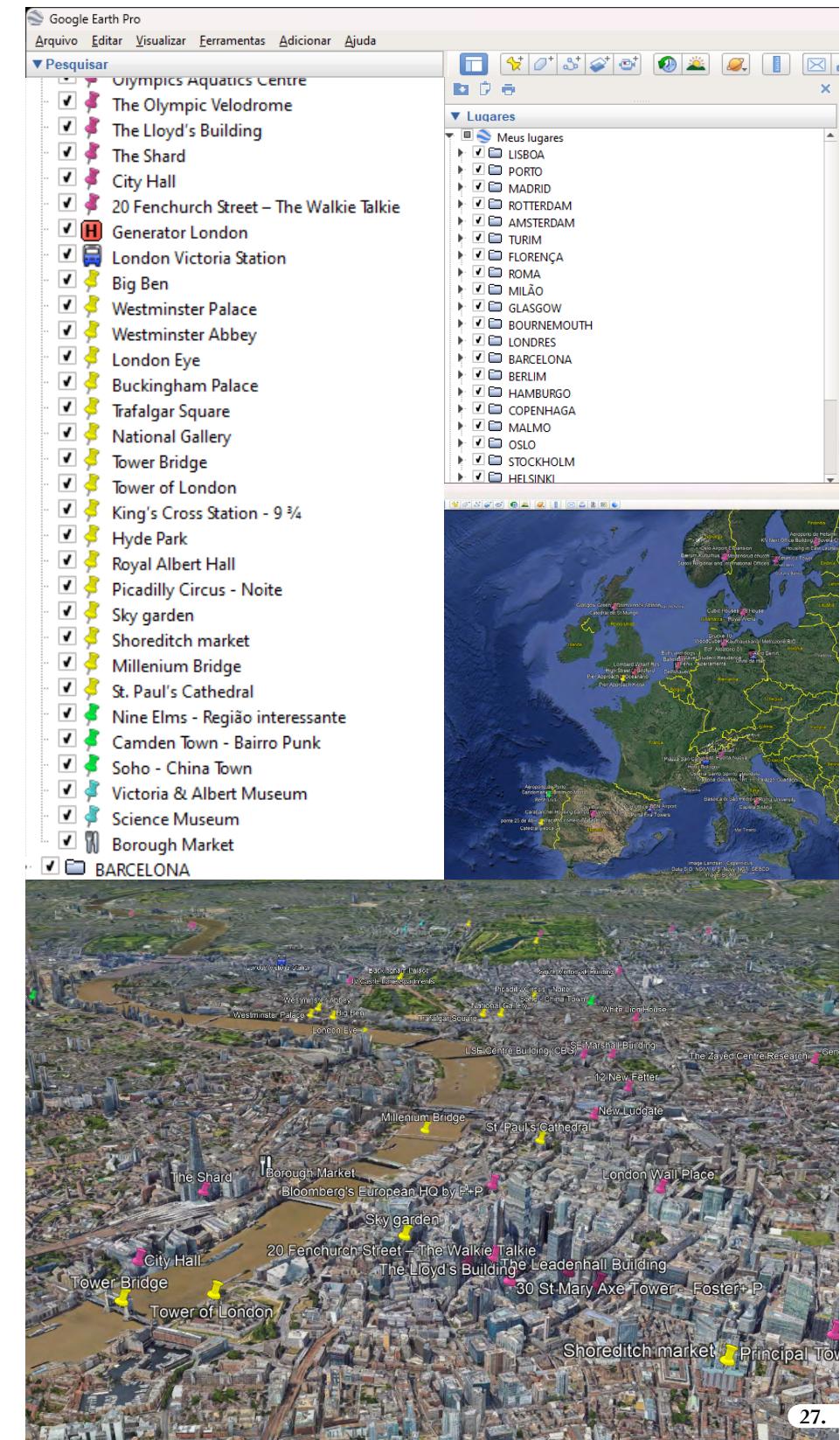
Nunca poderei agradecer suficientemente aos criadores de conteúdo e curadores do "Archidaily", do "Dezeen" ou do "Architecture Hunter". Através destes e de outros portais e publicações de arquitetura online, pude objetivar minhas pesquisas aplicando como filtro a cidade visitada e um mínimo de área construída (uma boa dica para excluir casas dos resultados, uma vez que costumam ser edificações não visitáveis, íntimas e privativas). Outra fonte importante de pesquisa era buscar roteiros arquitetônicos modernos ou contemporâneos elaborados por profissionais locais, é comum encontrar arquitetos oferecendo serviços de guia online e compartilhando seu itinerário, era dessa informação que eu me valia para encontrar algumas "joias" mais locais e menos internacionais. Era hora também de escavar na memória as obras estudadas em sala de aula ao longo de cinco anos no curso de Arquitetura e Urbanismo, os trabalhos feitos e projetos analisados. Será que eu teria a honra e o prazer de visitar algum deles? Instigava-me muito a possibilidade de ir a locais icônicos que tanto me serviram de referências ao longo da graduação. A busca se estendia pela madrugada e, de repente, a memória "RAM" do meu computador se fazia presente nas quarenta... sessenta ou oitenta abas abertas simultaneamente no navegador, brincadeiras à parte, cada aba era um projeto diferente, escalas diferentes, temas diferentes, desde pequenos edifícios residenciais a grandes museus. Apesar dos horários inconvenientes que me restavam para estudo das viagens, sempre foi muito fascinante e enriquecedor, de certa forma, é como se eu vivesse tudo duas vezes e vivo a terceira, ao revisitar minhas memórias neste trabalho.

22; 23: Na maioria das vezes, o portal Archidaily era a minha principal fonte de pesquisa para encontrar projetos de interesse. Ele me permite filtrar por cidade, país e área e poupa tempo afunilando a pesquisa. O recurso de pastas do site também foi muito útil na hora de registrar os projetos de cada viagem, além de facilitar uma pesquisa posterior que demande revisitar alguma obra visitada.

24; 25; 26: Outras fontes de pesquisa são sempre bem-vindas, trago mais três utilizadas: Dezeen, busca por *tour* arquitetônicos no google (direcionando ao fornecedor) e o portal Architecture Hunter.

Em viagem, meu tempo não seria infinito, muito pelo contrário, então, cada projeto que cruzei pela internet era analisado e passava por um filtro que poderia ser mais subjetivo como a conexão pessoal existente em um contato anterior ou, até mesmo, através de fotos, se não me sentisse atraído, iria direto para a pasta dos descartados, caso contrário, buscara o endereço e mapearia, junto aos demais (tarefa nem sempre fácil, para isso, o “*Chat GPT*” provou seu valor me auxiliando no trabalho investigativo). Após o registro de talvez trinta, cinquenta ou setenta obras por cidade em mapas no “*Google Earth*”, aplicava um segundo filtro, a análise logística. Com cada ponto de interesse marcado, ficava fácil perceber regiões desejadas e, também, perceber obras que estivessem muito deslocadas geograficamente das demais centralidades, são essas que merecem uma atenção especial, não era minha intenção consumir minutos preciosos em traslados longos, então, eu me aproximava melhor da obra, ainda online, para decidir se ficaria ou descartaria, como os primeiros. Hoje, olhando para trás, penso que teria selecionado um pouco mais e prezado pela qualidade da experiência em detrimento da quantidade, priorizado vivências mais completas, que me permitissem entrar, usar, sentir e me apropriar, mais do que apenas observar. Curiosamente, são exatamente algumas destas que surgiram os relatos aqui registrados. Por outro lado, entendo que, para um jovem estudante entusiasmado, a quantidade contribui para o conhecimento de mundo e formação de uma bagagem técnica.

27: De forma quase herdada, optei pelo “*Google Earth*” para mapear os pontos de minhas viagens. Este costume foi adquirido há muitos anos com meu pai. Cada cor de marcador representa uma classificação distinta de local; em rosa, interesses arquitetônicos; em amarelo; pontos turísticos; garfo e faca representam locais para refeições; verde são territórios não pontuais; cyan identifica museus; um “H” vermelho marca o local da hospedagem e meios de transporte, como avião ou ônibus, marcavam sempre seus respectivos terminais. A legenda costumava ser sempre essa, mas a depender da viagem, algum ajuste poderia ser feito.



Nem só de arquitetura se vive! Não sei se um dia voltarei a esses lugares, então é melhor que eu aproveite da forma mais completa possível. Como poderia ir a Londres sem visitar o “*Big Ben*” ou ir a Barcelona e não conhecer o calor da praia de Barceloneta? A viagem sempre precisaria ter um braço turístico, para isso, nada melhor do que “*blogs*”, “*vlogs*” e artigos como: “Londres: roteiro para três dias” para coletar os principais pontos turísticos, principais dicas e cuidados que visitantes devem sempre tomar.

Para mim, viajar sozinho, viajar a custos controlados ou os dois simultaneamente, que normalmente seria minha situação, não é bem sinônimo de restaurantes chiques ou grandes refeições. Costumo dizer que uma das vantagens deste tipo de experiência é comer o que quiser, na hora que quiser e se quiser, portanto, era a oportunidade perfeita para provar novos sabores pelo mundo. Paralelamente ao roteiro arquitetônico, sempre construí uma rota gastronômica focada em comidas típicas da cultura local e nacional de onde eu estivesse indo, sendo assim, pequenos mercados, trailers, lanchonetes e padarias sempre se encaixavam pelo mapeamento da cidade, o resultado é que sempre haveria alguma boa recomendação próximo de onde eu estivesse. Por mais que eu tenha uma série de restrições alimentares, as viagens me permitiram descobrir um novo mundo a cada cidade, aproveitando para me sentir um local ao comer pratos ou lanches típicos fora da rota turística. A melhor alternativa que encontrei para tais pesquisas foram os criadores de conteúdo presentes no “Youtube” encontrados pelos termos “*Food Tour*” ou “*Street Food*”.

Agora sim... já tenho quase tudo mapeado, mas me falta algo importante. Ainda preciso de um local para dormir! Não vou me delongar nas formas de pesquisa ou plataformas, mas nas tipologias disponíveis a um orçamento reduzido. Assim que iniciei minha história como viajante

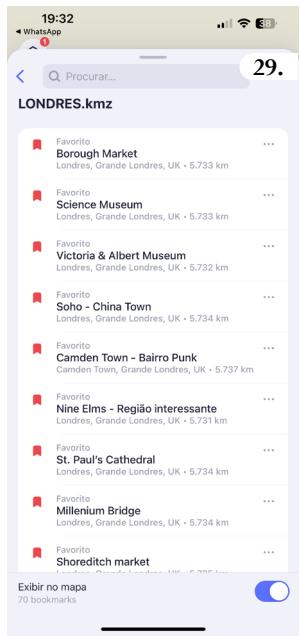
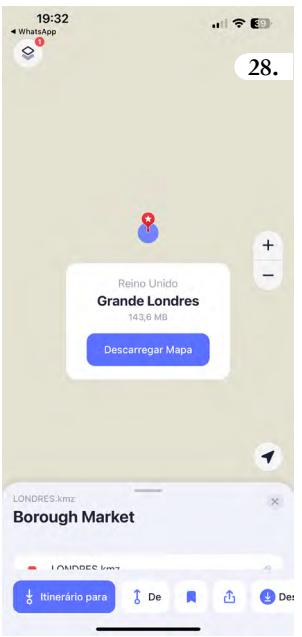
tinha receio do que acabou sendo o meio mais utilizado por mim, o compartilhamento de quartos em “*hostels*”, confesso que não assimilava bem a ideia de dormir em um cômodo com dez ou doze pessoas, tampouco utilizar um banheiro multipartido, em conjunto com a mesma dúzia de pessoas ou mais. Se busca um pouco de privacidade a todo custo, uma boa opção é buscar um quarto para aluguel na casa de algum local, mas o que ambas as experiências têm em comum e o que as torna realmente curiosas são as infinitas possibilidades de conhecer pessoas e culturas, trocar conhecimentos, jogar conversa fora e acabar conseguindo uma companhia para uma cerveja aqui ou ali. Na casa de alguém, é interessante perceber as sutis diferenças que existem entre o que entendemos por “*morar*” e o “*morar*” daquela cultura, a forma como os ambientes são divididos e utilizados pode ensinar muito. Analogamente, a primeira opção, para mim, era uma vivência completamente nova, são espaços descontraídos, polivalentes, animados e inclusivos. Diferentemente do exercício de projeto proposto no segundo período da graduação, hoje me sinto preparado para projetar um hostel. Com o tempo, fui criando certas preferências com relação à escolha de minha estadia, a maioria delas tinha a ver com a privacidade da cama e do banho, mas a que talvez fosse a mais importante era a localização diante do meu mapa.

O que nos leva ao próximo ponto, por algum motivo, apesar de sua relevância, sempre foi a última informação a ser levantada por mim e diz respeito aos deslocamentos. Tratando-se de cidades europeias, normalmente, não há com o que se preocupar quando tratamos de transportes coletivos, mas é importante estar atento à oferta de serviços, trajetos e particularidades como a forma de pagamento de cada cidade ou os pacotes promocionais oferecidos (estes costumam ser diários ou por uma quantidade determinada de trechos percorridos). Mesmo negligenciando, em certo ponto, este tema, uma precaução que sempre deve ser tomada é estar atento em como chegar

e sair da cidade. Os aeroportos tendem a ser afastados do centro das cidades, e estes momentos da viagem costumam ser atribulados, qualquer falha pode levar a algum prejuízo, então é importante saber os transportes que conectam os terminais de transporte na cidade e as modalidades disponíveis.

Agora sim, estou pronto para ir a campo, já tenho tudo que preciso para não repetir o que passei no Marrocos. Vivemos na era da internet e por várias vezes, caminhando, lembrei de meus avós e meus pais em suas viagens e imaginei o que seria das minhas sem a tecnologia, alguns aplicativos de telefone foram essenciais para a agilidade das visitas e para evitar situações adversas, como o “*citymapper*”, utilizado para identificar corretamente os deslocamentos, e também o “*Maps.me*”, servindo como visualizador ‘offline’ dos mapas produzidos no “*Google Earth*”, pelo computador. Tudo planejado, anotado e mapeado, resta-me iniciar o passeio e aproveitar o momento, enquanto registro em fotos cada pedaço de arquitetura que me é possível, aliás, revendo meus arquivos, se hoje sinto qualquer orgulho da minha galeria privada, devo parte deste ao professor Daniel Andrade que, através de uma disciplina optativa de fotografia aplicada à arquitetura, treinou meu olhar para diferentes composições e possibilidades.

A verdadeira mensagem que gostaria de transmitir com este método pessoal é que estar preparado é importante, mas o caminhante não merece estar limitado a nada, tudo são guias e orientações, é importante se deixar levar pelas solicitações do meio que vive e descobrir as surpresas e sensações que ele pode te entregar. É a partir desta perspectiva que apresento os próximos capítulos. Relatos individuais e únicos de encontros pessoais e íntimos entre um graduando e a arquitetura.

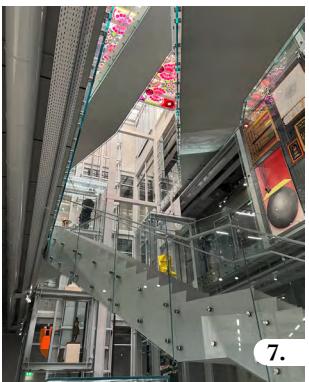
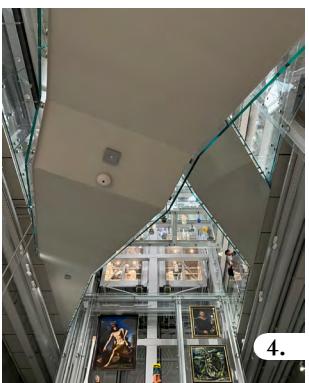
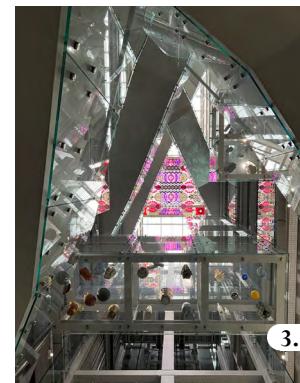


28; 29; 30: As três imagens se referem às principais páginas da interface para celular do aplicativo “maps.me”. Nele, conseguimos importar o arquivo .kmz gerado pelo “Google Earth” no computador e navegar em mapas salvos no próprio celular e atualizados regularmente. Após feita a importação do arquivo, todos os itens virão em formato de lista e “pins” devidamente localizados. O mapa é altamente editável e também auxilia em pequenos percursos a pé.



31; 32; 33: o “Citymapper” é uma ferramenta que ilustra e compara rotas e meios de transporte em cada cidade, auxiliando em deslocamentos médios e longos com alertas em tempo real.





I. Quando a arquitetura encontra a arte

● Países Baixos ● Rotterdam ● 22 Fev 23 ●

Obra: Depot Boijmans Van Beuningen

Autor: MVRDV

Ano: 2021

Um museu ou outro sempre acaba entrando em um roteiro, seja ele turístico ou arquitetônico, mas, de forma alguma, eu imaginaria que incluiria um depósito de artes em meu itinerário, digamos que eu cheguei a cogitar um erro de nomenclatura ou tradução, já que o idioma holandês não me parece familiar. Sendo uma falha ou não, era um projeto do escritório MVRDV, daqueles que mais me inspiram no fazer arquitetônico pelo mundo, e essa admiração só cresceu em minhas visitas à Holanda, onde sua atuação é muito presente.

Desde ontem, Rotterdam estava cinza, era outono, e as várias árvores secas na rua me faziam imaginar como seria a primavera, na verdade, o frio que menosprezei ao fazer a mala, mais do que imaginar, fazia-me desejar a primavera. Somando este clima às obras que dominavam aquela praça, um tanto árida, vazia de transeuntes e com pouca vegetação, encontrei carros e caminhões de serviço compondo a paisagem. Estando no local, percebi que esse cenário pouco acolhedor era duplicado pelo seu reflexo rebatido na fachada do depósito de arte do *"Boijmans Van Beuningen"*. O que nos leva ao primeiro choque em contato com o edifício, sua materialidade, estamos acostumados a ver arranha-céus que dizemos serem espelhados (e são), mas aqui estamos falando literalmente de espelhos compondo a pele da obra, reflexões perfeitas, que não transparecem o interior ou nada mais que não seja seu entorno, diferente dos vidros reflexivos de torres empresariais. O segundo choque está na forma, a secção horizontal é um círculo (mais simples impossível), mas se fizermos uma secção vertical, veremos que o edifício é resultado da revolução de uma curva de raio composto por 360°. Sei que ficou complicado, vamos simplificar as coisas. Imagine algo como um copo baixo e de paredes curvas, sua base é plana, para que se apoie na superfície, é seguida de uma curvatura mais acentuada que o "solta" da mesa, um trecho quase

1. Perspectiva de chegada: edifício e entorno
2. Recepção e lobby de entrada
3. Vista da claraboia central
4. Diversidade de rampas e exemplo do método expositivo 01
5. Secção de armazenamento de obras artísticas
6. Sala de reparos e ou manutenções em obras artísticas
7. Diversidade de rampas e exemplo do método expositivo 02
8. Superfícies espelhadas nas paredes do terraço suspenso na coberta 01
9. Superfícies espelhadas nas paredes do terraço suspenso na coberta 02
10. Fachada em detalhe
11. Encontro e diálogo com Fokke Moerel sobre a obra apresentada

reto, conferindo a altura e volume necessários e, então, a borda do copo boleada, fazendo com que não corte seus lábios. Essa talvez seja a melhor racionalização do objeto arquitetônico que acentua sua curvatura na base para tocar sutilmente o chão e no topo para suavizar o toque ao céu.

Para além de me aquecer, dar o primeiro passo adentrando aquele grande ‘copo’ pelo seu ‘fundo’ me levou à recepção, que, apesar de pequena, transparece os primeiros impactos internos da morfologia do edifício na espacialidade através de paredes em concreto arredondadas, quebrando um pouco os limites em ângulos retos e trazendo a amplitude de um “fundo infinito”, complementado pela dupla altura no lobby principal. Piso, teto, paredes, vigas e pilares, tudo em concreto aparente, já as instalações são todas conduzidas por calhas metálicas tão expostas quanto a proposta de iluminação, que feixes de luz vermelha e branca em tubos intercalados, formando um desenho radial, quando observado de uma perspectiva mais ampla. Uma solução arquitetônica muito simples, mas dotada de muita sensibilidade. Apesar da rusticidade que esses materiais transmitem, a arquitetura agrega alguns pontos de cor espontâneos e de grande impacto através do mobiliário e de paredes que não são estruturais, transformando aquela atmosfera em algo puro, porém lúdico. É engracado que estas características que percebo no espaço interno já começam a refletir a característica de “depósito” em vez de museu, que, por várias vezes, cumpre papel apenas de plano de fundo neutro para a arte, o *“Depot Boijmans Van Beuningen”*, por sua vez, participa dela.

Iniciei o percurso da visitação e sou, imediatamente, forçado a olhar para cima... sinto que estou no coração de todo aquele espaço construído, o local que faz tudo funcionar, era um grande átrio vazando todo o edifício por cerca de 30 metros de altura, iluminado naturalmente

através de uma imensa claraboia, que anuncia a primeira obra de arte, um conjunto de vitrais com motivos geométricos e coloração majoritariamente violeta, sempre achei que essa secção do espectro cromático tinha algo especial, afinal, promove uma calma transcendental. Enquanto todas as salas expositivas e demais ambientes têm ocupação perimetral, este vazio fica exatamente no centro do depósito, mas, na verdade, não é tão “vazio” assim, escadarias extensas conduzem o percurso e cruzam o espaço de ponta a ponta em posições alternadas pavimento a pavimento, gerando um enquadramento quase triangular naquele átrio retangular. Eu ainda diria que, para além do detalhamento e execução invejáveis, o cruzamento entre estas escadas pode, facilmente, ser considerado como a segunda obra de arte exposta.

As próximas peças do “museu” me intrigavam, afinal, eram trabalhos em cerâmica moderna ao lado de pinturas clássicas ou ainda esculturas contemporâneas ao lado de arte sacra de séculos atrás. De repente, eu me vi confuso, pois é normal que um museu tenha um tema ou período bem definido, seja para todo ele ou para suas subexposições, mas ali não, estilos e períodos da arte diversos, tudo era uma coexistência. Apesar de um núcleo homogêneo em concreto e metal, como descrito, cada sala perimetral tinha suas particularidades conforme a função que desempenhava, algumas delas expositivas, mas, em outras, não era possível ter outra relação senão visual, através de extensos panos de vidro, eram praticamente vitrines que expunham profissionais em sua rotina de trabalho normal. Passados alguns andares do percurso, fica mais clara a denominação de “depósito de arte” (é bastante óbvio que não era um erro de tradução), o projeto do MVRDV era parte do complexo museológico *“Boijmans Van Beuningen”*, nada menos que o maior da cidade, uma vez que não é possível manter exposta toda a riqueza do acervo próprio, noventa

e dois por cento dos itens é armazenado aqui. O que torna esta experiência diferente de qualquer outra é o caráter educativo de conhecer os processos, técnicas e teorias por trás do trabalho museológico de armazenamento, manejo, conservação, restauro e reparos.

No último andar, a arte não está mais presente em forma de pinturas, esculturas e nem mesmo escadas, mas em forma de um restaurante, aparentemente muito frequentado, e de um maravilhoso terraço aberto com vista privilegiada da cidade e suas belezas. Situando o leitor, estamos agora exatamente na borda do copo que mencionei lá no segundo parágrafo desta sessão, ela nos traz a segurança de verdadeiras paredes em vidro, que não deixam de protagonizar a cidade por sua translucidez. Mas é fato que a verdadeira arte deste espaço é a forma como o cheiro do frio, os espelhos e o paisagismo contribuem para uma atmosfera natural e aberta de uma praça pública através da vegetação que além de exuberante, no momento, exibindo seus galhos, nasce no mesmo nível dos caminhos pensados em piso simples de concreto para áreas externas, como veríamos em uma praça. Por muito tempo, fiquei junto às paredes, falo de centímetros de distância, tentando entender e me esforçando registrar cada detalhe daquele material espelhado que tanto me era novo e desconhecido... não se observa a fixação ou encaixe, não é um mero espelho colado, o reflexo também está presente na curvatura da borda do material... mas, enfim, essa conversa está ficando muito técnica, o que realmente importa são as diversas perspectivas inusitadas que causam as paredes ao refletir a paisagem e a vegetação local, muitas vezes, reflete também pessoas que não estão na sua vista real, apenas virtual. O resultado é um espaço com impressão de ser trezentos e sessenta graus e com relações sensoriais únicas.

Aparentemente, o percurso chega ao fim, mas há algo mais sobre o vazio central que omiti deliberadamente, mas agora é hora de revelar. Além das escadarias e vitrais, a grande cereja do bolo também está aqui e certamente foi o ponto que mais me tocou e está relacionado à liberdade de expor de forma criativa sem as limitações tradicionais de ordenação ou posicionamento, afinal, é um depósito, não um museu. Enquanto subo e desço as escadas, cruzo com grandes caixas de aço e vidro suspensas em diferentes alturas e diferentes formatos, com séculos e séculos de produção artística exposta, de forma que o próprio visitante estabelece o ponto de vista que quer ter, acerca da peça observada. De cima para baixo, de baixo para cima, por trás, de lado... a cada degrau que se sobe ou desce, aquelas obras se renovam para um olhar atento e se revelam de maneira autêntica e inesperada.

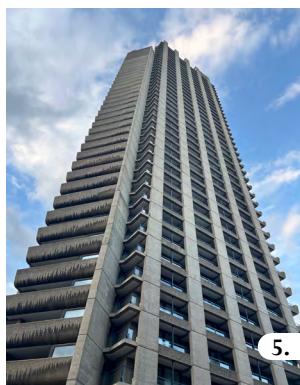
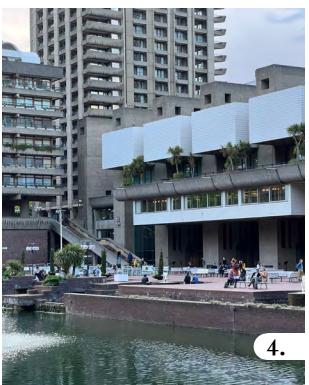
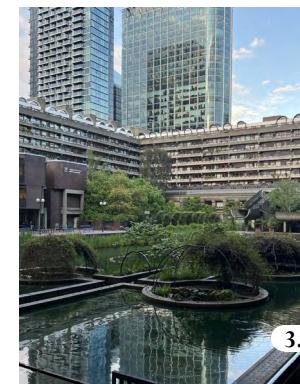
Hoje compartilho a minha visão com vocês, mas com exatos doze dias após a visita, no dia seis de março de dois mil e vinte e três, eu compartilhava esta experiência e outra com a arquiteta Fokke Moerel, ninguém menos que uma das sócias do MVRDV. Um encontro inesperado, mas eu posso explicar. Trata-se uma das vantagens de estarmos em intercâmbio, algumas distâncias são encurtadas, foi aí que minha então faculdade em Lisboa, o Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) promoveu uma série de palestras voltadas à arquitetura, e a Fokke Moerel foi uma das convidadas a apresentar sua participação em projetos do MVRDV como o próprio *"Depot Boijmans Van Beuningen"*. Na ocasião, eu não estava muito familiarizado com a programação do evento, entrei no auditório sem grandes expectativas, mas, no momento em que ela começa a falar sobre vários projetos que eu havia visitado poucos dias atrás, fiquei vidrado, não conseguia tirar os olhos daquela senhora (a propósito, ela carrega um semblante que me lembrava aquela figura de avó bondosa e sábia, mas

não vem ao caso), ela falava sobre o “*the valley*”, em Amsterdam, sobre o “*Rotterdam Market Hall*” e quanto mais ela ilustrava esses trabalhos com diagramas e uma narrativa impecável, mais eu me interessava. Então veio a hora em que ela passou a falar sobre o depósito, além de aspectos técnicos e desafios do fazer arquitetônico, que envolviam soluções sobre: como trazer luz natural aos ambientes que demandavam sem quebrar com a homogeneidade da fachada? Ou ainda: Como criar uma porta de acesso principal ao edifício em uma superfície de curvatura acentuada? Mas a surpresa veio mesmo ao falar sobre a inspiração conceitual, que surge, literalmente, de um momento de “*brainstorm*” regado a um pequeno lanche que, dentre vários itens, contava com uma vasilha vermelha ao lado de uma garrafa de café cromada. Por que não mesclar esses dois objetos e uma instalação arquitetônica única no mundo? Pode não ser a pergunta mais óbvia possível, mas foi o que aconteceu. Acho que a minha primeira associação com copo não estava lá tão equivocada.

Algumas das experiências que relato tiveram seu início a partir de estudos em sala, recomendações ou conversas e têm seu final ancorado na experiência prática, este foi um dos exemplos que ocorreu exatamente o contrário, mas o sentimento de estar fechando um ciclo era de grande alegria e entusiasmo. Pude ainda complementar todo esse ânimo com uma breve conversa com a Fokke Moerel, na qual tive o prazer de expressar em palavras diretas as minhas dúvidas, a minha admiração e ainda receber em troca um sorriso, uma explicação atenciosa e, claro, uma foto de recordação de mais um momento único vivido aqui.

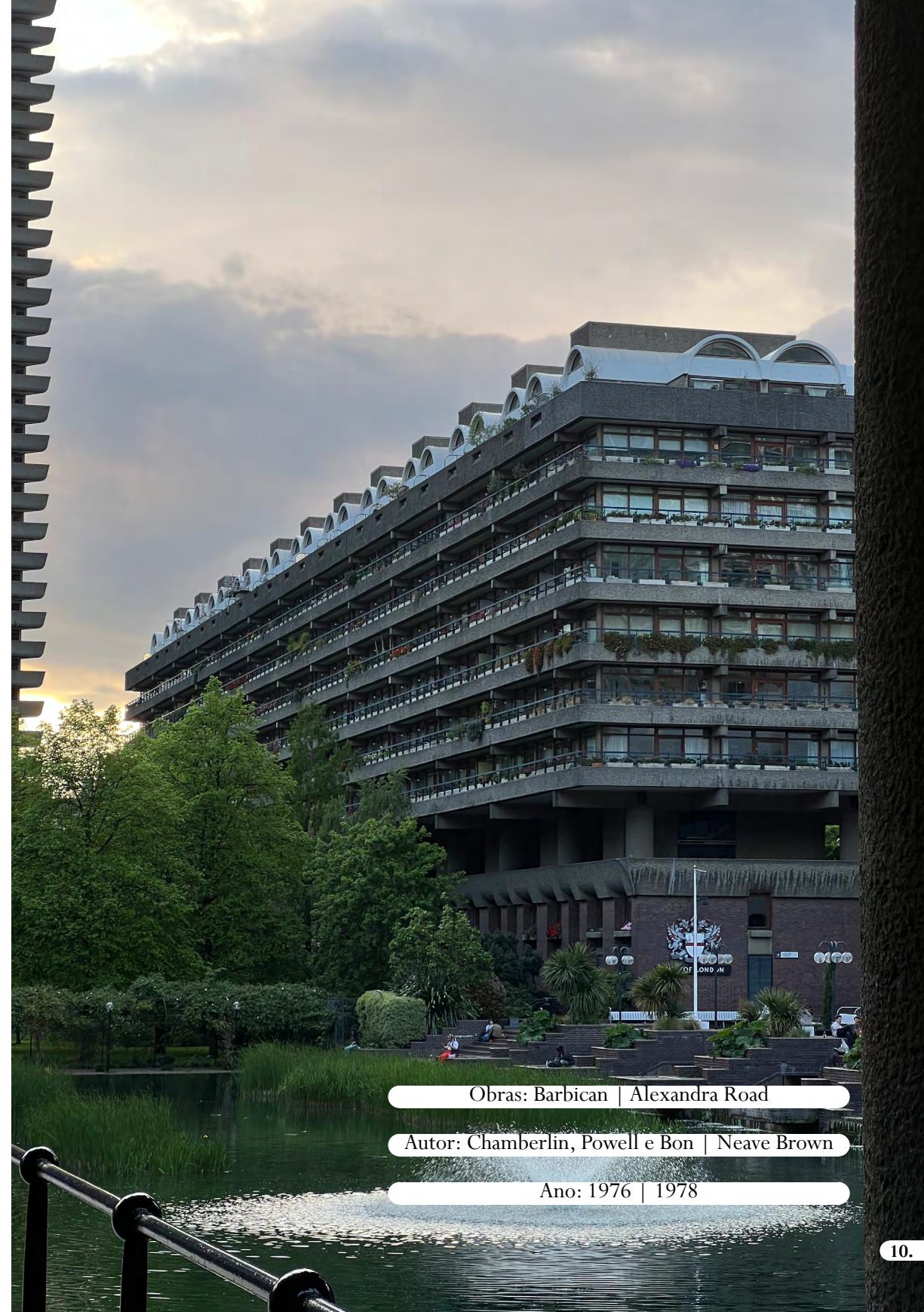






III. Entre lajes e lajotas

● Inglaterra ● Londres ● 11 Mai 23 ●



1. Perspectiva central da rua: Barbican como ponto de fuga
2. Vida nas varandas e jardineiras particulares
3. Oásis em Londres: complexo ladeado de torres contemporâneas
4. Diversidade de linguagens, programa e partidos no Barbican
5. Torres do complexo
6. Primeiro contato com o Alexandra Road Estate
7. Detalhes das jardineiras, varandas e peças construtivas
8. Escada de acesso a apartamentos em níveis superiores
9. Composição digital atravessando a Abbey Road simulando “The Beatles”
10. Pôr-do-sol no Barbican e suas belezas
11. Despedida da obra de Neave Brown, cenário ícone da cultura pop

Dentre minhas viagens, derivas e andanças em busca de uma bagagem rica em arquitetura, quando penso em grandes arranha-céus envidraçados, imediatamente me vem Londres à cabeça, mas era de se esperar... estamos falando do principal centro financeiro hoje de toda a Europa. Eu acredito que essa linguagem também tem seu valor e sua função, mas hoje olharemos para a capital sob um prisma diferente. Estamos na década de setenta, um período de desafios econômicos e sociais advindos da expansão das cidades que demandava soluções de habitação a custos acessíveis para a classe trabalhadora. Esse é o contexto que permeia a construção das duas obras retratadas neste breve relato de experiência, o “Barbican Estate” e o “Alexandra Road Estate”.

Em meio ao meu processo corrido e pragmático de selecionar pontos de visita, até cruzei com o Barbican, mas o ignorei deliberada e prontamente. Eu estava indo para Londres! Queria ver modernidade e não “velharias”. Acontece que eu não escaparia fácil de algo tão grandioso. Já no avião, de Lisboa a Glasgow, onde essa viagem teve seu início, aguardava a decolagem e aproveitei para gastar um tempo nas redes sociais comentando “posts” e o Arquiteto e amigo Oliveira Junior respondeu um deles. Sempre muito interessado em meus assuntos, quando soube que estava indo à grande metrópole inglesa, não perdeu a oportunidade de me fazer uma (e apenas uma) recomendação.

-Tenta ir ao Barbican em Londres

É uma obra Brutalista da década de 70.

Uma obra-prima da arquitetura.—

O termo “obra-prima” não é algo que saímos utilizando atoa, certo? Naquela hora eu até pensei que pudesse ser o projeto que tinha descartado no dia anterior, mas não quis saber, agora eu precisava ir. O Barbican passou de desclassificado para prioridade em um piscar de olhos, mas vamos ver se Oliveira tinha razão.

Alguns terrenos são privilegiados com boas perspectivas urbanas, por exemplo: quando coincidem com o término de uma via pública é sempre muito bem-vindo, pois nos dá espaço para apreciar a arquitetura em sua totalidade, dependendo de sua escala. Esse foi o meu primeiro contato com o edifício, só um ponto de fuga naquela perspectiva de rua e era ele. A julgar pelo acesso, não me parece ser tão aberto ou convidativo, pensei duas vezes se me era permitido entrar ali, mas a cancela barrava apenas carros. Interessante... as linhas são tão retas quanto poderiam ser, no entanto sua coberta esbanja elementos arqueados, essa dualidade sempre chama minha atenção.

Eu até entendo algumas pessoas dizerem que a arquitetura brutalista parece um tanto morta, mas não há nada que combine tanto com o concreto aparente, presente em toda a fachada, que uma boa quantidade de vegetação natural. É incrível como traz vida e automaticamente nos prova que há alguém atento àquele espaço e cultivando-o como um lar de verdade. Ademais, o cultivo de espécies distintas a cada varanda transparece uma diversidade que não está presente na arquitetura (ao menos, por fora).

Não levou muito tempo, para que eu caminhasse até um espaço aberto e percebesse a dimensão daquele lugar, que deixava instantaneamente de ser um edifício para ser um amplo complexo.

Não será suficiente, mas para dar-vos uma noção de grandeza, eu poderia, facilmente, passar o dia explorando cada particularidade daquela “obra-prima”, como diria meu amigo Oliveira. Olho ao meu redor e estou cercado por aqueles edifícios brutalistas (talvez essa barreira acústica densa explique o silêncio nesse lugar), tudo tem um aspecto meio monocromático, muito concreto. O mais curioso é que por trás deles temos um vasto plano de fundo de torres espelhadas contemporâneas, o que reforça um sentimento claro de que estamos em um Oásis Londrino, bem no meio da metrópole

E como todos os oásis que surgem no deserto de desenhos animados, não haveria de faltar o contato com a natureza que traz tanto conforto. Aqui temos água em abundância no que parece ser uma piscina gigante, chegando a atravessar um dos prédios que descansa seus pilares na água passando livres por quatro pavimentos, uma paisagem simplesmente incrível. Desde o piso escolhido, em tijolos naturais, até o plantio das espécies, que é surpreendentemente diverso, o paisagismo provoca múltiplas possibilidades de estar ali. Quem busca introspecção e contato com a água, pode experimentar os patamares em cerâmica que avançam sobre o lago ou ainda ler um livro nos pequenos alvéolos rebaixados e ter a água praticamente ao nível dos olhos. Quem busca descontração pode sentar-se com os amigos ao redor de uma das várias fontes ou, até mesmo, na grama sob a copa de uma árvore. Tudo é feito com tal esmero que não posso deixar de traçar um paralelo direto com os tão frequentes casos em que a arquitetura é feita para números e não para pessoas.

Um detalhe construtivo em específico me salta aos olhos pela qualidade executiva e sutileza formal, apesar da força de sua intenção, ocorre de forma pontual e seletiva. Mais uma vez, representa uma dualidade de linguagem entre curvas e retas, quando algumas bordas de seus vários balanços são levemente arqueadas para cima, gerando jardineiras ou apenas separações volumétricas mais marcantes. Foi essa particularidade que me fez analisar, mais uma vez, o entorno, cheio de torres, e perceber que duas delas na verdade carregavam várias semelhanças em relação ao conjunto que eu estava, uma delas era exatamente uma suave curvatura em suas bordas. Mas é claro... as torres também eram parte de tudo aquilo e, mais uma vez, eu me espantava com aquela escala.

Em várias das experiências que relato aqui, se não são localizações turísticas, sou um indivíduo sozinho observando o espaço. No Barbican, era diferente. O complexo era vivo, apesar de tranquilo, as pessoas também estavam ali, algumas fazendo o mesmo “nada” que eu, e outras consumindo, pois, para minha surpresa, o conjunto contava também com comércios, serviços, escola e até mesmo igreja. Tudo funcionava como um organismo, uma cidade em uma cidade.

Algum tempo depois, de alguma forma, acabei entrando em algum centro comercial bastante exótico, penso ter visto até mesmo um cinema, mas não tenho lá tanta certeza, estava à procura de uma saída daquele mundo. Estou certo de que uma comunidade edificada como Barbican tem várias entradas e saídas, mas, ironicamente, minhas limitações só permitiram que eu saísse dali pelo mesmo caminho pelo qual entrei.

O conjunto visitado teve sua construção entre 1965 e 1976, o que nos leva ao outro lado da cidade, quase nove quilômetros a noroeste, em uma vizinhança bem mais pacata e tranquila, a fim de conhecer o que entendo ser um “primo próximo” construído entre 1972 e 1978. Era o “*Alexandra Road Estate*”, um projeto de Neave Brown e provavelmente sua obra de maior relevância. Diferentemente do primeiro, este não teve a chance de estar fora do meu roteiro, trata-se de um velho conhecido. Cursando o oitavo período de Arquitetura e Urbanismo pela UFPB, há precisamente um ano e junto a meu amigo e parceiro de trabalhos Diêgo Nóbrega, nós concentrávamos nossos esforços em compreender as mais diversas soluções de habitação postas em prática pelo autor desta obra no momento do projeto para, então, apresentar uma completa análise na disciplina de História da Arquitetura e do Urbanismo oferecida pela professora Wylnna Vidal. Naquele momento, eu já estava correndo à vaga no programa de mobilidade estudantil, mas não tinha uma confirmação. Tampouco imaginaria que 363 dias depois tiraria uma “Selfie” com o Alexandra Road de plano de fundo.

Com o Barbican ainda fresco na memória, é impossível não correlacionar as obras, que carregam fortes semelhanças, desde partirem ambas de uma estética brutalista onde o concreto é protagonista, até serem complexos de múltiplos usos, abertos à comunidade de modo geral. As similaridades se estendem ainda até para detalhes de materialidade como o uso de metais azuis para corrimãos e guarda-corpos, além de um destaque especial para o piso da via feita para pedestres, que também é cerâmica natural, contrastando diretamente com o cinza do concreto e compondo com a abundância e diversidade de espécies de vegetação que dominam o

espaço. Por outro lado, enquanto o Barbican tem uma implantação em ilha que agrega um vazio em seu miolo morfológicamente mais amplo, o Conjunto de Neave assume características mais lineares e oferece essa linearidade como espaço público através de um parque e de uma espécie de boulevard que se estende por quase quinhentos metros e, em vez de nos cercar de árvores, apesar de também tê-las, cerca-nos em concreto.

Apesar do tradicional céu cinza londrino e a ameaça constante de chuvas, minha alma irradia verão, é indescritível poder caminhar nesta alameda, que, um ano atrás, eu buscava descrever em palavras para a turma quão seria interessante. Hoje continuo sem uma explicação satisfatória, mas sentir o espaço e observar aquelas edificações, enxergando a complexidade que existe por trás daquela fachada e acessos chega a ser emocionante. É mais um ciclo que se completa entre a teoria e a experiência em campo.

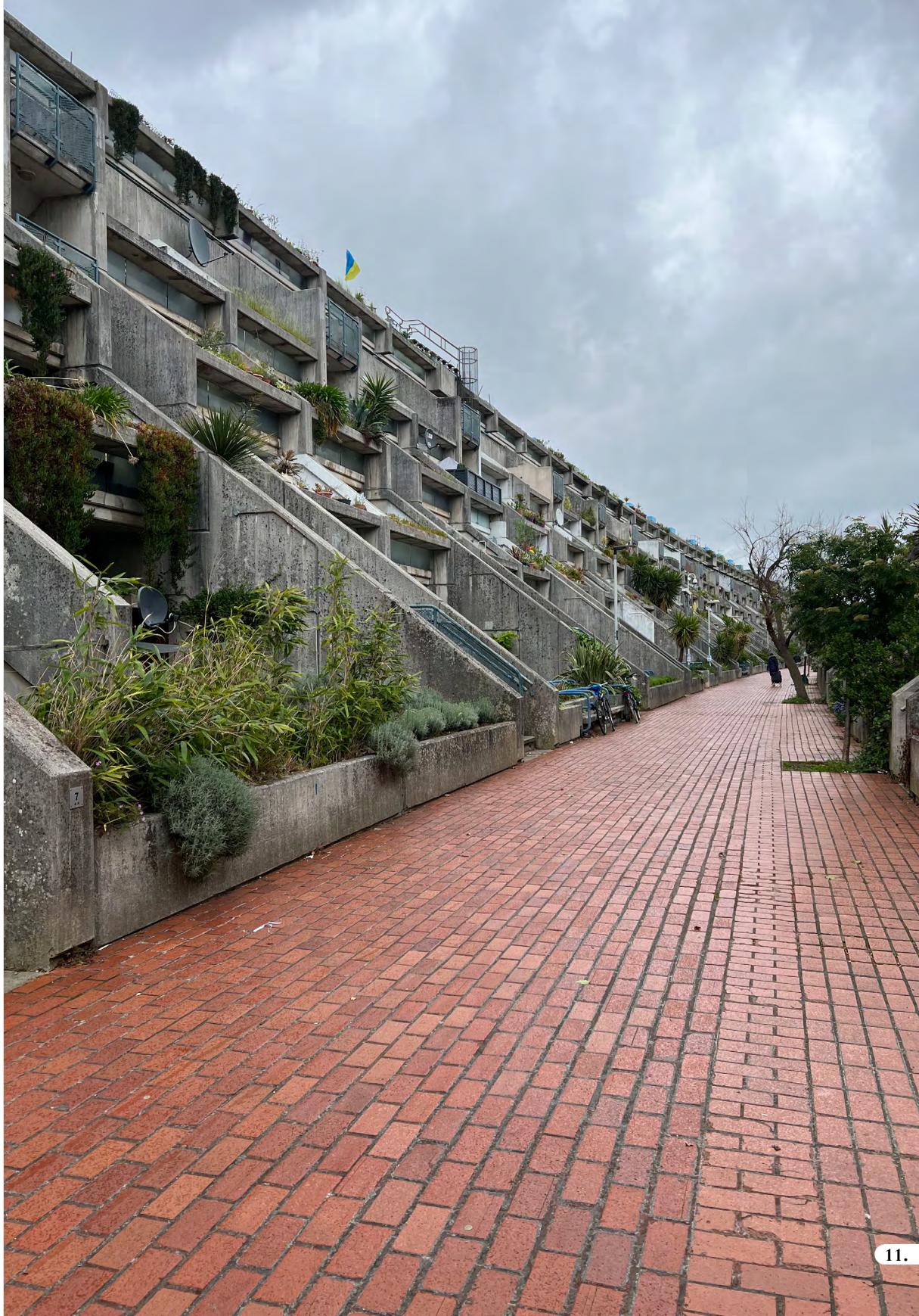
Quando se observam as fotos do complexo, de sua inauguração aos dias de hoje, fazendo uma relação cronológica, podemos perceber a ação do tempo e dos usuários na arquitetura. Esse aspecto já havia sido pontuado lá atrás, em 2022, no meu trabalho de história, mas, tendo a chance de ver com meus próprios olhos, não posso negar que fica uma breve lamentação acerca da falta de cuidados com a limpeza e com a manutenção do cenário geral. O concreto que já foi quase branco hoje se vê por trás do lodo e da sujeira, a vegetação, apesar de espontânea, em alguns pontos está mais para “mato”. Por parte dos usuários, muitas vezes por necessidade, há o acúmulo de objetos pessoais de grande porte, como brinquedos infantis, bicicletas ou sobras caseiras nos terraços, ficando à

vista, mas acaba até compondo com a infeliz ideia de fixar diversas antenas de telecomunicação diretamente na fachada.

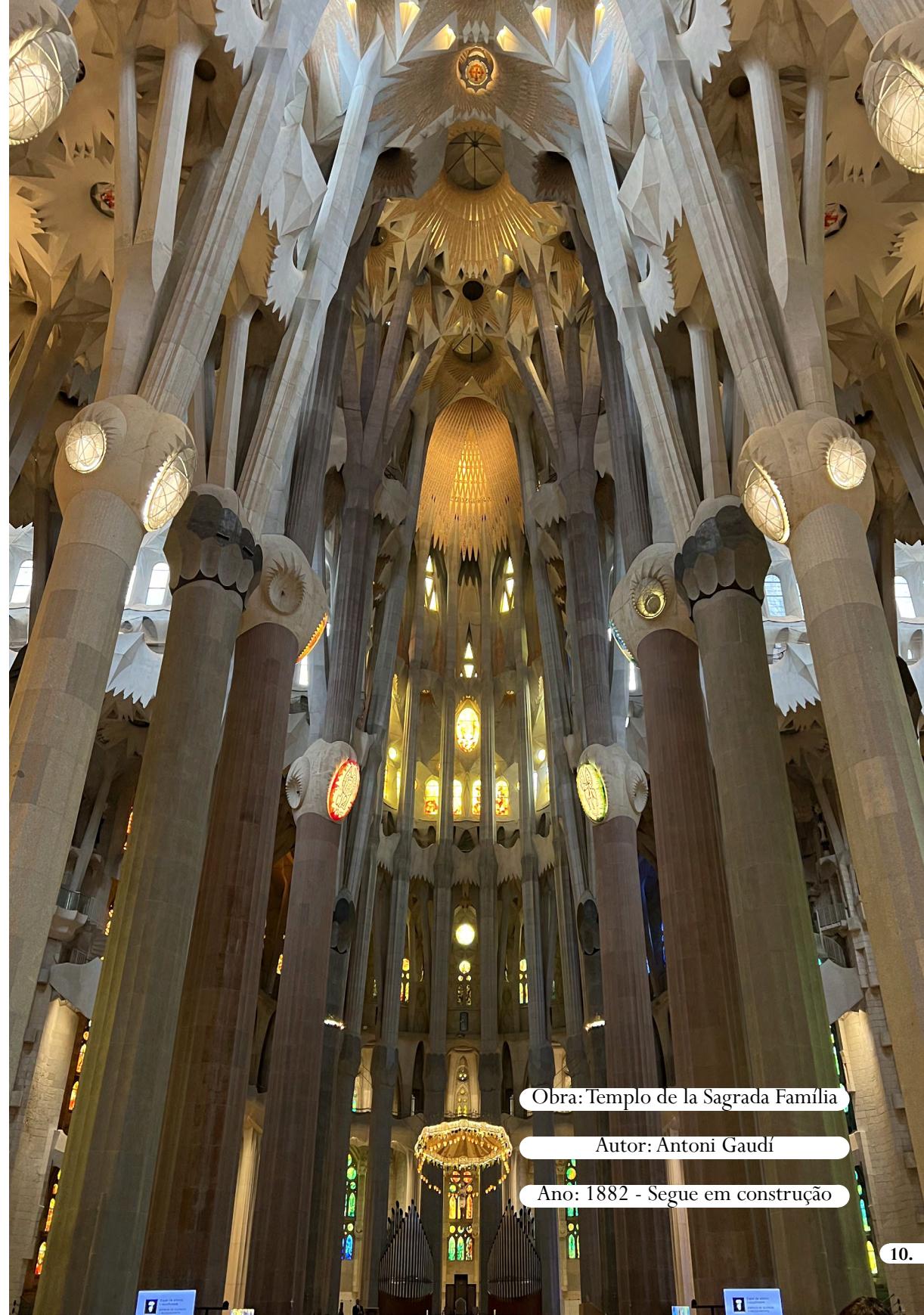
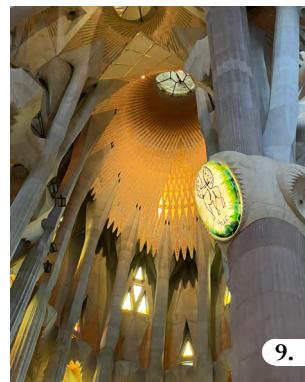
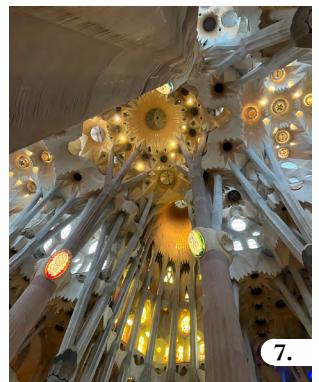
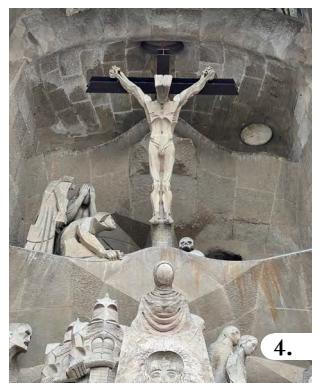
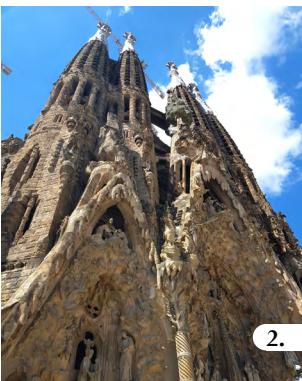
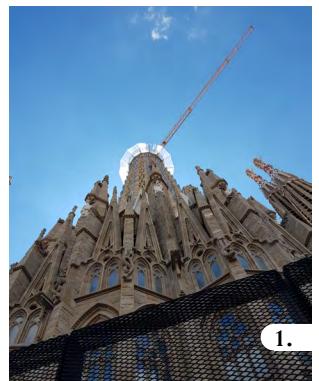
Recordo-me bem, quando estudei o caso, que alguns teóricos e críticos emitiam opiniões distintas sobre o *“Alexandra Estate”*, uns diziam ser um cenário demasiadamente futurista (o que é compreensivo, quando olhamos as imagens da inauguração), outros vão em uma direção completamente oposta, relacionando aos antigos zigurates, em virtude de suas linhas diagonais, escalonamentos e aspecto piramidal, há ainda aqueles que não colocam a sensação de estar no conjunto associada ao campo das construções, mas sim de um cenário natural, como um desfiladeiro onde a vegetação nasce de fendas naturalmente. Particularmente, consigo enxergar um pouco de cada uma dessas percepções ao longo do meu trajeto, arrisco dizer que elas dependem da época e do estado de conservação em que se deu o contato com aquelas residências. Isso me faz refletir sobre a individualidade de cada relato e sua relevância, mas também me leva a pensar sobre o edifício como ser responsável ao tempo e sua força. Mas, o importante é que agora é possível emitir uma opinião própria embasada na experiência prática do simples estar e pensar. Naves espaciais, construções sumérias ou obras da criação... fico com um pouco de cada, o Alexandra é um cenário único, que temos o prazer de poder vivenciar, seja caminhando pela sua alameda central ou através da cultura pop, onde fez incontáveis aparições cenográficas.

A última memória que tenho de quando me despedia da obra de Neave é de observar uma placa de identificação do complexo que marcava minha localização junto ao nome da via... Abbey

Road. A depender da bagagem do leitor, fica fácil saber onde essa história termina, mas como entusiasta da música e guitarrista que sou, aquelas palavras tinham um significado especial. Um quilômetro à frente, intercalando ônibus e caminhada, eu pisava na calçada em que vários de meus ídolos do rock pisavam, minutos antes de gravarem seus álbuns, singles ou performances icônicas. A entrada do Abbey Road Studios. Essa acaba sendo uma rota turística, um pouco particular talvez, mas bastante especial, principalmente porque todos os visitantes saem de lá com uma simulação da capa do mais famoso álbum da banda “The Beatles”, atravessando a faixa de pedestres mais famosa da história.







III. Poesia em pedra

● Espanha ● Barcelona ● 02 Jun 23 ●

1. Torres ainda em construção
2. Fachada do Nascimento em perspectiva ascendente
3. Fachada da Paixão: pórtico de ossos (ou tendões)
4. Escultura central da fachada da Paixão por Josep Maria Subirachs
5. Porta do Nascimento por dentro, vista do transepto
6. Peça principal do altar: Jesus cristo crucificado
7. Decomposição gradual dos pilares e relação entre “abóbodas”
8. Exemplos da inspiração gótica nos vitrais e arcos ogivais
9. Luminárias que identificam as colunas dos quatro evangelistas
10. Perspectiva no sentido do maior eixo da nave central
11. Primeiro contato com a Sagrada Família internamente; por Diogo Nóbrega
12. Fachada da paixão em perspectiva ascendente

Esta experiência, diferente da maioria das outras, não conta com o benefício da surpresa ou da ansiedade de uma expectativa, eu sabia exatamente aonde estávamos indo. Tenho o privilégio de pisar aqui pela terceira vez, sendo a primeira em dois mil e dezessete, a segunda, em dezenove e a terceira, no dia dois de junho de dois mil e vinte e três. Antes que esta informação desestimule sua leitura, não se engane, falaremos sobre o “*Temple Expiatori de la Sagrada Família*”, uma obra de Antoni Gaudí que iniciava há quase um século e meio atrás, no ano de mil oitocentos e oitenta e dois, mas continua em construção, cada vez mais perto, conta com trabalhos diários, embora saibamos que esteja longe de ser finalizada. Bem... alguns impacientes questionam o processo, o tempo ou os recursos, mas eu prefiro aproveitar a oportunidade de acompanhar uma obra histórica sendo construída ainda em minha geração, ademais, é interessante ver algo novo a cada visita. Não seria exagero supor que o templo é um dos espaços mais incríveis do nosso Planeta planejado e construído por mãos humanas, em cada uma das três vezes que pude ver de perto novos detalhes são desbloqueados a partir de pontos de vista diversos, por isso eu viria quantas vezes me fosse possível. O que farei aqui é uma tentativa de descrever minhas impressões acerca do indescritível, afinal, nada jamais se comparará ao encontro face a face ou ao ser, estar e pensar “*in loco*”.

O verão se aproximava, finalmente, poderia usar apenas camisetas, sentia-me mais perto de em casa assim, o dia limpo e belo também contribuía para isso, lembrava-me dos meses finais do ano em minha amada João Pessoa. O clima contribuía também para que, ainda de longe, pudéssemos ver as enormes torres da Igreja, sobretudo a torre dedicada à Virgem Maria e seus incríveis cento e trinta e oito metros de altura, sendo a maior das treze torres atuais. As torres, de um modo geral, têm um

formato único e proporcional em relação às suas alturas, isso se deve ao método de projeto utilizado, é impossível ver de longe e não lembrar das famosas imagens do experimento das correntes de Gaudi que exploram a catenária e dão forma à Sagrada Família e suas dezoito torres idealizadas. A catenária é meramente a resposta natural da gravidade para a distribuição natural da tensão ao longo de uma estrutura, o que importa aqui é que esse tipo de exploração das forças da natureza, através da matemática, da física e da sensibilidade humana, anuncia alguns preceitos da obra de Gaudi, sobretudo a Igreja que vemos.

Sabe... acho que já me sinto um tanto íntimo de Antoni Gaudi ou, pelo menos, de seu trabalho, em outra oportunidade pude visitar a casa Milá, a casa Batló e o Park Guell, pude também me sentar ao lado de uma estátua do próprio arquiteto e ter uma conversa unilateral. Reconhecer nos pináculos da Igreja as referências feitas a seus trabalhos anteriores é como assistir ao episódio final de uma trilogia, depois de devorar os demais.

De todos os pontos turísticos e países que visitei, a barreira de segurança do templo é a mais séria e comprometida, muitos aeroportos teriam inveja dos procedimentos, eles provavelmente sabem o valor da joia que guardam. O projeto foi pensando para contemplar três grandes acessos, motivados pelas fases da vida de Cristo, o Nascimento e a Paixão são opostos e se conectam através do menor eixo, já Glória, não está nem perto de ser concluída, mas será o principal acesso, conduzindo diretamente ao altar, através da nave central. Só depois de vencer algumas revistas, filas, esteiras e detectores, estamos na porta de entrada atual da Igreja, a fachada do Nascimento, a única que Gaudi teve a sorte de ver finalizada, foi o gostinho que ele pôde presenciar do que seria sua obra-prima, um patrimônio mundial. Toda em pedra esculpida faz parecer

que estamos entrando em uma gruta, por entre as flores entalhadas, representando a fertilidade da primavera, acontecem inúmeras esculturas, cada uma está ali por um motivo, é uma arquitetura que deve ser lida em uma ordem específica. Enquanto o centro desenvolve Jesus ainda na manjedoura com sua mãe, a Virgem Maria, o perímetro desenvolve fatos e elementos acessórios, como os Reis Magos e seus presentes, anjos e animais. Cada centímetro quadrado esculpido ali tem um significado, essa é a beleza poética da obra. É a materialização de uma história contada através da arquitetura em pedras, sem necessitar sequer de uma letra. A riqueza de detalhes e simbolismo que precede a entrada nesta magnífica construção é suficiente para escrever um livro dedicado.

Se o Nascimento nos instiga a procurar detalhes e traz um certo êxtase, que vem de dentro para fora, a porta da Paixão de Cristo foi executada sob os cuidados de Josep Maria Subirachs a partir dos desenhos e protótipos do arquiteto original e busca pesar na mente, no coração e na consciência de quem observa e analisa. Sua principal diferenciação é o trabalho puro em pedra e com significativamente menos adornos, retratando o lamento da morte de Cristo e o choro dos seus, através de texturas e de esculturas diversas. Antoni Gaudi dizia que essa fachada precisava transmitir a dor e o sofrimento carnal de Jesus naquele exato momento da crucificação. Seis colunas inclinadas, em pedra talhada, suportam um grande pórtico, elas têm mais protagonismo que o próprio Cristo, simbolicamente representam os tendões, nervos e músculos de Jesus tensionados até o limite e, de repente, a fachada se torna um organismo vivo e em sofrimento. Subirachs certamente fez história com seu trabalho na Sagrada Família, admiro a sua postura de fazer sua arte, com estética claramente distinta daquela de Gaudi, colaborando com nosso entendimento e até de um leigo, mas me admira também as pequenas referências que faz ao mestre original,

como criar soldados com o mesmo capacete utilizado nas esculturas da coberta da casa Batló, ou, até mesmo, de utilizar uma representação da face de Antoni Gaudí em alguns personagens, para que esteja sempre presente, observando de perto sua obra-prima.

Falamos muito das portas, mas só agora entramos, sim, no plural. Esta é uma das experiências em que estou acompanhado do meu amigo, Diêgo, um personagem recorrente durante os seis meses em intercâmbio. Neste momento, essa informação se torna relevante, pois, enquanto eu me sentia reencontrando uma velha amiga, revendo detalhes que eu sabia que estavam lá, olho para trás e vejo Diêgo enxugando os olhos.

*—Tu estás chorando? — Claro que foi uma pergunta retórica.
E ele respondia envergonhado — Não, deixa de coisa —*

É claro que estava. Aquilo não era motivo real para vergonha, afinal, nós estávamos em uma atmosfera transcendental, por um minuto, somos facilmente levados para algum tipo de realidade paralela. Talvez o relato dele, que contava com o inesperado e a surpresa seja mais interessante, mas não é aqui que vamos descobrir isso. O fato é que, mesmo sem entender, sem processar a riqueza de elementos que compõem o espaço, a arquitetura toca a alma e emociona.

Em uma nave principal, com cerca de quarenta e cinco metros de altura, sentimo-nos pequenos ou quase nada, perto da presença espiritual que paira sobre nossas cabeças, queira você ou não, é possível sentir um “algo especial”. Mas, apesar de uma escala monumental, o altar, que normalmente é trabalhado a ser o ponto focal do espaço, recebe uma escultura suspensa a cerca de cinco metros do chão, delicada e até pequena, porém trabalhada e pensada nos mí-



nimos detalhes, cumprindo um papel compositivo importantíssimo. Este Jesus Crucificado no altar, o qual chamou minha atenção em 2017, em 2019 e em 2023, foi o primeiro detalhe que agarrou meus olhos. Nas três vezes, tirei as mesmas fotos, fiz os mesmos registros. Acho que Gaudi encontrou uma forma inusitada de chamar atenção para algo tão importante sem comprometer a força do espaço e a espiritualidade que ele imprime nas pessoas apenas por abraçá-las.

Depois de dar uma volta pelo local, em silêncio, apenas observando, sento-me em um dos bancos e ponho-me a olhar ao alto, a complexidade do que eu estava vendo era digna da natureza, buscava inspirações claras para criar um ambiente espontâneo e tão natural quanto a Floresta Amazônica, por exemplo, foi então que me fiz a seguinte pergunta: Como pode tudo isso ser obra do Homem? Pensado, planejado e posto em prática por mãos humanas? Ainda agora não tenho a resposta para esse dilema, vendo tudo aquilo, parece-me impossível. Através dos detalhes, Gaudi esculpe um ambiente natural. Ele se utiliza das colunas como grandes troncos que tem seus diâmetros variáveis conforme a relevância e a simbologia que ele pretende dar, os pilares variam também em material e textura entre si e, até no mesmo exemplar, podemos encontrar duas ou três variações de riscas, veios e cromatismo. Acima do tronco principal, vêm os galhos, aqui as colunas têm derivações em três ou mais segmentos de disposição aparentemente aleatória, apesar de geometricamente precisa, que, em alguns casos, derivam mais uma vez, afinal, quanto maior a árvore, mais galhos ela tem. Estes galhos estão ali para dar suporte à copa, conjunto fluido, orgânico e espontâneo de folhas, Antoni Gaudi se vale desta interpretação, soma ao seu profundo senso formal e geométrico e cria algo que, apesar de

não conhecer palavras para descrever, podemos comparar às abóboras frequentes nos tetos de igrejas, mas aqui, além de posicioná-las em alturas variadas, ele parece partir de uma projeção circular, mas trabalha essas bordas como as pontas de uma estrela, ou a singularidade das folhas, uma a uma. É uma prática sem precedentes. Ao se cruzarem, as copas não fecham completamente, dando espaço a uma luz filtrada simulada através de pontos de luz artificial indireta e até mesmo de janelas proporcionalmente pequenas e “escondidas” por trás dos vários pilares.

Gaudi escreve uma verdadeira poesia em pedra, a qual, em seus versos e entrelinhas, narra uma noite estrelada em uma floresta densa e frondosa, bem no meio da segunda maior cidade da Espanha, Barcelona.

Por trás de toda esta ambiência criada para atingir a esfera espiritual humana, existe ainda uma dimensão simbólica, geométrica e numerológica que explica com exatidão o papel de cada elemento, desde pequenas luminárias com inscrições que as identificam, até as grandes torres vistas no exterior do templo. Antoni consegue conciliar todas essas questões em uma arquitetura única. Apesar de todo o espaço ser bastante rebuscado, todos os elementos criados da grande estrutura, possuem uma função estrutural no suporte das cargas e caminho das forças. A observação da natureza é a grande lição de Gaudi.

Durante a visita, ouvi uma pessoa ou outra, até mesmo guias, afirmado categoricamente, que se tratava de uma catedral gótica. Qualquer um que frequentou as aulas do ilustríssimo professor e amigo Ivan Cavalcanti sabe que se trata de uma falácia, apesar

de conservar características da arquitetura gótica do final do século XV, a exemplo de sua organização espacial em torno de uma cruz latina com a abside semicircular; a lógica de suas portadas desenvolvendo temáticas através de esculturas, a presença de colunelos como elementos de verticalidade e adorno, a entrada de luz filtrada através das janelas trabalhadas em arcos ogivais inscritos uns nos outros e círculos tangentes a eles e, principalmente, um trabalho majestoso em vitrais, que apesar de não ser exclusividade do estilo gótico, ganhou bastante destaque. Apesar dessas características, a cronologia e a adaptação de elementos nos mostram que se trata de um exemplar Neogótico. Entretanto... o que eu realmente acredito é que Gaudí criou o inexplicável. Algo único, não existe uma única linguagem de arquitetura que possa nomeá-la adequadamente. Um espaço que não pode ser enquadrado em regras ou em convenções. Um estilo próprio e individual capaz de criar uma obra única.

A cada relato é necessário reviver na memória as experiências, esta, em especial, posso dizer que foi emocionante. Senti-me visitando pela quarta vez e não pude deixar de questionar meu eu: será que voltarei a encontrar esta velha amiga? Ou ainda, se este momento chegar, será que ela estará finalizada?



Cada torre é única, tem seu desenho, seus detalhes, seu volume e sua identidade

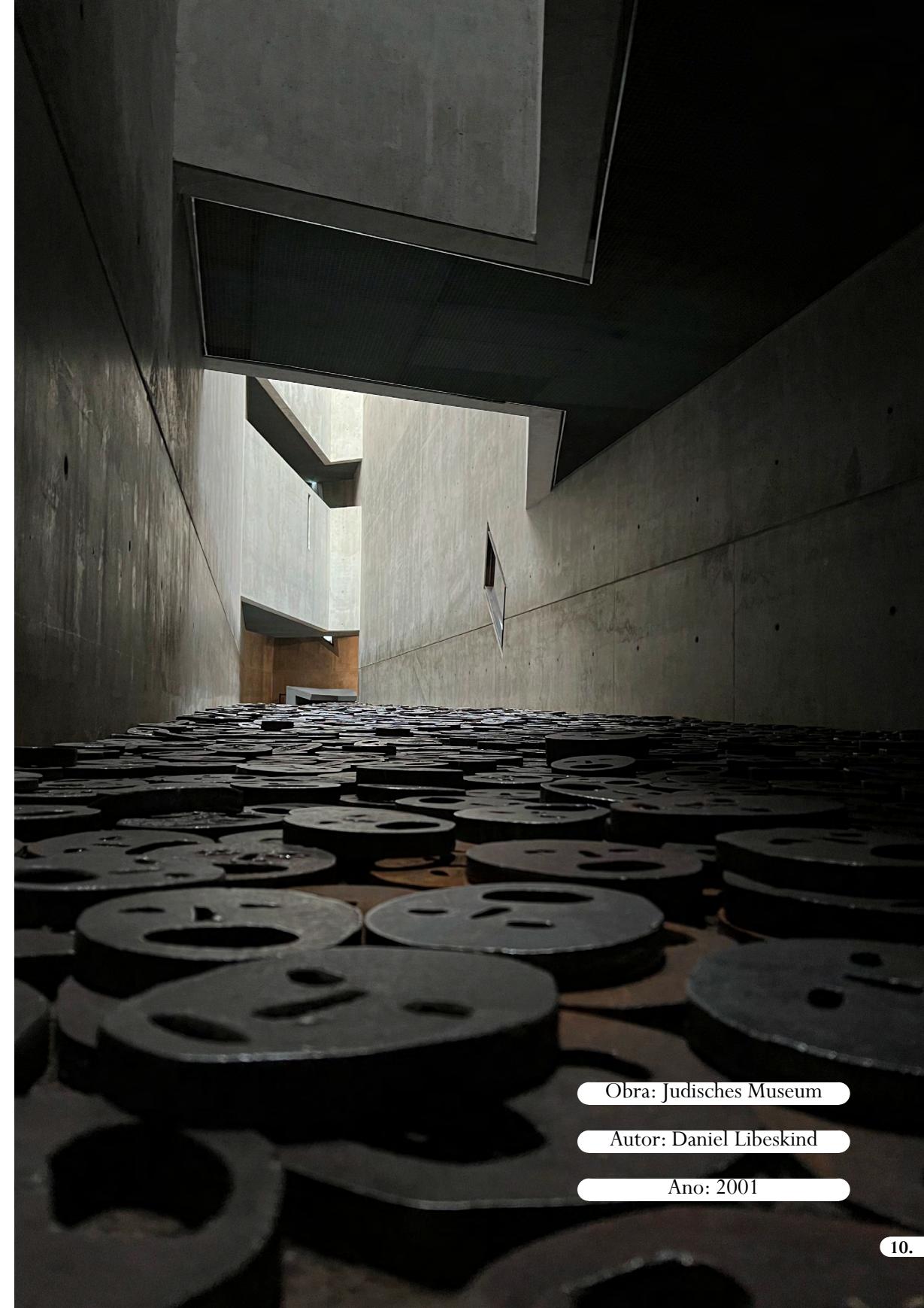
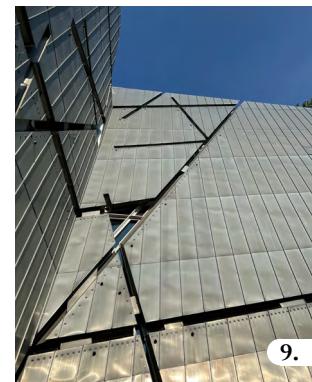
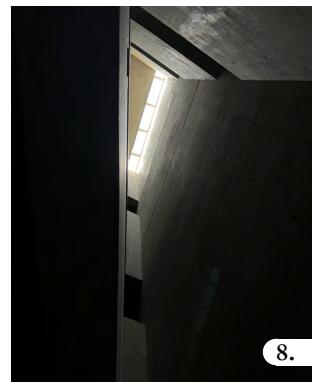
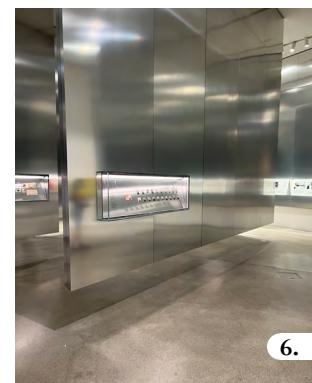
As abóbodas são como copas e suas entrelinhas, um céu estrelado

Os pináculos revelam a identidade por trás de cada torre, são únicos e são um reflexo de trabalhos pretéritos de gaudi

A Diversidade dos pilares em formas, texturas e dimensões fazem desta nave um bosque

O Altar é uma obra à parte, quantas vezes eu puder, tantas estarei admirando

Gaudí era um grande estudioso, as catenárias eram suas confidentes



IV. Traços de uma memória alheia

● Alemanha ● Berlim ● 09 Jun 23 ●

Obra: Judisches Museum

Autor: Daniel Libeskind

Ano: 2001

- 
1. Eixo do exílio e suas possibilidades
 2. Escadaria principal do percurso
 3. Instalação “Folhas caídas” vista de cima
 4. Trecho da exposição 01
 5. Uma das aberturas incomuns encontradas no museu
 6. Trecho da exposição 02
 7. Primeiro contato com a instalação “Folhas caídas”
 8. Vazio ao final do caminhar proposto pela instalação
 9. Recorte da fachada
 10. Espacialidade da instalação folhas caídas, vista a partir do fim
 11. Recorte com faces de ferro em destaque

Não foi a primeira vez, mas fazer o que? É um dos problemas de mesclar uma deriva arquitetônica e um planejamento vago e não restritivo. Quinze horas e quarenta e cinco minutos, já andei bastante pelas ruas da região que dividia Berlim entre oriental e ocidental, já refleti diante dos resquícios do muro rasgado por desespero humano, também já recebi muita informação de museus acerca do holocausto e da Segunda Guerra Mundial, mas olho meus mapas e vejo que estou perto do Museu Judaico. Eu dificilmente voltaria àquela região e não poderia deixar de conferir a obra de Daniel Libeskind de perto, então, na posse da pressa, rapidamente me dirigi até ela, pois, em breve, encerraria suas atividades pelo dia.

Angustiado pelo tempo que me era escasso, estou de frente ao edifício que vim ver, mas o que me interessa está dentro dele e não encontro a porta! Hoje vejo essa situação como aqueles dias em que estamos para sair de casa e não encontramos as chaves, que, por acaso, já estão nas nossas mãos. Mas enfim, procurei, procurei, procurei. Não achei. Avistei dois policiais e, mesmo achando que seria uma pergunta tola, perguntei onde seria a entrada para aquele prédio, mas ambos simplesmente apontaram para outro prédio! Uma edificação esteticamente antiga, relativamente pequena, não apresentava ligação física e não carregava semelhanças com a obra que eu estava buscando. Seriam os policiais mais tolos ainda que minha pergunta? A resposta é óbvia, não. A segunda resposta não é tão óbvia, mas sim, a obra de Libeskind é, na verdade, acessada pela edificação ao lado.

Passadas as etapas de segurança e bilheteria, eram dezoito horas e dois minutos e, por curiosidade, resolvi fazer uma consulta online rápida para saber quanto tempo seria recomendado para a visita. Três horas. Eu só tinha trinta minutos. Para completar, o início da visita se dá no eixo do exílio, um largo aonde chegam vários corredores, nenhum deles ortogonal ou plano. Tenho certeza de que Libeskind tem uma explicação e um sentido para esse espaço, mas me senti de fato exilado, sem muito rumo diante das opções, caminhos e ângulos. Mais uma vez, precisei recorrer a informações de terceiros, agora, um segurança de olhar meio intimidador, apesar de sereno, que me indicou começar o trajeto pelo final, pela última sala. Tenho certeza de que o arquiteto não concordaria com esse feito, afinal, tanto esforço para desenvolver um percurso de sensações e histórias, para um mero aluno de arquitetura apressado romper com a lógica e virá-la de ponta cabeça. Naquela escadaria extensa e estreita, com vigas que a cruzam sem nenhum sentido ou padrão, enquanto eu subia refletindo sobre o quão mais cedo eu deveria ter chegado ali, todos desciam tranquilos e satisfeitos.

Andava a passos rápidos na direção da primeira sala (ou da última) e, num corredor intermediário, passo por uma pequena janela em fita que me chamou a atenção no canto da vista, muitas pessoas reunidas em um local que parecia estar tão perto, mas, na verdade, estava tão longe, era o “Shalekhet” ou “folhas caídas”, a escultura do artista israelita, Menashe Kadishman. A essa altura, eu ainda não sabia nomear exatamente, mas tinha as características do que eu realmente vim buscar. Em algum outro momento da vida, ouvi a quão enriquecedora era esta experiência, e aquilo pairou no meu subconsciente por bons anos, hoje eu teria minha própria im-

pressão sobre ela. Ver aquilo de cima me trouxe o alívio de que eu precisava para saber que poderia conter minha ansiedade e manter a calma que, de uma forma ou de outra, eu chegaria lá.

Carregado de um falso otimismo, iniciei meu percurso com atenção às leituras e aos objetos que pretendiam retratar a cultura judaica, que pareciam preparar meu estado de espirito para viver as “folhas caídas” mais a frente (ou atrás), enquanto isso, apreciava as características únicas daquela arquitetura que, para além de seu caráter museológico e expositivo de elaborar espaços distintos e específicos a cada tema, tornando o percurso dinâmico e reconhecível, também busca expressar a dor, o sofrimento e a introspecção a partir da ausência de formas regulares ou ângulos retos, associada à forma como a luz natural penetra o edifício. Depois de percorrer o edifício por dentro, ele passa a fazer mais sentido por fora, onde percebemos uma morfologia em “zig zag” nada ortodoxa ou ordinária cortada para a entrada de luz natural de certo modo que parece ter sido executado pela lâmina de uma adaga, seja nos planos verticais ou horizontais, através de janelas finas, compridas e anguladas e vazios internos comparados a fendas profundas e esguias.

Como era de se esperar, toda essa calma e paciência não poderia durar para sempre, afinal, eram dezoito horas e dezesseis minutos, me restavam quatorze e eu só pensava no peso que carregaria se passasse pelo museu sem pisar naquele local. Angustiado, ansioso e desconfortável, andava, ainda mais, rápido. Pulava salas. Subia e descia. Era tudo muito grande, eu não conseguiria. Por ironia do destino, deparo-me com o mesmo segurança intimidador do início e, mais uma vez, ele me ajuda na difícil tarefa de dar as direções e,

principalmente, me compreender, quando não sabia exatamente o nome do local que eu estava buscando, apenas as suas características. Foi necessário voltar ao mesmo caminho que havia percorrido, mas, dessa vez, entrando no local indicado.

Ao final do corredor, vejo uma luz difusa se espalhando (parece ser natural), viro em mais uma das esquinas não regulares de Libeskind e, de repente, estou no vazio das memórias, ou simplesmente, nas “Folhas Caídas”. O alívio de ter chegado se confunde com o espanto relacionado às sensações que o espaço imprimia em mim. Só existem dois materiais na sala, o concreto e o ferro, ambos tão frios e impessoais... A pátina natural do concreto introduz um aspecto de uso e de desgaste às paredes, enquanto o ferro oxidado depositado no piso a partir da representação de milhares de faces humanas recortadas em espessuras diversas (partindo de um centímetro de puro metal) exalava um cheiro bastante próprio.

Por um minuto, esqueci que já eram dezoito e vinte e cinco e ignorei os avisos da segurança em áudios de que o museu estava fechando. Nesse momento, cheguei a pensar que a administração talvez não se importasse se eu dormisse ali com o museu fechado... eu poderia ficar horas e horas meditando sobre esse local, mas, na verdade, tive exatos nove minutos. Minutos que, pelo menos uma vez, pareciam passar mais lentos a ponto de não acabarem. Acredito que até a pressa e o fato de ter ficado para o último momento têm sua importância e devo ser grato, tive o prazer de viver aquele momento na solidão dos meus pensamentos. Além de raro, para uma média de dois mil visitantes por dia, era uma oportunidade excepcional de sentir aquele momento.

A ideia da instalação é que o usuário caminhe até o outro lado da sala, enquanto pisoteia faces em ferro superpostas e aglomeradas organicamente. O ponto de partida é um local abrigado, com pé direito simples, remete a um lugar seguro. Por outro lado, o trajeto até o outro lado tem proporções que nos fazem sentir completamente ínfimos diante do espaço, cerca de quatro metros e largura por vinte de altura e quarenta de comprimento, talvez. Ao cruzar o limite da coberta que protege a partida, já me sinto desprotegido... o caminho todo é iluminado por duas grandes, porém estreitas, claraboias de iluminação zenital, suficientes para gerar um contraste entre o caminho e o destino. As placas no piso são espessas e heterogêneas, estão literalmente amontoadas, cada passo gera uma trepidação ou um desequilíbrio, faz-me sentir frágil, apesar de pisar em ferro, parece que estou pisando em ovos, que, em vez de quebrarem, gritam e ecoam a cada toque. Tento atravessar de olhos fechados para me concentrar nos meus demais sentidos, mas não dá. A fragilidade da situação me força a manter os olhos bem abertos, focando no destino, uma outra secção de pé esquerdo simples, sem um feixe de luz sequer.

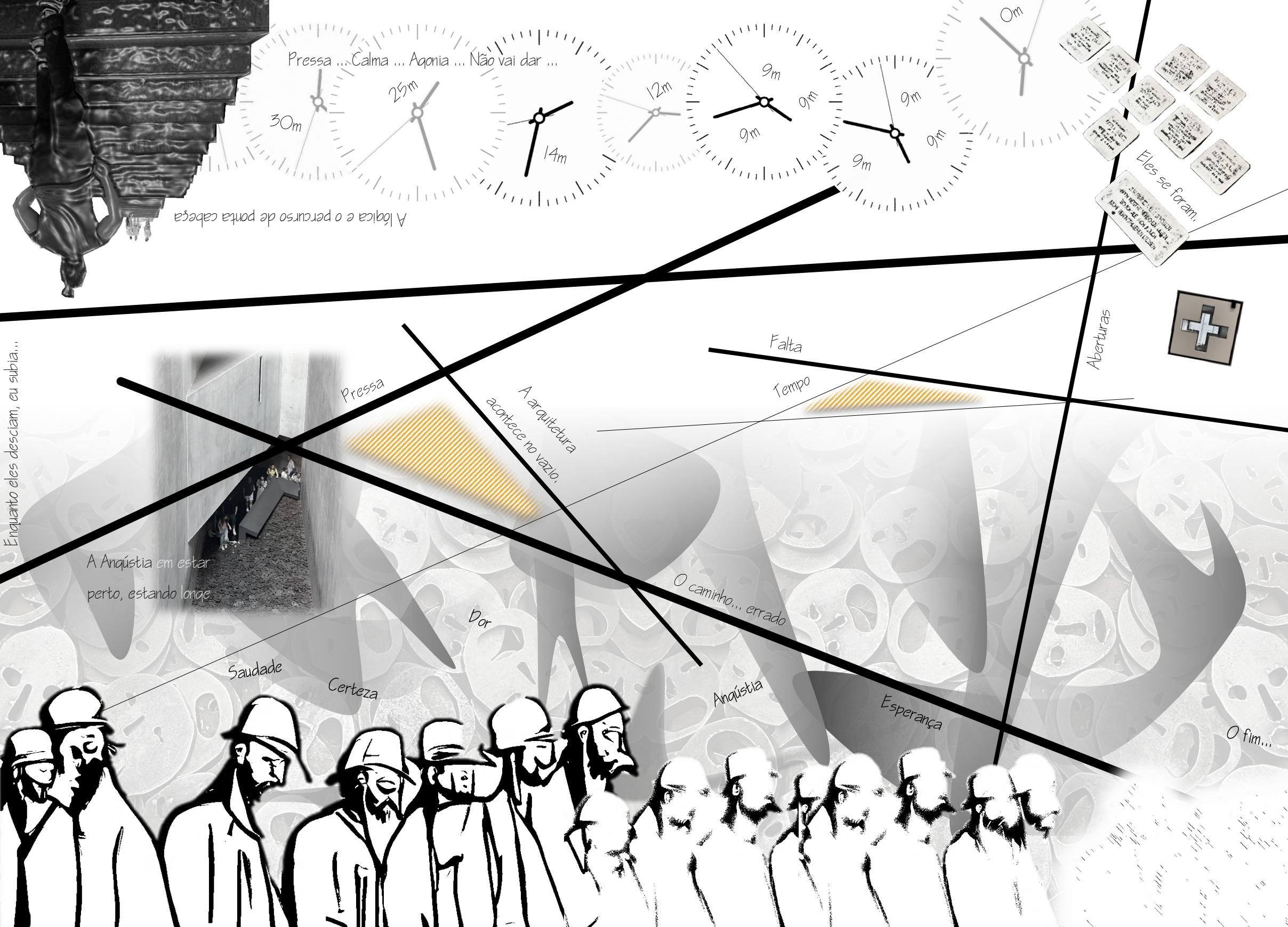
Convido o leitor a refletir comigo na seguinte história, que pesou em meus pensamentos, enquanto vivia aquela travessia multissensorial: você, pai ou mãe, esposo ou esposa, judeu ou judia. Subitamente passou a ser perseguido, caçado e odiado, mas não só você... seus amigos, seus primos, seus pais, seus filhos... eis o dia em que bateram a vossa porta. Eles vieram lhes buscar, talvez já tivessem sido separados brutalmente, sem saber o destino que teriam, apesar de que “Eles” já sabiam. Passado algum tempo, você está no campo e, apesar de não se conformar, convive com a ausência de

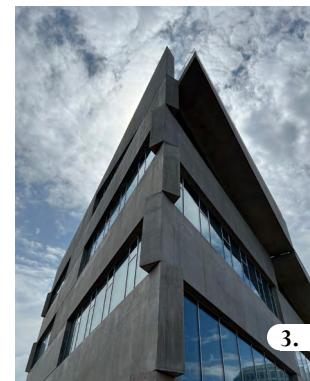
seu parceiro e de sua família, ainda teve sorte de permanecer com seu filho, encontrou um amigo antigo ou primo pela jornada. Você perdeu sua identidade, agora é um número. Aquele amigo que encontrou? Sumiu... nunca mais deu notícias. Outros conhecidos que compartilhavam de histórias semelhantes? Esses também sumiram. Você começa a enxergar um padrão, todos que, em certa hora, são chamados não voltam mais. Estariam estes alcançando a liberdade? Talvez. É chegada a sua vez. Tiram-lhe do seu abrigo, não é confortável, mas ainda era o seu lugar seguro, fazem-te caminhar em direção ao desconhecido. Dos ouvidos para fora, um silêncio que chegava a pesar, por dentro, os gritos dos que foram e não voltaram e a incerteza de um futuro próximo. Um misto de esperança e temor. A única certeza era de que o retorno não era uma opção. Seria a liberdade? Bem... acredito que o final da história você já conhece.

Anestesiado e exausto por ter vivido nove intensos minutos naquela sala, calmamente, pois não havia mais razão para pressa, tomei meu rumo até a saída sem fazer o menor caso dos outros espaços fantásticos que existem no museu, segundo outros relatos, ou de seu exterior. Saí dali certo de que aquela experiência teria valido o dia e talvez a viagem, embora sinta que não posso afirmar que conheço profundamente o Museu Judaico de Berlim, ele certamente me impactou ao vivê-lo.



Enquanto eles desciam, eu subia...





V. Pelas penínsulas do norte

● Dinamarca ● Copenhague ● 02 Jul 23 ●



Obra: BIG CPH HQ

Autor: BIG Architects

Ano: 2023

1. Cenário de obras em Nordhavn
2. Copenhagen International School - C.F. Møller - 2018
3. BIG Headquarters
4. The silo
5. Konditaget Lüders - JAJA Architects - 2016
6. Escadas na fachada do edifício garagem
7. Espaço público na coberta do “Konditaget Lüders”
8. Duas Carlsberg's e alguns salgados na esteira do mercado Lidl
9. Espaço público e seu mobiliário em frente ao mercado Lidl
10. BIG HQ, ainda em obras
11. The Silo e seu entorno
12. Un. Nations City de plano de fundo para a vida dinamarquesa

Dia dois de julho de dois mil e vinte e três: dia cheio! Era dia de começar a descobrir o que a cidade de Copenhague tinha a nos oferecer e ainda declarar aberto o Vigésimo Oitavo Congresso Mundial para Arquitetos, mas chegaremos lá. Note que, dessa vez, tenho o prazer em falar na primeira pessoa do plural, pois diferente da maior parte das experiências, esta contava com a companhia de meu amigo e colega de curso Diêgo Nóbrega. Sempre muito atento, curioso e detalhista, sua presença enriquecia, cada vez mais, a nossa exploração arquitetônica.

Não apenas por um acaso geográfico, decidimos conhecer a região do Porto Norte (Nordhavn). Situada relativamente longe de onde estávamos, aproveitamos o trajeto de ônibus e a ansiedade para conversar sobre como tudo ali parecia melhor e mais desenvolvido que os demais países por onde havíamos passado, mas acredito que muito se deva ao prestígio atribuído aos nórdicos e ao entusiasmo de viver ainda os primeiros contatos com a cidade. Enfim, chegamos. Onde? Não sabemos ao certo, mas chegamos. Edificações bonitas, bem trabalhadas e bem-acabadas deixam de ser exceção e passam a ser regra, tudo parece muito novo. E digo novo, a ponto de ainda não estar completo. Maquinário e trabalhadores a cada esquina, leva terra, traz terra, leva material, traz material, uma região de muitas obras, podíamos sentir que algo estava acontecendo ali.

O clima ameaçava chover. Nuvens pesadas ao céu e grandes rajadas de vento nos amedrontavam, enquanto caminhávamos próximo à borda do canal, adiantando sempre o pensamento “Rapaz... e se cairmos?” O canal não parecia nem um pouco ser natural, mas sim uma interferência humana na paisagem, com contenções metálicas corrugadas sempre expostas (outra coisa sempre exposta eram as boias e as escadas de salvamento, um certo consolo para dois estudantes desacostumados).

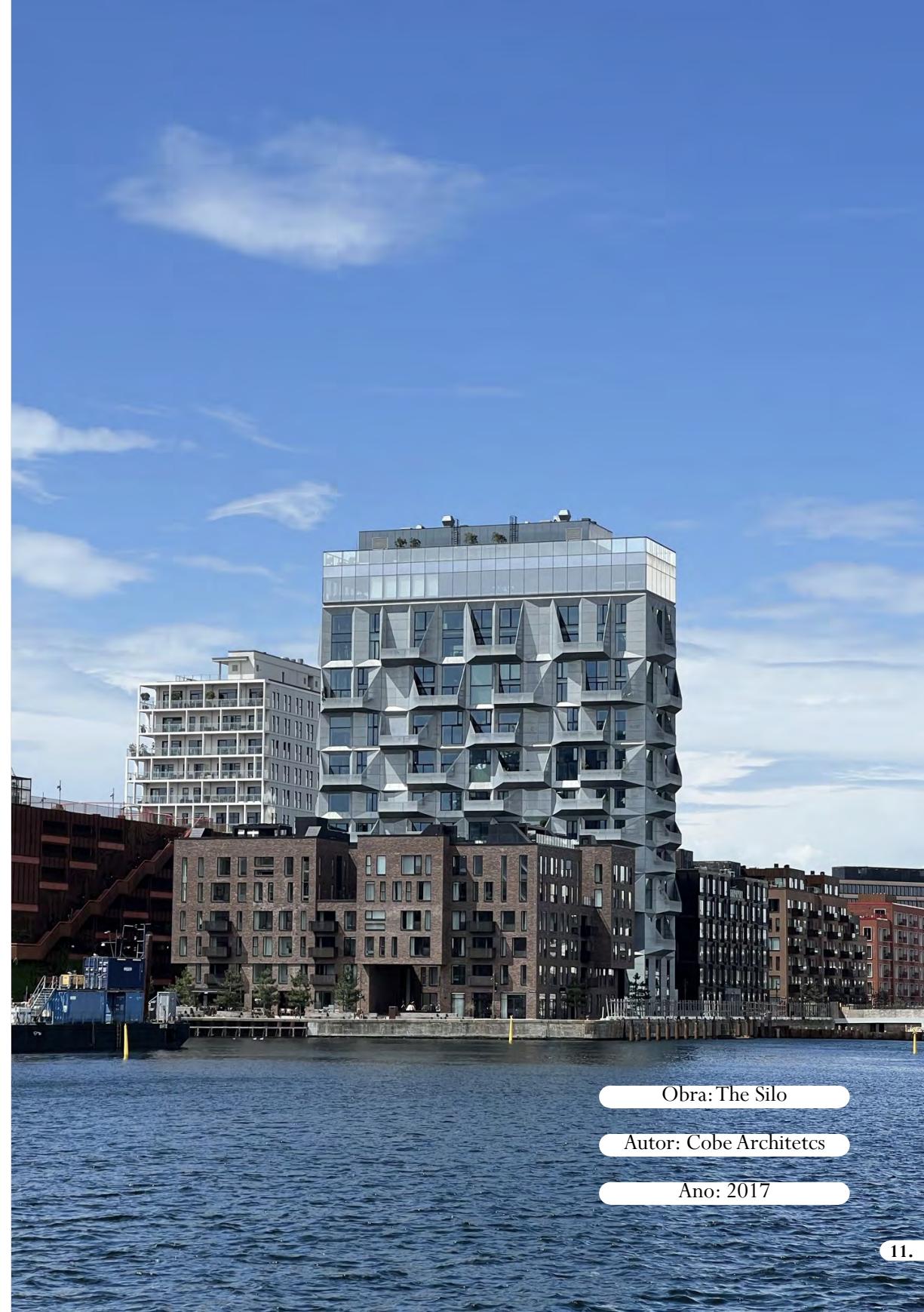
Acontece que, por trás da boia, estava nossa primeira surpresa, a escola internacional de Copenhague. Uma edificação que chama atenção por seu volume azulado, que rompe com a alta densidade através da partição desse grande e extenso bloco em cubos menores que parecem estar superpostos e arranjados de maneira quase aleatória. Estes cubos conformam um aspecto lúdico ao prédio, reforçado por um revestimento azul metálico que me parecem escamas, ou, até mesmo, ‘*post its*’ na fachada. Apesar de não poder entrar, imagino que os ambientes sejam muito bem iluminados, há uma vasta quantidade de esquadrias de vidro, todas dispostas, de modo a não seguir uma regra específica quanto à sua dimensão, altura ou espaçamento. Tudo isso montado sobre o edifício que promove o toque ao chão, este é mais neutro e clássico em seus materiais, trabalhando tijolos claros, madeira e bastante vidro, que integra a edificação ao cenário aquático que a rodeia.

Falamos de uma região ocupada artificialmente sobre a água, onde não havia solo, hoje há. O desenho desta área criou penínsulas que avançam ao oceano e os pontos que despertam nosso interesse estão espalhados por esses braços de terra. Era hora de seguir para o próximo ponto, dessa vez, caminhamos por uma via comprida, um tanto desinteressante, parecia não ter fim. Galpões industriais de um lado e do outro, cerca de 12 metros de altura cada, sua principal função naquele momento era nos proteger do vento. Por mais interminável que fosse aquela caminhada, me recordo do meu olhar espantado e espírito curioso ao me deparar, de pertinho, com a edificação que viria a ser a nova sede do BIG (Bjarke Igels Group). Contextualizando, ame ou odeie, o BIG é um atelier de arquitetura com influência e respeito global. Para mim, eles surgiram como uma referência em arranjos inovadores de edificações e na prática de ouvir o que o entorno e o contexto pedem do arquiteto, mas essa relação não é

de hoje, teve início já no primeiro período da faculdade, quando estudei o pavilhão dinamarquês para expo Xangai 2010 e, naquele dia dois, senti-me mais íntimo desta referência. Voltando à obra, sim, a obra...! Como boa parte da região, o edifício também não está pronto, mas parece que isso atiça ainda mais a curiosidade de um estudante, que não perde a oportunidade de passar por um tapume e descobrir um pouco mais.

De base triangular, a sede está localizada na ponta de uma das penínsulas do Nordhavn, com perspectivas panorâmicas do oceano, das hélices produtoras de energia eólica no meio do mar, da margem oposta da cidade e de onde cruzam os grandes transatlânticos. Um local de tirar o fôlego. Particularmente, este encontro me trazia constantemente à cabeça as falas da professora Germana Rocha, que, ao explicar sobre a tectônica, dizia que a estrutura nua e crua também pode ser arquitetura. Através da sobreposição intercalada de peças pré-moldadas de concreto, com dimensões comparáveis à lateral de um container, a lógica que mantém o edifício em pé também é a que o faz estar completamente mimetizado no cenário portuário, quando visto a partir da margem oposta. O sistema utilizado pelo BIG é um questionamento da lógica pilar x viga convencional e rompe com este sistema, de forma que a interface entre uma peça e outra não contém intersecção, mas um apoio perfeito. As quinas do edifício chegam a me lembrar os traços “de arquiteto” que, muitas vezes, vi meu pai fazer, onde um triângulo não são 3 linhas que se fecham, mas 3 linhas que artisticamente se cruzam, gerando uma área interna. A pele em concreto e vidro protege um grande espaço aberto, com planos horizontais espaçados e em diferentes alturas, em prol de gerar sempre uma conexão visual entre os vários trabalhos desenvolvidos simultaneamente.

A essa altura, o clima já estava a nosso favor, um céu limpo e azul tomava conta, aliás, um dos grandes aprendizados foi quanto o tempo em Copenhague pode mudar da água para o vinho em poucos minutos. Girando a 180 graus e seguindo nosso rumo, não havia como não reparar no “*The silo*” se destacando na paisagem por sua altura e materialidade em relação aos vizinhos, que, por sua vez, tem metade de sua altura e utilizam revestimentos terrosos. Algo diferente certamente acontecia ali. Um projeto que traduz as transformações e a alma do território que estávamos vivenciando. O que antes era uma unidade de armazenamento de grãos, arquitetonicamente falando, uma caixa de concreto sem nenhuma abertura ou apelo estético, foi transformado em um edifício residencial, com um restaurante no topo, vivo e integrado à comunidade do entorno. Muito vidro e seu revestimento em chapas metálicas fixadas em ângulos diversos afastam o edifício de sua memória industrial e reticulada. Este foi mais um caso de mobilização dos conhecimentos de sala, apesar de mais recente, o Silo foi um dos projetos apresentados entre os alunos na disciplina de Arquitetura VI em Lisboa. Pelo fato do projeto buscar se afastar da antiga estética brutalista a qual pertenceu, o estudo prévio foi de grande ajuda, para que, na prática, houvesse a reflexão sobre como a requalificação pode vir a reinserir uma edificação em seu contexto, de uma forma tão exitosa.



Obra: The Silo

Autor: Cobe Architetcs

Ano: 2017

Estamos vendo o Silo de perto, na verdade estamos sentindo o frio do metal que o reveste, mas agora respiramos um ar completamente diferente que a quinze minutos atrás. Ao contrário da atmosfera industrial e portuária encontrada nos arredores do BIG, agora víamos pessoas na rua. Crianças, adultos, idosos, carros, bicicletas (muitas bicicletas) e várias edificações residenciais, mas, quando me dei conta, estava diante de um edifício que mudaria toda a minha concepção sobre prédios de estacionamento e espaço público. Em poucos casos esses dois temas estariam sendo tratados simultaneamente, mas o “*Konditaget Lüders*” certamente é um destes poucos.

Mas, esta percepção não veio de imediato... o valor desta experiência foi sendo percebido a partir de sucessivas descobertas, como em uma caça ao tesouro, mantivemos o olhar atento, enquanto percorriámos o espaço ao redor (e sobre) o edifício. O conceito de lote, por mim conhecido, que fragmenta o tecido urbano e individualiza os ‘pequenos territórios’, não fazia mais sentido, não havia barreiras entre os edifícios, cada um deles simplesmente toca o solo da sua forma, mas sempre mantendo a permeabilidade do território como um todo, no *Konditaget Lüders* não era diferente, mas nele, muitas pessoas entravam e saíam... foi aí que vimos que se tratava de um mercado. Tudo bem! Mas, e na parte superior? Por que um mercado seria tão alto? Através de sua fachada em malhas metálicas vazadas, percebemos que se tratava de um edifício garagem local, que, em vez de ser um espaço morto, sem uso por pessoas ou apelo estético, possuía um térreo completamente ativo e um tratamento de pele que contribui para a paisagem urbana com materiais agradáveis à vista e jardineiras robustas, intensificando o contato entre o entorno com a natureza e minimizando o impacto daquele volume construído próximo das residências. Não acaba por aí, a fachada também tinha alguns

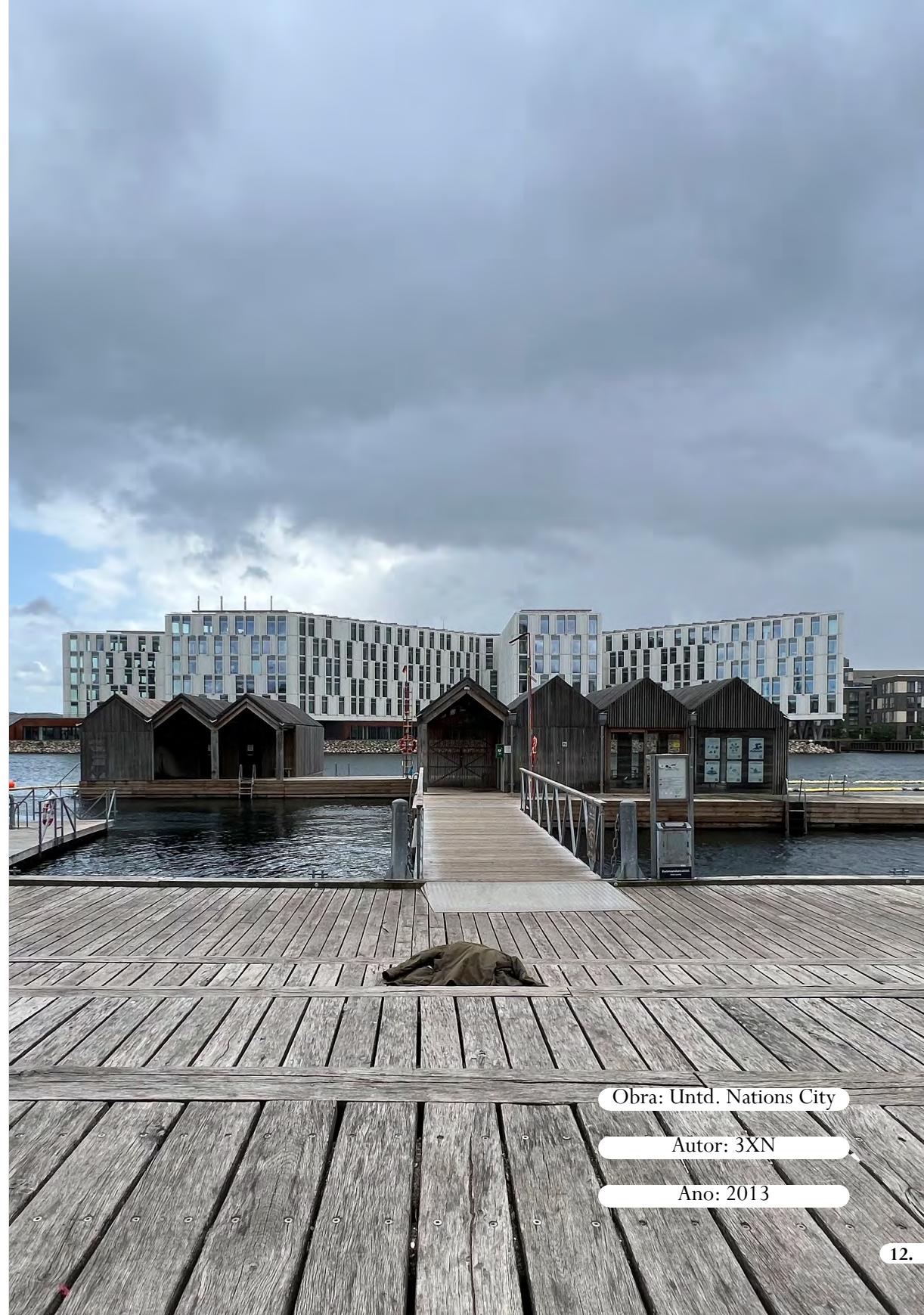
desenhos sutis formados pela perfuração do material, ela parecia contar uma história. Então, movidos pela curiosidade, foi ali, ao virar a esquina que nos surpreendemos com uma escada externa acoplada à edificação, vencendo aproximadamente 8 patamares, que venceu, até mesmo, o patamar da preguiça. Os mais ousados poderiam apertar um botão e correr, enquanto um cronômetro registrava os recordes no topo, mas preferimos subir calmamente, enquanto admirávamos o rigor dos detalhes de fachada e encontros entre as diferentes malhas metálicas com desenhos, aberturas e jardineiras, todos esses elementos em perfeita harmonia.

De repente, a vista fica rosa. É aqui que entra a participação do espaço público no diálogo, mas antes preciso ressaltar a frustração de term-me deparado com um elevador logo na primeira visada, mas tudo bem... valeu. Eu nunca imaginaria que estaria em um mercado, edifício garagem e em um *playground* público de primeiríssima qualidade ao mesmo tempo. Aliás, não só eu, uma surpresa bastante positiva foi ver aquele espaço sendo amplamente utilizado por adolescentes, crianças e seus cuidadores, brinquedos diversos, com formas atrativas e um trabalho de piso fantástico em tons de rosa, que nos permitiram voltar a sermos crianças por um tempo, através de um pacto silencioso e mútuo de não julgamento entre eu e Diêgo, permitimo-nos entrar naquela diversão e viver aquele espaço que era uma praça lúdica elevada com a intenção de engajar a comunidade, a partir de agora moradores do décimo andar, poderiam relacionar-se com o espaço público como se estivessem no quarto andar em relação à rua, uma perspectiva realmente muito interessante.

Sabe aquele sentimento de encontrar um rosto conhecido longe de casa? Aquela memória resgatada que te traz a segurança de casa? Essa foi a nossa reação ao descer do *playground* e dar de cara com o mercado

“Lidl”, exatamente o mesmo que fazíamos todas as nossas compras em Lisboa. O cheiro daquela padaria já nos era familiar, então aproveitamos a pausa para o almoço, compramos alguns salgados e uma cerveja local, comemos bem ali na frente, apropriando-nos do mobiliário urbano, apreciando o espaço público bem desenhado e tentando administrar a fome dos pombos que ali pediam migalhas, sem deixar que eles matassem uns aos outros por um pedaço de pão.

Agora, alimentados e atraídos pelo fluxo de pessoas, fomos guiados até a costa, composta, majoritariamente por estruturas em madeira com vários usos distribuídos atrelados ao oceano. Saunas, piscinas infantis, raias para nado, caiaque, plataformas para salto e muito mais. Enquanto sentávamos ali e apreciávamos um belo dia, que fazia fundo para o edifício das nações unidas situado na margem oposta (branco, leve, pesado e simples na sua complexidade de um arranjo em formato de asterisco), vivenciamos uma situação que roubou completamente nossas palavras, deixando-nos boquiabertos. Apesar do belo dia, fazia pelo menos 17 graus de muito vento e estávamos diante do Oceano Atlântico Norte. Pois bem, vamos ao choque de cultura. Enquanto observamos de casaco e com frio, não uma, mas várias pessoas, crianças, adultos, jovens e idosos, passavam e, como num dia de verão do Nordeste brasileiro, tiravam suas roupas de frio e mergulhavam naquele oceano congelante por poucos segundos para então sair, vestir novamente suas roupas e seguir com a vida cotidiana. Não pude deixar de me questionar, ironicamente, será que vale a pena mesmo? Seria reflexão, no mínimo, tola ou ingênua, afinal, a relação cultural entre os povos nórdicos e a água é de uma intimidade invejável. Enquanto eu, com meus costumes paraibanos, preciso de horário na agenda, roupas adequadas e uma boa chuveirada para visitar o raso do oceano, eles estão permanentemente dispostos a este encontro.



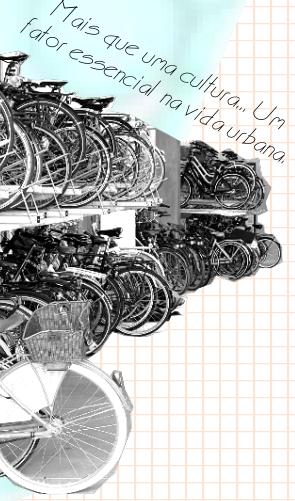
Obra: Untd. Nations City

Autor: 3XN

Ano: 2013

Caro, caro, caro, muito
caro. Não estávamos
preparados para essa
realidade.

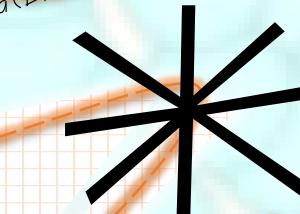
O café da manhã sempre
o mesmo. Ainda sinto o
gosto do croissant com
"cinnamon roll".



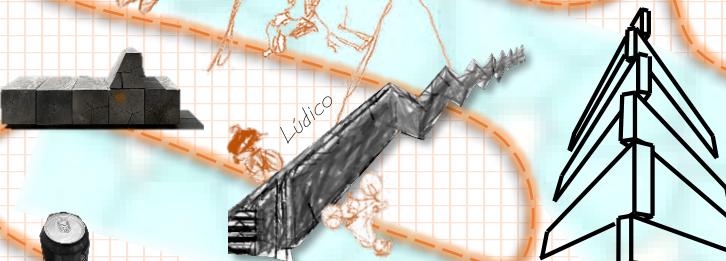
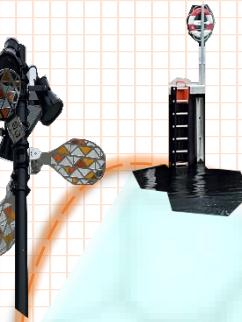
Mais que uma cultura... Um
fator essencial na vida urbana.



Encontrar um Lidl, era
como se sentir em
casa (Lisboa).



BIG
Bjarke Ingels Group



O Toque ao chão trabalhado com a delicadeza de um diamante apoiado em suas imperfeições.

Luz e sombra nas faces inclinadas trazem um aspecto único.



Um balanço tão proeminente que parece cobrir o oceano.

A pele escamada ressalta a forma circular.

Conceito fortíssimo de um cacto residencial. Mas com soluções questionáveis.

A complexidade formal que abraça o espaço público.

A pele escamada ressalta a forma circular.

Um edifício em forma de asterisco... Um arranjo inesperado com uma fachada limpa.

O Que um dia foi uma indústria árida, se torna uma residência com uso e vida

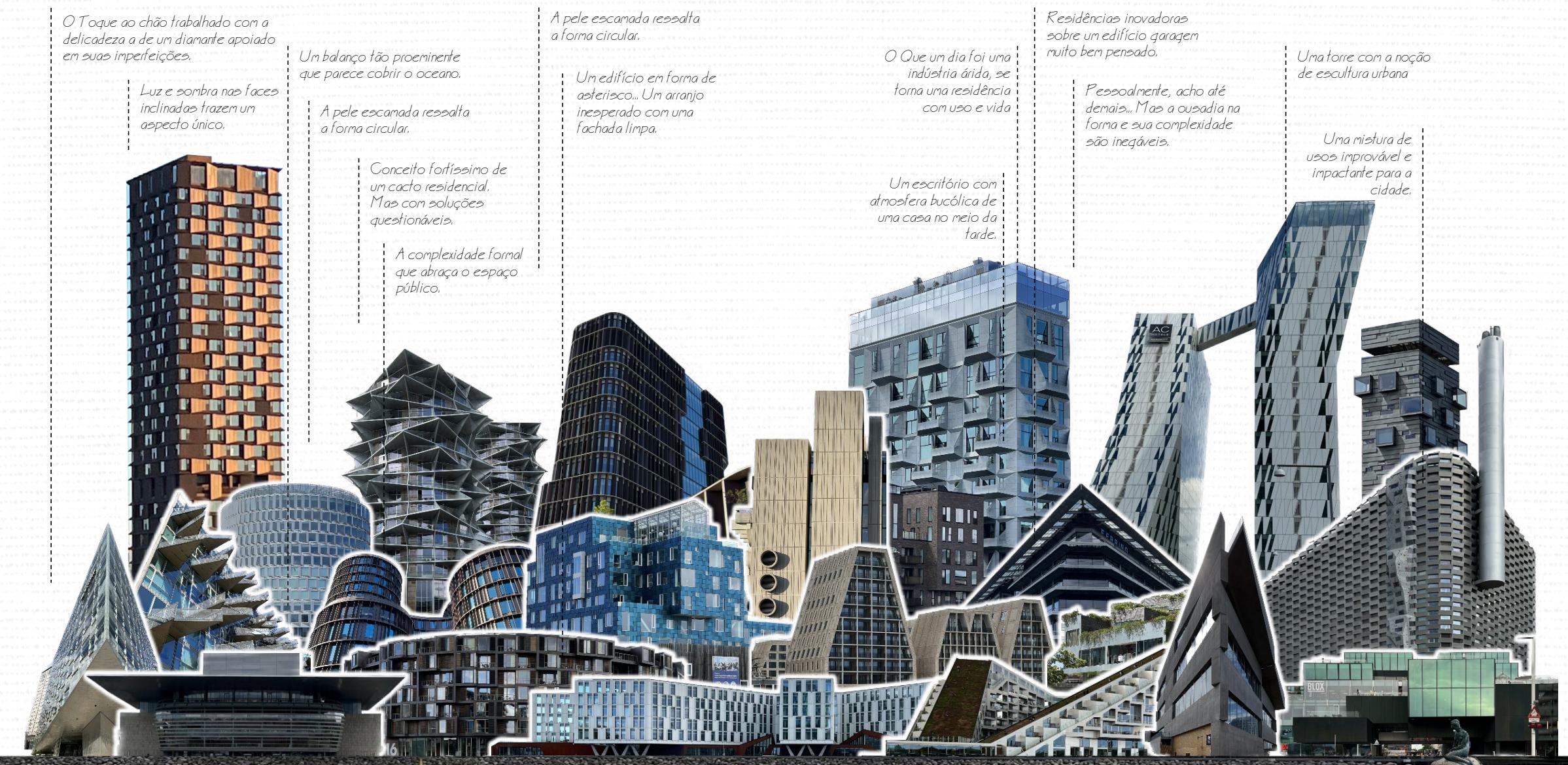
Um escritório com atmosfera bucólica de uma casa no meio da tarde.

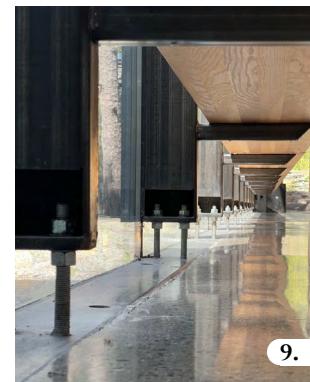
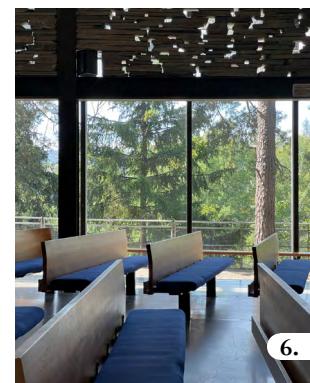
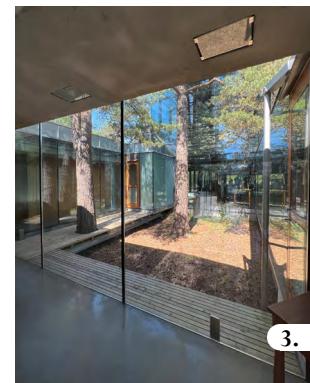
Residências inovadoras sobre um edifício garagem muito bem pensado.

Pessoalmente, acho até demais... Mas a ousadia na forma e sua complexidade são inegáveis.

Uma torre com a noção de escultura urbana

Uma mistura de usos improvável e impactante para a cidade.





VI. Criador pela criação

● Noruega ● Oslo ● 09 Jul 23 ●

- 
1. Primeiro volume avistado, a torre do campanário
 2. Fachada de acesso
 3. Nártex
 4. Nave vista a partir da entrada
 5. Volume secundário anexo
 6. Bancos em detalhe e natureza ao fundo
 7. Nave vista a partir do altar
 8. Pilares estruturais desviando afloramento rochoso
 9. Riqueza de detalhes em aço
 10. Elevação natural do púlpito
 11. Capela contemplativa

Até então, no momento em que acordei, a única certeza que tinha era de que não sabia o que faria ou os locais que visitaria. Sabia apenas que, às 22:30, ao pôr do sol, deixaria a cidade de Oslo e a Noruega de ônibus, em uma viagem de aproximadamente 8 horas de duração rumo a Stockholm. Foi então que abri meus mapas para verificar as pendências no meu trajeto e notei um marcador esquecido e bem distante de onde eu estava. Era uma igreja. O primeiro pensamento, para alguém que já estava viajando a Europa por 6 meses, foi:

- *Meu Deus, mais uma igreja...!*

Eu não sabia bem do que se tratava. Afinal, a seleção de obras teve que ser rápida e não caberia uma pesquisa mais profunda. Aquela igreja certamente estava em algum tour arquitetônico disponível online. Até aí tudo bem..., mas como chegar lá? O percurso era de 12 quilômetros ao sul do centro, em outras palavras, 50 minutos de transporte coletivo. Confesso que a distância quase me fez desistir, afinal, ainda tinha outras prioridades. Mas que erro eu teria cometido!

Aquele ônibus parecia me levar a lugar algum... poucas pessoas compartilhavam aquele trajeto comigo. Ao longo daquela autoestrada, ao mesmo tempo que contemplava quilômetros e mais quilômetros de pinheiros e quase nenhuma construção por mãos humanas, eu só pensava se teria feito, de fato, a escolha certa dentre tantas outras opções. Cinquenta minutos depois, chegamos aonde parecia que estávamos indo: lugar nenhum. Largado na parada de ônibus, a minha direita, mais uma floresta de pinheiros nórdicos, a

minha esquerda, uma espécie de bairro onde todos os estabelecimentos tinham a palavra “Mortensrud” no título, lembrou-me um pouco o município de Sousa, interior da Paraíba, onde a farmácia, os mercados e até as lojinhas carregam a palavra “Dino” em seu nome, mas isso não vem ao caso, voltemos à Noruega. Pelos próximos 5 minutos de caminhada, descobria um pequeno bairro com tudo que era essencial ao dia a dia, uma escola, um pequeno shopping, um mercado e, claro, uma igreja.

Estava ela bem ao final da rua, que se estendia a um estacionamento não muito trabalhado, com um piso em cascalho, não muito nivelado, que, através de uma pequena inclinação seguida de uma curva, semelhante a um ‘cotovelo’, chegava a um pequeno pátio em concreto, com três ou quatro bancos, e revelava, por trás de algumas poucas árvores, a fachada, que certamente não foi concebida como protagonista. Escondida por entre troncos e copas, o elemento mais marcante é uma torre, que, por sua altura, estrutura e vedações, no meu imaginário, remete a uma caixa d’água de aço construída em estilo industrial, mas é, na verdade, o campanário. Quanto ao restante, em primeiro plano, panos de vidro ao lado uma porta modesta, de altura comum, que poderia bem ser uma fachada comercial ou residencial genérica. No momento em que cruzava a porta de entrada e percebia o espaço timidamente, várias pessoas se deslocavam da nave principal até uma espécie de copa. Uma celebração havia terminado. Eu caminhava lentamente nesse contrafluxo por uma antessala, similar ao NárTEX encontrado nas antigas igrejas góticas, era o primeiro ambiente de qualquer edificação religiosa, mas que, neste caso, diferenciava-se, ao se distanciar da Nave principal, não por apenas uma porta, mas por um corredor, que, apesar de curto, era peculiar. Um

átrio envidraçado à direita e outro à esquerda, ao fundo, já vemos o que nos trouxe até aqui e qual o papel de uma humilde igreja de bairro em um tour arquitetônico.

Estamos em um espaço premiado diversas vezes e projetado pelos arquitetos Jensen & Skodvin. Só agora, no momento em que vos escrevo, tive acesso a esta informação, durante minha visita, pude imprimir meus próprios pensamentos, reflexões e sentimentos em cima de algo que ainda estava conhecendo. De repente, eu não sabia mais se estava em um espaço aberto ou fechado, na verdade, parecia algo entre essas duas delimitações, algo transitório. Não se tratava de “mais uma igreja”, mas sim de uma obra contemporânea que experienciava da espiritualidade através do contato com a natureza, então, logo eu me vi ansioso para perceber os detalhes e não pude deixar de pensar aliviado:

- Ainda bem que decidi vir...-

A primeira impressão é de uma mescla entre processos industriais e artesanais, induzida pela estrutura resistente em aço aparente, pelas pedras naturais e por um encantador (porém discreto) acervo artístico. A arquitetura delimita claramente uma nave central através de uma geometria que não poderia ser mais primitiva, um prisma retangular com coberta em duas águas, como uma casa desenhada por qualquer criança, mas esta, além de não ter divisões internas, tinha suas paredes perimetrais em pedra bruta, elevadas em relação ao piso em aproximadamente dois metros, apoiadas e sustentadas por uma estrutura metálica, como os pilotis de que tanto falou Corbusier. Ao consumar o ato de suspender aquelas paredes, uma segunda pele de

vidro, afastada em pouco menos de dois metros, deixa a natureza que abraça o sítio fazer parte das vivências religiosas. Falamos apenas da porção central do salão, mas não é só isso. Para atender às funções que lhe são demandadas, a igreja conta com volumes laterais auxiliares, que, apesar de pousarem sobre o mesmo piso e parecerem uma continuidade natural da estrutura para um olhar desatento, os anexos são secundários, têm altura reduzida e se soltam sutilmente do vão central, sem ao menos encostar nas colunas, vigas ou vedações, representando bem a hierarquia dos espaços. Eles complementam as atividades do espaço e a honestidade com que os materiais são trabalhados, fazendo uso de concreto aparente nas paredes e tijolos maciços na cobertura arqueada.

Como um bom músico por diversão, que tocou por muito tempo em igrejas, desde que a arquitetura me interessou, costumo reparar em como os equipamentos são trabalhados no espaço e nesse caso tive surpresas intrigantes. Toda a fiação se aproveita dos perfis I de vigas e pilares para fazer seu caminhamento, enquanto pequenas caixas de aço acopladas aos pilares servem de abrigo para as caixas de som, fazendo-as parecer parte da estrutura mãe. Na segunda linha de pilares desde a entrada, esta preocupação fica ainda mais clara, quando surge um elemento escultórico, protuberante e de valor artístico, “apenas” para dar espaço às maiores caixas de som. O que me fez pensar na relevância arquitetônica e espacial que tinham os órgãos nas antigas igrejas renascentistas... se é a partir dessas caixas que se ouve a palavra e os cânticos, por que não dar atenção a elas?

A essa altura, éramos 3 no salão da igreja, eu, um senhor e uma moça. Enquanto eu observava e aprendia com o esmero aplicado ao detalhamento estrutural, a partir daquelas placas retorcidas em 90 graus para fixação de painéis de vidro ou daqueles pilares que tocam o chão apenas pela delicadeza da extensão de seus parafusos, o senhor, bastante gentil e curioso, abordou-me em norueguês, eu que não entendia nada, tive sorte, pois, apesar de sua dicção arrastada imposta por seus mais de 70 anos de história, falava inglês muito bem. Infelizmente, não chegamos a trocar nomes, mas o fato é que o senhor, na verdade, nem religioso era. Eu... um estudante curioso, ele... um carpinteiro aposentado. Mas estávamos ali com o mesmo propósito, experienciar uma arquitetura de qualidade.

Não antes de me recomendar outras paradas e mencionar bons exemplos de sua experiência com arquitetura religiosa, o senhor me perguntava:

— Olhe a sua volta, o que você mais gostou? —

— Me impressiona a forma como a paisagem natural está presente no ambiente e a honestidade e respeito com os quais os materiais são tratados! E você, o que mais gosta? —

*— Desses bancos, é claro... — (disse entusiasmado) — veja como o design é lindo, além disso o estofado azul compõe perfeitamente com o altar. Por um acaso, o que é que você não gosta? —
(indagou curioso)*

Surpreso com a pergunta, respondi:

— Na verdade, essa é a primeira vez que visito, ainda estou processando o que vejo. - (Certo de que ele teria algo a falar, devolvi a pergunta) - e o senhor? Há algo que não lhe agrada por aqui? —

— Há duas coisas. A primeira é o telhado metálico aparente, ficou muito feio, deveria ter utilizado uma madeira, ficaria bem melhor.—
(é o que qualquer carpinteiro diria)

Até aqui eu balançava a cabeça concordando, mas entendo a opção de manter a originalidade do material, mas ele continuou:

— A segunda são essas pedras. —

Não consegui disfarçar o espanto, afinal as pedras eram fenomenais! ele seguiu:

— O acabamento está muito grosso, mal-feito.
E esses buracos? Parecem mais falhas.
Eu realmente não gostei. —

Você deve estar-se perguntando que rochas são essas. Vou explicar. As paredes superiores da nave central filtram a entrada de uma luz natural proporcionada especialmente por um trabalho minucioso do museu da rocha. A partir de “fatias” estreitas e compridas, as peças são assentadas uma a uma, criando pequenos vazios, que seguem um gradiente de transparência único, partindo do vidro no nível inferior até ficar completamente vedado no topo. Poucas vezes, senti a pedra como um material tão leve. Parecia que tudo poderia cair a qualquer momento.

Éramos três, eu, o senhor e a moça. O senhor se despediu seguindo seu rumo. Agora somos dois. Voltei a fazer meus registros e observações quando logo sou abordado mais uma vez.

- O que você faz aqui? —

Lá vamos nós mais uma vez. Após explicar um pouco de como fui parar ali, devolvi a pergunta esperando que ela respondesse apenas que trabalhava ali, entretanto, a moça iniciou um relato de suas memórias afetivas, pois hoje ela servia à comunidade, no passado, ela foi criança e, desde o ano de dois mil e dois, pôde crescer em contato com aquela arquitetura, aquela igreja. A partir daí, ela tinha minha completa atenção. Ela contava que uma de suas lembranças mais marcantes era de brincar com as demais crianças subindo e descendo um trecho de solo rochoso que aflora no piso polido da igreja. Diz ela que, até hoje, a rocha, muitas vezes, torna-se um castelo, um barco ou uma montanha na imaginação das crianças da comunidade. Ela conta ainda que, em outro trecho de afloramento desse solo, aproveita-se da pequena diferença de altura gerada para configurar, de forma natural, a elevação necessária ao púlpito e a centralidade para a pia batismal. Impossível não se encantar com a sutileza de cada uma dessas decisões arquitetônicas e a influência delas no imaginário comum daquela comunidade.

É incrível como a estrutura implantada respeita a pré-existência natural, até mesmo o ritmo dos pilares é quebrado, para que não conflitem com o solo. Para isso, os arquitetos precisaram demandar soluções estruturais um tanto quanto não ortodoxas.

Continuando nossa conversa, lembrei dos questionamentos outrora feitos pelo senhor e disse:

- O que você menos gosta aqui? –

Pensativa, ela respondeu que não entendia o motivo pelo qual o altar não era centralizado ou alinhado a nada... já há alguns minutos isso também me incomodava. Foi aí que perguntei:

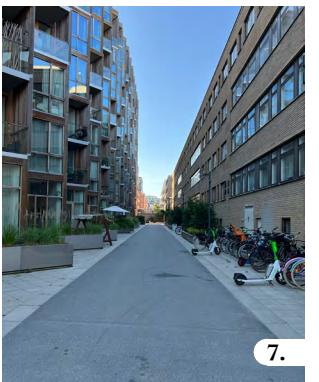
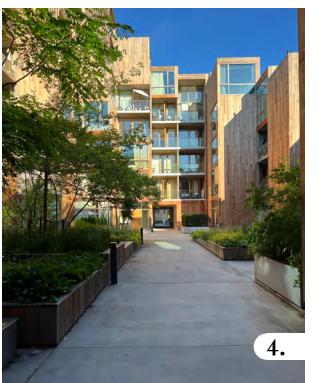
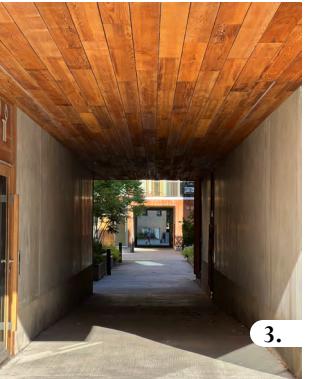
- Tudo bem, mas e o que você gosta mais? –

- Gosto da forma como a natureza faz parte dos momentos religiosos e das diferentes perspectivas que isso traz ao espaço interno conforme as estações do ano vão mudando. –

Antes de ir embora, passei para conhecer uma capela e um pequeno oratório, apenas para 2 pessoas. Podemos descrever este espaço como uma caixa de concreto com apoios para os joelhos e uma face completamente envidraçada. Naquele momento, a ideia central daquela igreja ficava muito clara. O culto ao criador pela contemplação de sua obra.







Obra: 79&Park

Autor: BIG Architecs

Ano: 2018

VII. Carta aberta ao lugar

Você ainda deve estar lembrado do senhor que conversei, ao visitar a igreja de Mortensrud, em Oslo. Preciso confessar que omisi parte do diálogo que tivemos... O senhor de dicção arrastada me perguntou qual seria meu próximo destino, então, respondi animado que, logo mais, enfrentaria sete horas de estrada rumo à cidade de 14 ilhas, Estocolmo. De repente, parecia que eu havia falado mal de seu time de futebol ou banda favorita, mas era claro o desapontamento em suas expressões, foi então que ele disse:

- *Mas fazer o que? Não tem nada lá...*
Você vai ver que é bem chato, na verdade. -

Mas tudo bem, ele tem o meu perdão, afinal, eu não estava indo apenas para provar um bom e tradicional “Cinnamon Bun” de café da manhã ou um concorrido sanduíche de ”Kabanos” diretamente do “Östermalms Korvspecialist” no almoço. Felizmente, estes itens também estavam inclusos no pacote, mas o real motivo de minha visita era o edifício 79&Park, projetado pelo Bjarke Igels Group. Tenho certeza de que este senhor não o conhece. Apesar de ter tomado conhecimento da existência deste edifício há pouco tempo, ele já tinha um local especial em minhas memórias, mas, para explicar, precisaremos voltar a Lisboa por um minuto. Já nas primeiras aulas da disciplina de Arquitetura VI, que trata sobre projeto arquitetônico, as professoras responsáveis (uma portuguesa e uma espanhola) propuseram um exercício de aproximação ao tema que viria a ser trabalhado, indicando que cada aluno deveria apresentar a análise de um projeto específico... é aí que entra a obra do BIG. Fui selecionado para estudar e representar, em uma maquete física, o 79&Park, apesar de sua complexidade, naquele momento, a apresentação e a

1. Restaurante mexicano e toque do edifício ao chão
2. Demais comércios no térreo e apropriação da calçada
3. Túnel de acesso aberto ao pedestre
4. Primeiro contato com o pátio interno
5. Detalhe das vedações, revestimento, brises e esquadrias
6. Impacto das reentrâncias e gabarito na perspectiva terrea
7. Fachada norte posterior e a invasão da vida íntima
8. Fachada norte posterior sem a invasão da vida íntima
9. Fim da caminhada pelas fachadas posteriores
10. Paisagem interna e seus limites
11. Cenário da despedida

análise foram elogiadas de tal forma a servir de exemplo ao resto da turma, segundo as professoras. Encontrei ali um lapso de realização pessoal e profissional bastante importante, afinal, já posso dizer que, em algum momento, fui reconhecido internacionalmente no campo da arquitetura... o fato é que não haveria forma melhor de consolidar este estudo reconhecido, senão visitando a obra pessoalmente. Ora, quando mais teria essa oportunidade?

Voltando à Suécia. Lembre-se de que estamos em julho, então, o Sol só iria se pôr após às 22:00. Em um contexto de viagem voltada para arquitetura, esse seria o cenário ideal, significa muita luz e sombra para dar o valor e visibilidade que certas obras merecem. Embora o relógio marcasse por volta de 18:20, o que realmente se passava na minha cabeça era a saudade de casa e o cansaço de uma noite mal dormida e de 10 dias intensos de explorações arquitetônicas. Mas não era por isso que eu deixaria de fechar o ciclo mencionado, segui, então, para meu último destino do dia e da Suécia.

O 79&Park ocupa uma esquina privilegiada, onde seus vizinhos de ambas as frentes são parques extensos o suficiente a despistar a vista no horizonte. Graças a eles, eu me aproximava do local e tinha meus primeiros contatos bem de longe, por enquanto, ainda na escala do transporte motorizado, pela janela do ônibus. É curioso que não consegui raciocinar muito ou formular críticas, estava ainda me convencendo de que eu realmente estava ali, que as imagens vistas na internet eram reais. Aquilo de fato existia e agora eu existia ali. Para minha sorte, desci do ônibus bem ao lado do edifício e, enquanto aproveitava os bancos da parada para jantar a outra metade do meu almoço, um "Kabanos" frio, ainda que apimentado, observava a região

pensando que não parecia dispor de muitos serviços, mas, por outro lado, é um lugar mais do que calmo, quase nenhum carro nas vias e um silêncio que colaborava com minhas reflexões.

Em um terreno de aproximadamente sete mil metros quadrados, ocupando seu perímetro e dando forma a um pátio interno, poderíamos estar falando de um edifício comum, como seus vizinhos, se não fosse o fato de que, desde as primeiras decisões, o projeto integra a arquitetura ao meio urbano, quando dispõe todos os ambientes internos ao longo de uma extensa e rigorosa malha quadrangular rotacionada a 45° para oferecer privacidade entre as unidades habitacionais e potencializar as vistas obtidas. Mas não é só isso que faz um aluno de arquitetura se deslocar do Brasil à Suécia para uma visita, a ideia de malha é associada a uma manipulação formal do edifício, tão suave que parece ter pegado emprestado as cordas de alguma marionete, regulando a altura dos quatro cantos do edifício a partir de aspectos como a incidência solar no pátio e altura dos vizinhos.

De início, me detive a observar os detalhes de acabamento na fachada, um pouco dos interiores que transpareciam pelas enormes esquadrias em vidro incolor, mas o que realmente impressionava desde o primeiro contato era a suavidade com que as alturas entre as pontas do edifício eram transicionadas, estamos falando de mais de vinte metros de diferença entre o ponto mais baixo e o mais alto, mas a diferença era diluída em cada módulo 3,6m x 3,6m da malha. Eu via aquele trabalho construtivo, agora de uma perspectiva de pedestre, e me perguntava a respeito daquela execução, afinal, cada unidade demandou uma personalização, para que

existisse conforme o conceito pensado. Testando a escala humana, percebemos quão acertada fora a decisão de manter uma cota mais baixa na esquina, uma relação amigável e respeitosa com a cidade, com os pedestres e com os demais edifícios ao redor.

Chega de ser passivo, é hora de tentar viver um pouco aquele espaço, a começar pelos espaços comerciais voltados para a rua, tão importante em um contexto com tão pouca oferta de serviços. Recordo-me de entrar em um restaurante mexicano, bastante escuro até, já que estava ali só para observar, finge olhar o cardápio algumas vezes e foi o suficiente para minha ansiedade insistir que fosse descobrir o ponto alto do projeto e única parte acessível ao público, seu átrio. Alguns módulos da malha são suprimidos no térreo e criam os túneis de acesso, presentes em vários dos projetos do BIG em que já estive, sempre com uma materialidade bem presente e com uma lógica de partida e fim bem pensada. O caminho é uma espécie de atalho para o pedestre que não deseja caminhar nos noventa graus da esquina, logo pensei que pudesse estar prejudicando a visibilidade do comércio voltado para a rua, mas percorrendo o túnel, percebo que a escala desses acessos e a própria materialidade bastante sóbria, a despeito de algo colorido ou chamativo, a madeira no teto, o concreto aparente no piso e nas paredes, fazem com que, apesar de ser aberto e permissivo, não seja tão natural ao transeunte.

Luz natural em abundância, ventilação constante, alto fator de visão do céu e uma massa verde proeminente no espaço atrelados à morfologia irregular e ao uso da madeira como material quase que unânime, somado apenas ao vidro que reflete o céu e a vegetação, fazem com que a sensação deste ambiente construído se assemelhe

mais ao natural. São todas características que resultam de um pensamento que atrela a forma ao conceito perfeitamente. Como mero curioso, tenho acesso a apenas metade do pátio, a outra metade é restrita ao uso comum entre os moradores, mas, sinceramente, só sei disso porque estudei... a sensação real é que não falta nada, o que divide este espaço são vários canteiros elevados em alturas distintas, tal qual as coberturas dos apartamentos, seguindo exatamente a mesma malha quadrangular. O preenchimento verde desses canteiros não nos revela o que há do outro lado, trazendo uma sensação de finitude natural e espontânea, diferente de um ponto final.

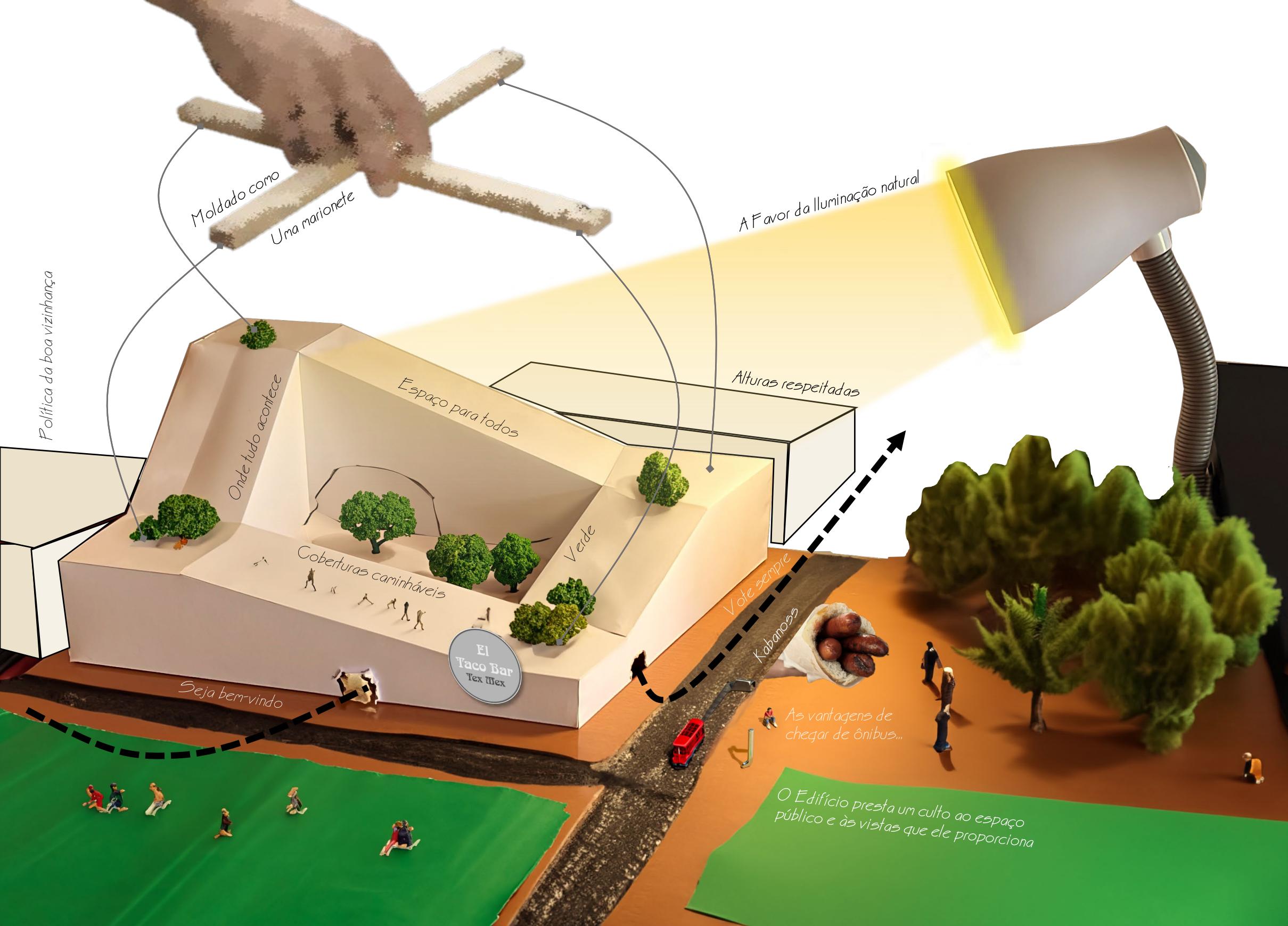
Enquanto contemplava aquela cena, aproveitei para fazer uma pausa e apenas observar as pessoas que passavam, não foram muitas, eram menos ainda as que passavam sem propósito ou apenas para cortar caminho. Mas um arrependimento que carrego é de me resguardar à minha timidez e não ter abordado algum dos residentes que por ali passava e ter uma boa conversa sobre como é morar ali, mesmo tendo uma expectativa pela minha experiência e bagagem, nada supera os relatos pessoais, as emoções e as vivências.

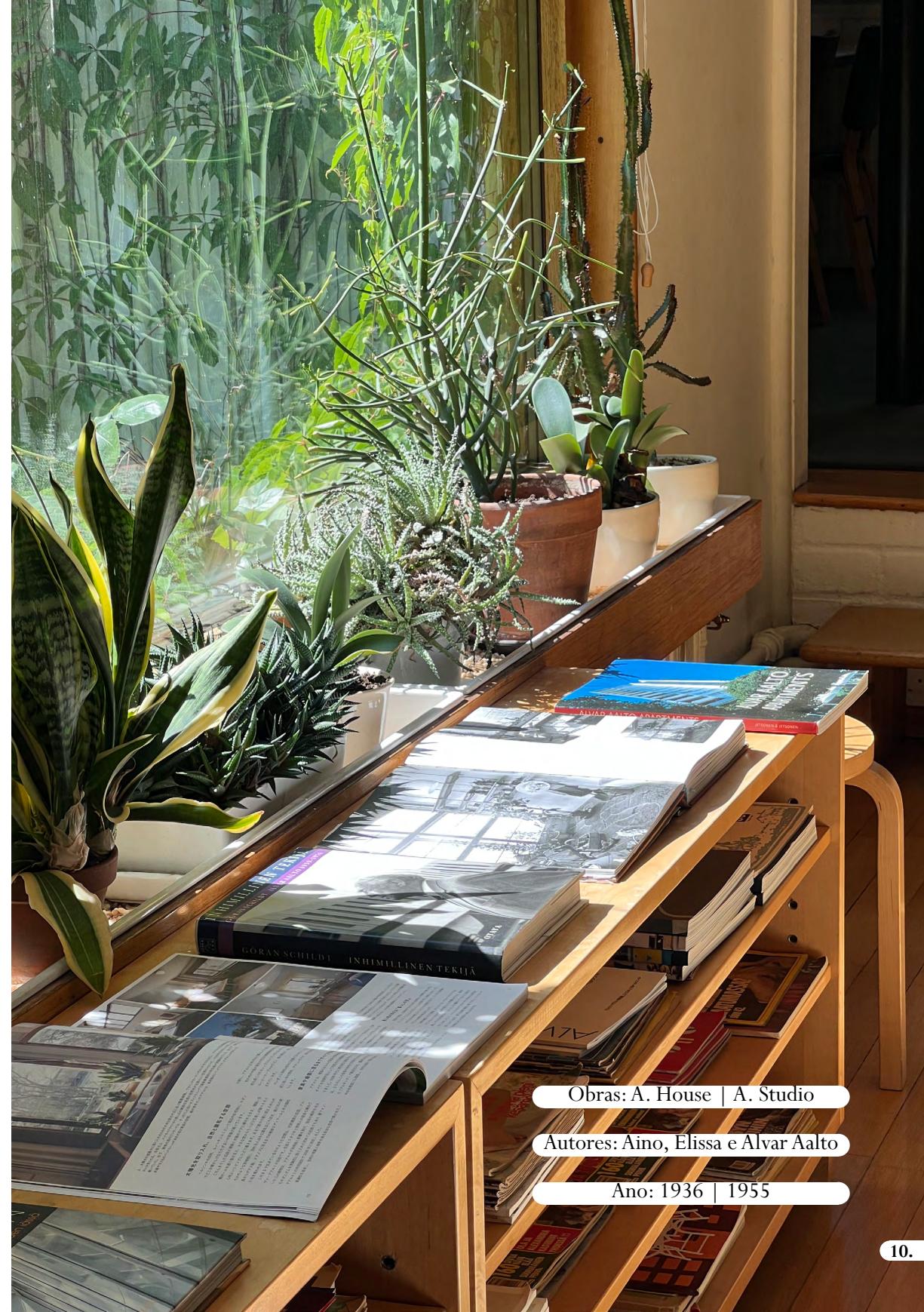
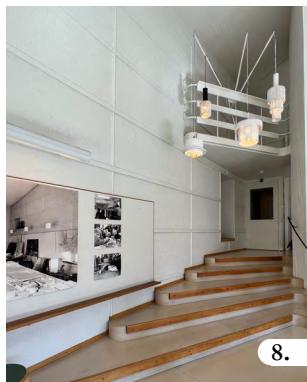
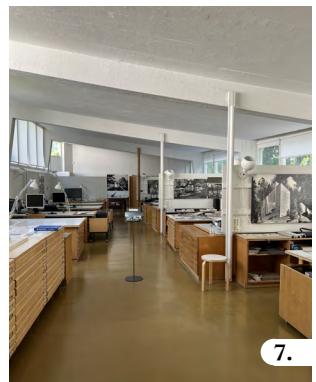
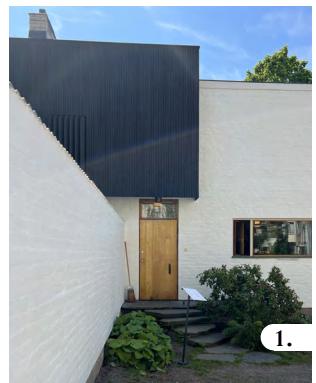
Saio pelo túnel oposto ao que entrei e, para não perder nenhum detalhe, caminhei pelas fachadas opostas à esquina. A experiência já foi um tanto diferente, a cena era de terraços abertos, vidros completamente incolores, translúcidos e uma série de objetos pessoais. Apesar de um espaço bastante aberto e livre de barreiras físicas, senti-me tomado pela angústia de passar tão perto do lar dasquelas pessoas, senti que pudesse estar invadindo suas vidas íntimas, então, apressei o passo e encertei o constrangimento.

Grato pela chance que tive de fechar o ciclo que mencionei, visitando o 79&Park, precisava despedir-me dali. Ironicamente, o ônibus que eu precisava pegar não passaria no mesmo local onde desci, ao lado do edifício, fui forçado, então, a caminhar na direção de onde vim inicialmente. Sabe aquela cena de filme demodê na qual um casal de jovens apaixonados compete para ver quem vai desligar o telefone primeiro? É apenas a necessidade de ir sem ter de dar adeus. No nosso caso, podemos dizer que eu ainda estava “namorando” o edifício, então, a cada dez ou quinze passos virava e registrava o momento através de mais fotos. Repetindo esse adeus por cinco ou seis vezes, pude ainda contemplar aquela obra de longe e ver como sua estética natural, não só pela escolha da madeira como material de fachada ou pelas árvores e arbustos que ocupam seus diversos níveis de coberta, mas principalmente pelo design inteligente, fazendo com que o edifício se assemelhe a 2 planos de colinas, mesmo partindo de soluções tão geométricas quanto uma malha de quadrados rotacionados precisamente a 45 graus. A impressão é de que a obra faz parte do contexto natural de mata nativa do plano de fundo, ela foi pensada e executada para estar ali, respondendo às demandas de onde “pisa”, uma verdadeira carta aberta ao lugar.

O parágrafo anterior daria um ótimo final para essa história, mas assim eu estaria escondendo o verdadeiro final, que foi uma “*Selfie*” bem-humorada com o edifício ao fundo para eternizar a realização que era, para mim, estar ali.







VIII. Aaltos

● Finlândia ● Helsíki ● 11 Jul 23 ●

- 
1. Tijolinhos brancos e entrada da casa de Alvar e Elissa Aalto
 2. Secção da casa voltada ao ofício, o coração
 3. A sala de Aalto e seu piano controverso
 4. Espaço de refeições integrador
 5. Móveis da taberna semelhante a itens da casa
 6. Escada que leva ao pavimento de trabalho no studio e seus detalhes
 7. Salão de produção, prototipagem e projetos
 8. Sala de apresentações e seu mezanino
 9. Cinema a céu aberto e quintal
 10. A espontaneidade do design na casa Aalto
 11. Exposição e composição de luminárias, design próprio

- Raul, sei que você é um bom viajador e interessado em arquitetura de qualidade. Estarei indo a Copenhague e estou buscando os próximos destinos pela região, o que me sugere? —

- Então, Luca, se eu fosse hoje, iria a Helsinki visitar as obras do Alvar Aalto. —

A recomendação de um estimado amigo foi suficiente para me fazer comprar a passagem e incluir a capital finlandesa ao roteiro nórdico, mesmo que eu ainda não soubesse quem de fato fora Aalto. De todo modo, busquei rapidamente por suas obras e quais Adelas eu encontraria em Helsinki, foi aí que me deparei com o trabalho da “Aalto Foundation”, uma fundação que teve seu início apoiado pelo Aalto ainda em vida e que concentra seus esforços em manter vivo o patrimônio material e imaterial de sua obra e seu modo de fazer e pensar arquitetura. Acontece que, em vez de suas obras destaque, como a casa da cultura ou o “Finlandia Hall”, as principais obras geridas pela fundação em Helsinki são exatamente a casa onde morou e trabalhou e o edifício que veio a ser seu último studio, o que me pareceu uma oportunidade de fazer uma visita um pouco diferente do que vinha fazendo nos últimos meses, que consistiria em conhecer não só o arquiteto, mas o indivíduo Alvar Aalto, a partir de sua vida íntima.

Eu sempre acreditei que visitar estes espaços cotidianos tem o poder de nos fazer exercitar a imaginação através das histórias, que são contadas, e assim poder visualizar as vivências que ali se passaram. Tudo isso acaba por nos aproximar das pessoas que estiveram ali a partir de uma conexão mais direta, mostrando que, no fundo, todo mundo é

“gente como a gente”. Como se não bastasse, quem não quer testar a expressão “casa de ferreiro, espeto de pau”, e descobrir o que o renomado Aalto projetava, quando ele mesmo era o cliente, não é?

Uma das vantagens de ir e vir de ônibus é poder perceber e sentir a atmosfera do entorno antes de chegar, de fato, ao local de interesse. A casa do Alvar Aalto estava em um subúrbio, praticamente fora da cidade, que, apesar de estar completamente ocupado, na maioria dos casos por pequenos edifícios de até cinco pavimentos, ainda parece bastante tranquilo e simples. Posso dizer que os edifícios que vejo não possuem lá tanta expressividade, não são contemporâneos, mas não me parecem ser tão antigos, o que me leva à impressão de que no início dos anos 30, quando foi morar ali, a paz e o silêncio eram seus vizinhos. A escolha do local fez ainda mais sentido, quando dito pelo Guia durante a visita que, em virtude de uma queda drástica de faturamento seguida da crise de 1929, o lote foi resultado de uma troca feita com um antigo cliente e amigo que ofertou sua mão de obra, como arquiteto, em troca deste pedaço de terra para construir o sonho de sua casa.

Apesar de um bairro relativamente denso, sua residência fica em um lote privilegiado por estar em uma cota alta, cercada de árvores apenas na medida necessária à privacidade e em frente a um grande campo local de futebol, o que lhe garantia uma vista ampla e desimpedida. Entretanto, esses aspectos apenas podem ser percebidos depois que já estamos na casa, até chegar nela, percorri duas ou três vias residenciais de casas e prédios, com vários carros estacionados (cenas que eu não via há algum tempo). Eu não sabia ainda o que encontraria, mas enxerguei uma casa que destoava de todo o entorno, parecia ter sido feita ontem ou semana passada... uma arquitetura extremamente sóbria, contemporâ-

nea e minimalista. O pavimento superior era apenas uma caixa em ripas de madeira na cor marrom escura, quase preta na verdade, onde a única abertura que eu via estava protegida com travessas do mesmo material. Todo o resto da casa era branco, mas, ao chegar mais perto, não era um branco comum, eram tijolos maciços, daqueles que podemos sentir uma argamassa espessa e poros abertos ao tatear, porém tinham uma leve e fina camada de tinta branca por cima, o que conferia uma textura única.

Seguindo o tijolinho branco, fui levado à entrada da casa, não tinha muita certeza do que fazer, se deveria tocar alguma campainha ou bater na porta... Apenas esperei. Não demorou e logo chegaram os demais visitantes agendados para o mesmo horário que eu, e, naturalmente, posicionaram-se atrás de mim, certos de que sabiam o que eu estava fazendo. Disfarcei esse constrangimento, enquanto tirava fotos das pedras que estavam sob meus pés na escada de acesso. Finalmente, a porta abre e somos todos convidados a entrar e ouvir uma excitante introdução à visita, aquela residência, na verdade, era um laboratório de experimentos arquitetônicos e estruturais, era a oportunidade que o Alvar Aalto tinha nas mãos de testar o que quisesse, sem receber uma negativa do cliente, sem o peso da responsabilidade em suas costas. Além disso, foi colocado que um de seus princípios era de que alguns fatores arquitetônicos não se mediam por números. Essa frase me tocou de tal forma, que já busquei meu bloco de anotações para registrar... os sentidos são os maiores aliados de um designer.

Se em algum momento eu fosse levado a refletir sobre a situação de trabalhar dentro de casa, normalmente pensaria este espaço como secundário, temporário ou talvez simplório. O espaço em que eu estava me faz acreditar que Alvar Aalto amava seu trabalho e ali deixava toda sua

dedicação... de cara já percebemos que o seu escritório é o coração da casa, é o ponto de conexão e de destaque. Ele propôs um ambiente amplo (comportando cerca de 10 pessoas trabalhando), muito bem iluminado por janelas que o integravam ao meio externo e à copa das árvores, com dupla altura e um mezanino, que não parecia servir de nada mais além de observar o mundo de cima. As características que mencionei são únicas do escritório, mas algumas outras são comuns a todos os ambientes, dentre elas o trabalho realizado com materiais minimalistas e naturais, sendo eles a madeira, o branco, o preto e a cerâmica. Ademais, a humanização dos espaços através de plantas, obras de arte e formas orgânicas, que estavam presentes por todo lado. Aalto consegue dar uma sensação de unicidade e aconchego à casa e aos seus ambientes, de maneira geral.

Tentativa e erro é a melhor forma de limpar um subconsciente conturbado de ideias. Alvar pregava e praticava esta filosofia em seus trabalhos, isso fez com que sua casa se tornasse praticamente uma exposição constante dos objetos e peças artísticas que produzia juntamente à sua esposa, a arquiteta finlandesa Elissa Aalto, que, a partir de 1949, trabalhou 'invisivelmente' junto ao seu marido e, mesmo após a morte de Aalto, comandou o escritório até a sua morte, em 1994. Praticamente todos os móveis que estão dentro da casa foram desenhados por eles e seguem uma linguagem muito particular. A melhor palavra para descrever aquela arquitetura é a espontaneidade, por mais que tudo pareça estar ali de forma ocasional (como um piano que poucos concordariam que caberia em uma sala de estar tal qual a de Aalto), tudo tem um motivo. Apesar dos móveis desenhados pelo casal guardarem semelhanças entre si, outros tantos parecem não conversar com nada mais, e isso se deve ao fato deles acreditarem que móveis e objetos contam histórias e não estilos, e podem ser peças únicas, como as obras de arte.

Subimos ao pavimento superior, onde se concentram os ambientes íntimos, objetos pessoais, as camas em que dormiam e, até mesmo, os lençóis. Os espaços reiteram todo o conceito geral da casa, mas o que me chamou a atenção foi o solário... apenas um espaço vazio, com piso de praça e uma pérgola, aquilo poderia ser utilizado para qualquer coisa! Instiga-me pensar nas histórias ali vividas. Eis que vemos uma porta no solário que não vinha da área íntima, mas do lado oposto da casa, estão lembrados do mezanino "que não parecia servir de nada mais"? Era essa a saída secreta de Aalto, quando não queria receber algum cliente, ou mesmo, para fumar um cigarro. Cresci vendo meu pai falar da importância das 2 portas em seu escritório e sempre achei bobagem, mas parece que o Aalto concordaria com ele.

A casa é um membro da família, um ambiente vivo, que fala, ouve e se torna um lar.

A verdade é que não era a estética, design ou beleza das coisas e dos ambientes que me impressionava, aliás, se não fosse a peculiaridade do escritório, facilmente poderia ser a casa de avós com uma sensibilidade a mais. O que excita é a quantidade de pensamento depositada em cada detalhe, refletindo sobre como e por que aquilo deveria estar ali ou não.

Com a chegada dos anos 50, passados os desafios da crise de 1929, veio um momento de grandes investimentos em obras públicas e concursos de arquitetura, o que fez com que Aalto, naturalmente, fosse ganhando notoriedade, sendo cada vez mais demandado por seus serviços, fazendo com que a equipe se tornasse grande demais para o escritório localizado dentro de sua residência. O que nos leva à próxima visita.

Sete minutos, quinhentos metros e algumas subidas depois, percorrendo o mesmo caminho que Aalto percorreu diariamente de 1955 até a sua morte em 1976, estamos no Aalto studio. Podemos dizer que é a segunda casa da qual falaremos hoje, afinal, está rodeado de casas (em um setor habitacional), por fora também se parece uma casa e por dentro... vamos lá.

Talvez os vinte anos trabalhando em casa tenham influenciado o modo de pensar do Alvar e como ele enxergava essas relações, o fato é que o studio, na verdade, tinha cerca de 30% de sua área voltada para o ofício, os demais 70% se baseavam em convívio, interações, lazer e serviços. Apesar de sempre propor ambientes amplamente iluminados, seu local preferido de todo o prédio era o mais escuro, a chamada “taberna”. Assim era chamada uma grande copa coletiva comandada por um verdadeiro chef de cozinha contratado para fazer as refeições de todos os colaboradores, aliás, era uma norma da empresa que todos ali comessem sempre juntos, a mesma comida e, principalmente, que não se falasse de trabalho ou arquitetura nesses momentos, além disso, também era um local de confraternizações internas e até de receber amigos (como em uma casa). Curiosamente, até a falta de iluminação nesse espaço era para que luz da criatividade e das boas ideias se concentrasse toda no espaço de trabalho.

Vinte anos os distanciam, mas muitos aspectos se repetem quando observamos as similaridades entre os dois projetos, para além do mobiliário de assinatura própria que fazia uma segunda aparição aqui e ali, fosse a mesma peça, uma evolução ou novas ideias, a paleta de materiais se manteve inalterada. Muito uso da madeira, tom cerâmico e paredes brancas. Até mesmo, a fachada era no mesmo tijolinho branco mencionado.

Os ambientes de trabalho ficavam em um grande salão, predominantemente branco, de planta trapezoidal e estrutura arrojada, no qual uma ponta era a sala privada de Alvar Aalto e na outra o arquivo de projetos, no mesmo ambiente que ficava uma pequena sala de reuniões. O salão era iluminado a partir de grandes esquadrias altas, na altura da copa das árvores, tal qual o antigo escritório, e foi concebido de forma a não promover contato visual com ambientes sociais e vice-versa, esse era um dos pilares da lógica espacial que Aalto acreditava ser ideal para aquela situação.

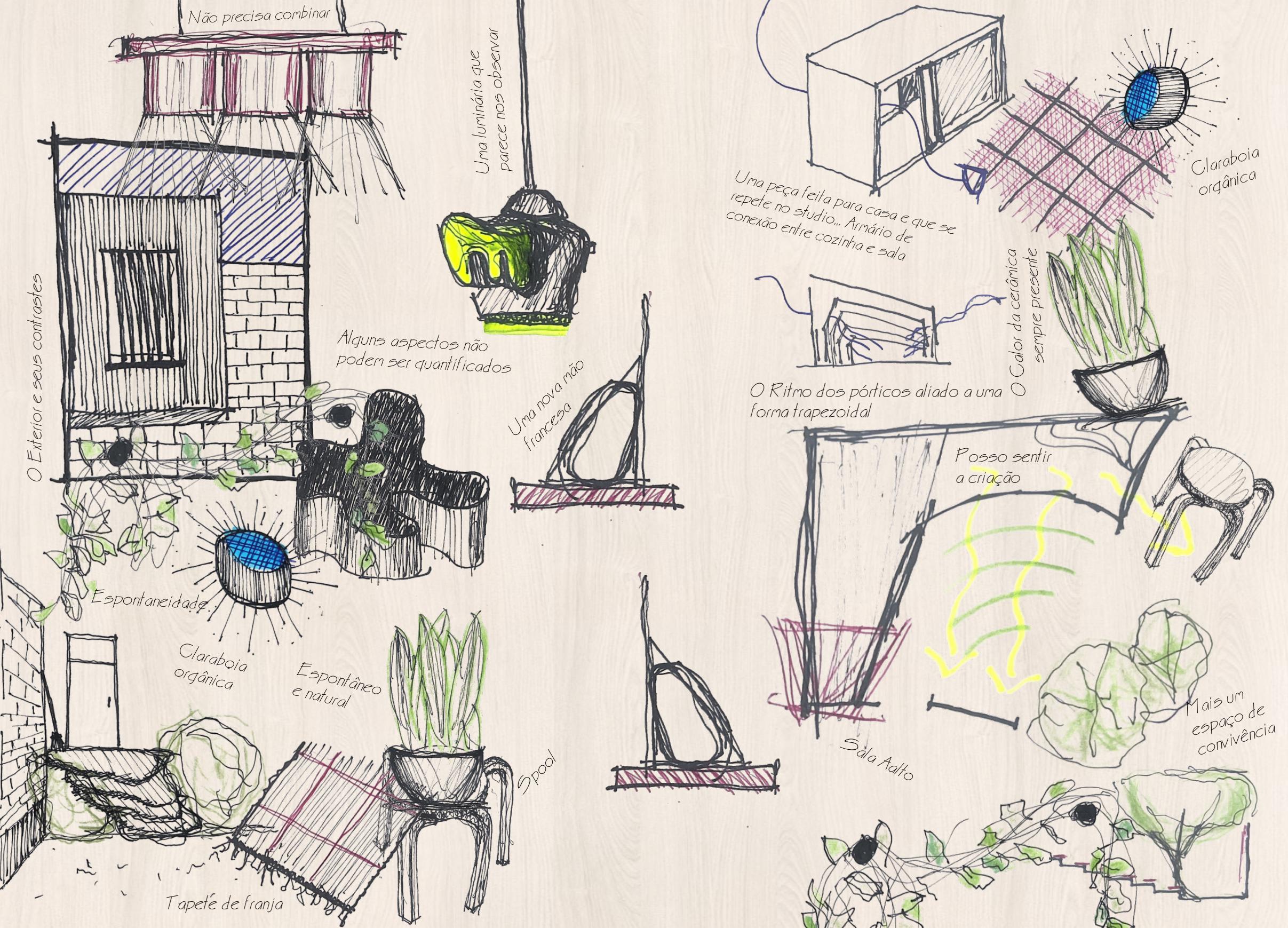
Podemos racionalizar a disposição dos ambientes como um “L” amorfo, onde um segmento seria o salão de ofício e o outro, de tamanho similar, um dos pontos mais interessantes do projeto. Aalto e sua esposa compartilhavam uma sala bastante ampla, apenas para o livre pensar, teste de ideias e apresentações de seu trabalho. Era um espaço de receber clientes e dar a eles o que vieram ver, mas Aalto não fazia isso de forma convencional, ele poderia receber os clientes como em sua própria casa, afinal, aquele espaço tinha a qualidade necessária a essa atividade. Imagine uma sala de estar e jantar toda branca, uma face reta e opaca, a outra curva e translúcida, agora imagine uma escada irregular e escultórica, com apenas 6 degraus, mas uma expressão plástica de tirar o fôlego, que conduz a um pequeno mezanino (assim como no escritório anterior), dessa vez, feito declaradamente para observar trabalhos de cima.

Curiosamente, a sala de apresentações era um ambiente misto, poderia ser utilizado para fins de trabalho ou não, então era o único que tinha vista para o jardim através de sua parede curva, o jardim, que ocupa o espaço interno do “L” mencionado, é, na verdade, um anfiteatro natural inspirado na arquitetura clássica, que servia a múltiplos propósitos, desde festividades a sessões de cinema em equipe.

Estando inserido em um contexto de escritório de arquitetura, vi-me maravilhado com as opções e as intenções que aquele espaço proporcionava ao cotidiano do fazer arquitetônico, desde o engajamento de uma equipe ao encantamento de clientes e me coloco na posição de sonhar em um dia viver essa experiência. Aalto nunca dissociou seu escritório de sua casa, afinal, sua esposa era sua sócia e o que separava as duas edificações eram apenas quinhentos metros, mas os conceitos e propósitos se sustentam e se repetem.



O Exterior e seus contrastes



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até deixar o país de origem, seis meses longe da família e do lar que estava habituado parecia muito tempo... Quando menos espero, é chegada a data do voo e já consumi mais tempo de planejamento que tempo efetivo em intercâmbio. Com mais um pouco, estamos de volta. Apesar da relatividade do tempo morando em outro país, são momentos de muita densidade, muito acontece, são muitas emoções, vários altos e baixos, ao mesmo tempo em que são muitas obrigações diárias e é esperado que nem tudo deixe a marca e o aprendizado que poderia deixar, porque, muitas vezes, nós não conseguimos dar a devida importância, seja por pressa, falta de atenção ou puro desinteresse.

Rever todos os mapas e mais de vinte mil fotos tiradas em vinte e cinco cidades, ao longo de doze países distintos, uma a uma, é reviver não só as histórias contadas neste trabalho, mas também as que não couberam no volume do trabalho de conclusão de curso. Este passo a passo faz com que as memórias da minha pele, meus olhos, meu nariz e meu corpo sejam novamente ativadas, permitindo-me uma segunda oportunidade de aprender com tudo que vi e vivi. O próprio desenvolvimento do trabalho, da forma que foi feito, valida as ideias postas por Merleau-Ponty sobre a fenomenologia e por Pallasmaa acerca da multissensorialidade e a relação entre arquitetura e memória corporal. No caminho contrário, ter estudado tais teorias para compor um referencial teórico traz um sentimento de afirmação acadêmica do valor embutido em cada uma das experiências singulares.

Confesso que, depois de voltar à realidade da rotina, enquanto revisitava minhas expedições arquitetônicas, por várias vezes, peguei-me refletindo se teria sido tudo verdade ou um grande sonho.

Como um aluno que sempre teve suas habilidades voltadas à prática do projeto de arquitetura, nunca poderia imaginar fechar o ciclo da graduação com um trabalho de palavras e ilustrações. O período em mobilidade e, agora, este estudo trouxeram a parcela de sensibilidade que, pessoalmente, eu sinto que faltava em mim, como estudante. A escrita nunca fez parte da minha vida ativamente, as letras nunca foram minha principal forma de expressão, mas os ensaios que apresento aqui me ensinaram que é possível utilizar as palavras ao meu favor e que, aliadas a registros e cartografias psicogeográficas, é possível descrever mais que o espaço e seus atributos físicos.

Ao longo de todo o trabalho, a relevância que pode ter a mobilidade acadêmica internacional é discutida, seja diretamente, como nos estudos analisados nas considerações iniciais, que identificam os benefícios esperados, tanto para as instituições de ensino, quanto para o estudante de Arquitetura e Urbanismo, ou seja, também indiretamente a partir da exposição de experiências enriquecedoras, que sempre estiveram ancoradas em conhecimentos teóricos e áreas do saber arquitônico, de forma que as duas realidades, o campo e a sala de aula, complementam-se constantemente.

Cada uma das viagens feitas poderia ter sido malsucedida, se não fosse um bom planejamento. O método particular que aprimorei ao longo do tempo e apliquei em várias oportunidades agora está disponibilizado sob forma de conselhos práticos e diretos, para que possa servir de amparo a outros colegas e interessados, de um modo geral.

Ao reconhecer as barreiras financeiras para a replicação desta experiência, é necessário destacar que a vivência arquitetônica “in loco” não se restringe à mobilidade acadêmica internacional, mas é

resultado do fomento à sensibilidade particular e de um olhar atento e dedicado ao viver e se relacionar com o espaço ao seu redor. Tomar distância do território onde residimos é, meramente, uma situação que instiga o interesse e a percepção através da curiosidade inerente ao ser humano de investigar o desconhecido. Desta forma, uma abordagem fenomenológica e psicogeográfica pode-se dar em espaços diversos, desde seu próprio quarto (dando atenção e palco aos detalhes), até mesmo, em territórios internacionais, abrangendo escalas distintas que, antes de cruzar fronteiras distantes, pode ser experimentada na própria cidade, no bairro ao lado, cidadez vizinhas, ou demais estados de um mesmo território nacional.

Por fim, além dos objetivos acadêmicos listados, com este trabalho, também alcancei o êxito em objetivos pessoais que me motivaram a produzi-lo, tais como o registro formal de meus dias como intercambista, de modo a democratizar as experiências, para que sejam de fácil acesso à comunidade acadêmica, sob a principal argumentação de devolver à instituição todo o investimento feito em minha formação e no programa de mobilidade internacional.

Hoje posso afirmar que pensar e desenvolver este trabalho me apresentou a uma versão de mim que eu nem mesmo conhecia.

Carta dedicatória

Dedico este trabalho inteiramente a meu pai, Paulo Macedo, aquele que me inspira a ser um profissional digno e ético a cada dia, além de me enriquecer constantemente, ao dividir seus conhecimentos admiráveis no ofício da Arquitetura e Urbanismo.

Pai, se um dia você pegou uma bicicleta e deu voltas e voltas na nossa cidade em busca das obras admiráveis pelos seus mestres e professores, hoje tenho o orgulho de dizer que, graças a ti, tomei meus pés e caminhei por mais de seiscentos e setenta quilômetros, passando por doze países, em busca das grandes obras na Europa, pelos mais notáveis arquitetos do mundo.

Que se inicie uma nova etapa, para mim e para nós.
Verdadeiramente, meu muito obrigado.

Luca C. B. Macedo

AMORIM, Paula. Fenomenologia do espaço arquitetônico: Projeto de requalificação do Museu Nogueira da Silva. Tese (Dissertação de Mestrado em Arquitetura), Universidade da Beira Interior, 2013.

ALTBACH, Philip G. Perspectives on international higher education. Change, London, v. 34, n. 3, p.29-31, maio 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/44833083_Perspectives_on_International_Higher_Education>. Acesso em: 20 agosto 2023.

AVEIRO, T. M. M. O programa Ciência sem Fronteiras como ferramenta de acesso à mobilidade internacional. #Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 3, n. 2, 2014. DOI: 10.35819/tear. v3.n2.a1867. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1867>. Acesso em: 5 ago. 2023.

BARBOSA, Matheus; **DI FELICE**, Emanuela. As apreensões urbanas em territórios latinos: a teoria da deriva em uma abordagem corpórea na cidade contemporânea. In: VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. 2020. Disponível em: <https://enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/22220.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2023.

CANUTO, Simone Aparecida. Um olhar científico sobre a relação de intercambio do estudante brasileiro em Portugal. Augusto Guzzo Revista Acadêmica, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 115-122, 2014. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/239/336. Acesso em: 23 de agosto de 2023.

COSTA, L. B. da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 066–077, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CUNHA, Maria Isabel da.; **RASCHKE**, Maria Janine. Mobilidade estudantil e internacionalização: Desafios contemporâneos e qualidade acadêmica. Integração Y Conocimiento, Córdoba, v. 1, n. 8, p. 17-32, 2019. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/integracionyconocimiento/article/view/24659/24131>. Acesso em: 23 ago. 2023.

DEBORD, Guy. The naked city. 1957. 1957. Disponível em: <http://www.frac-centre.fr/collection-artarchitecture/debord-guy/the-naked-city-64.html?authID=53&ensembleID=705>.

DEBORD, G. Teoria da deriva. Texto originalmente publicado no no. 2 da Revista Internacional Situacionista em dezembro de 1958. In: JACQUES, P.O. (Org). Apologia da deriva. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995a.

KNIGHT, J.; De WIT, H. (Eds.). Quality and Internationalisation in Higher Education. Paris: Organization for Economic Cooperation and Development, 1999.

KNIGHT, Jane. Internationalization Remodeled: definition, approaches, and rationales. Journal of Studies in International Education, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

MASCARENHAS, H. A.; DIAS, T. M. Análise da mobilidade acadêmica brasileira com ênfase na internacionalização e intensidade de relações. Em Questão, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 120243, 2022. DOI: 10.19132/1808-5245284.120243. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/120243>. Acesso em: 5 ago. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Original 1945. Fenomenologia da Percepção. 2^a ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas; FREITAS, Maria Ester. Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. Educ. rev, [s. l.], v. 3, n. 32, Jul-Sep 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698148237>. Acesso em: 5 ago. 2023.

OLIVEIRA, Adriana Leônidas; FREITAS, Maria Ester. Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 70 jul. -Set. 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tFqL6fdZwjPmZfCnBDnYDDv/?lang=pt> Acesso em: 05 ago. 2023.

PALLASMAA, Juhani. Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PALLASMAA, Juhani. Essências/Juhani Pallasmaa. Tradução de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

RAMOS, Aline Gonzaga. PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: desdobramentos e análise das possíveis contribuições à formação acadêmica dos bolsistas. Trabalho Final. Mestrado Profissional em Educação Formação de Formadores, PUCSP, 2016.

RIBEIRO, J. A. B.; AFONSO, M. DA R. Entre Partidas e chegadas: as possibilidades da mobilidade acadêmica para a formação inicial em Educação Física. Motrivivência: revista de educação física, esporte e lazer, p. vol. 33 (64), 2021. Acessado em: 05 agosto 2023.

SMITH, David Woodruff. Phenomenology. In: The Stanford Encyclopedia of Philosophy, Winter 2013 Edition, Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/phenomenology/>> Acesso em outubro de 2023.

STALLIVIERI, Luciane. As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional. 2009. 234 f. Tese (Doutorado) - Universidad del Salvador, Buenos Aires, AG, Programa em Línguas Modernas, 2009. Disponível em ><https://racimo.usal.edu.ar/52/>>. Acesso em: 23 de agosto de 2023.

UNESCO. Conferência Mundial sobre o Ensino Superior: Tendências de Educação Superior para o Século XXI. Paris: 1998. Disponível em: <<https://www.iesalc.unesco.org/ess/index.php/ess3/issue/view/21>>. Acesso em: 23 de agosto de 2023.

**MEMÓRIAS
DE UM
CAMINHAR
ATENTO**

Luca Cavalcante Barros. Macedo